MARIA INEZ MASARO ALVES

O ADOLESCENTE E A TV:

O Caso da Telenovela *Malhação*

UNICAMP
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

MARIA INEZ MASARO ALVES

O ADOLESCENTE E A TV:

O Caso da Telenovela *Malhação*

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Doutor.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

2m015427

ORIENTADOR: Profª Drª Ana Maria Meregalli Goldani

UNICAMP
2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE BC
Nº CHAMADA :
T/Unicamp
AL 87a
V. Ex.
TOMBO BC/ 42631
PROC. 16/2F8100
C D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 11/10/00
Nº CPD

CM-00144285-4

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

AL 87 a

Alves, Maria Inez Masaro
O adolescente e a TV: o caso da Telenovela Malhação / Maria Inez Masaro Alves. - - Campinas, SP : [s. n.], 2000.

Orientador: Ana Maria Meregalli Goldani.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Adolescência. 2. Feminismo. 3. Masculinidade. 4. Família. 5. Televisão. 6. Telenovela. I. Goldani, Ana Maria Meregalli. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.

MARIA INEZ MASARO ALVES

O ADOLESCENTE E A TV: O CASO DA TELENOVELA MALHAÇÃO

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Ana Maria Meregalli Goldani.

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 06/07/00

BANCA

Profa. Dra. Ana Maria Meregalli Goldani

Profa. Dra. Adriana Gracia Piscitelli

Profa. Dra. Maria das Graças Conde Caldas

Profa. Dra. Maria Filomena Gregori

Profa. Dra. Paula de Miranda Ribeiro

JULHO/ 2000

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

"Temos que aprender o espírito, a alma, a fisionomia das coisas e dos seres. Os efeitos! Os efeitos! Mas se eles são os acidentes da vida e não a vida!"

Honoré de Balzac

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

DEDICATÓRIA

Dedicatória

Ao Lutero,
pelo companheirismo carinhoso de todas as horas.
Aos meus netos,
Ana Clara, Pedro, Matheus, Bárbara, Juliana e Vinícius,
pela energia renovadora de seus abraços.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos

Terminar um trabalho é sempre muito gratificante e prazeroso, é a libertação de um compromisso imposto por nós mesmos e, por isso, mais comprometedor e valioso. Foram anos de dúvidas, angústias e esforços na eterna busca, que nós enquanto seres humanos estamos sempre nos colocando para superar nossos próprios desafios.

Essa sensação de dever cumprido é maior quando constatamos que foi o resultado de envolvimentos pessoais, quer com as pessoas que se prontificaram a fornecer informações para atender aos objetivos específicos do trabalho, quer, em especial, com todas as outras, que estiveram conosco participando de nosso crescimento pessoal e partilhando das pequenas e grandes alegrias e decepções, resultantes desta longa caminhada.

Falar de nomes! Ah, os nomes! Tão específicos e tão limitados para as significações que queremos lhes dar. Foram tantos e tão significativos, que não é possível nomear a todos, mas, através de alguns poucos, gostaria de expressar meus agradecimentos.

À Ana Maria Goldani, pela generosidade com que acreditou em meu trabalho, acolheu-me no Departamento de Sociologia e orientou pacientemente meus avanços.

À Mariza Correa, pela prodigalidade com que me abriu portas, janelas e becos para iluminar minhas leituras de gênero.

À Adriana Piscitelli, pela disponibilidade de ajuda na superação de meus primeiros tropeços.

À Paula Miranda-Ribeiro, pela simpatia com que tornou inteligível, para mim, uma metodologia de trabalho ainda não difundida.

Ao José Mário Ortiz Ramos, que me permitiu partilhar de suas reflexões e estudos sobre a mídia.

Ao Jair Aniceto da Silva, pela alegria desprendida com que se dispôs a participar das discussões com os adolescentes.

À Heloisa Buarque de Almeida, pela gentileza com que me permitiu acesso a suas pesquisas.

À Direção, professores e funcionários das escolas pelo reconhecimento do trabalho

e contribuição logística à pesquisa de campo.

Aos adolescentes que voluntariamente integraram os grupos focais, desvelando reflexões sobre suas vidas.

Particularmente,

Ao Edigar, Eloiza, Estela e Evandro, filhos queridos, pelas opiniões ponderadas e pertinentes sobre as questões discutidas, pelo amor gratuito, pela aceitação resignada de meus erros, de minhas limitações, e de minhas ausências em momentos tão importantes de suas vidas.

Ao Ricardo, David Neto, Simone e Cristiane, genros e noras especiais, pelo carinho reconfortante dos reencontros.

A Adair, Aladir, Antonio Ilício, Otto, Gilberto, Maria Aparecida, Valderez e José, irmãos de sangue e de coração, pelo conforto carinhoso de suas presenças e de suas palavras.

E postumamente,

Ao Luciano Luiz e Ernestina, que me deram a vida, deixando-me com o patrimônio de sua herança, o exemplo indelével da luta pelo bem.

Ao Eduardo, meu filho, que, tendo partido na adolescência, instigou-me para a busca de respostas.

A todos, obrigada pela grandeza de sentido que deram a minha caminhada.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 1

INTRODUÇÃO 1

CAPÍTULO 1 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 10

1.1. O RECEPTOR – O ADOLESCENTE 21

1.2. O MEIO – TELEVISÃO 38

1.2.1. Eixos de reflexão *39*

1.2.1.1. Natureza específica do meio 39

1.2.1.2. Competência técnica do meio 42

1.2.1.3. Autoridade do meio 51

1.2.2. As telenovelas *57*

1.3. A MENSAGEM – OS PAPÉIS 66

CAPÍTULO 2 – O TEXTO IMAGÉTICO 81

2.1. A NOVELA *MALHAÇÃO* 81

CAPÍTULO 3 – ENSAIOS 97

3.1. DISCUSSÃO EXPLORATÓRIA SOBRE AS CENAS E ATORES 97

CAPÍTULO 4 – OS RECEPTORES 121

4.1. LOCALIZAÇÃO DOS RECEPTORES 121

4.1.1. Americana – Espaço dos Receptores *121*

4.2. SELEÇÃO DOS RECEPTORES 123

4.3. GRÁFICOS EXPLICATIVOS DOS ALUNOS PESQUISADOS 125

4.4. CARACTERIZAÇÃO DOS GRUPOS FOCAIS **144**
Grupo 1 – Feminino 144
Grupo 2 – Masculino 144
Grupo 3 – Feminino 145
Grupo 4 – Masculino 145

CAPÍTULO 5 – A REPRESENTAÇÃO **147**

5.1. O RESULTADO DAS DISCUSSÕES **147**
5.1.1. Cena 1 – Violência doméstica *148*
5.1.2. Cena 2 – Relacionamento amoroso *153*
5.1.3. Cena 3 – Homossexualismo *157*
5.1.4. Cena 4 – Virgindade *162*
5.1.5. Cena 5 – Aborto *167*
5.1.6. Cena 6 – Casamento formal e procriação *171*
5.1.7. Cena 7 – Direitos iguais? *176*

CONCLUSÕES **183**

BIBLIOGRAFIA **189**

Anexos **209**

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos alunos dos dois universos pesquisados 125

Gráfico 2 - Sexo dos alunos dos dois universos pesquisados 126

Gráfico 3 - Raça dos alunos dos dois universos pesquisados 127

Gráfico 4 - Escolaridade dos pais dos alunos dos dois universos pesquisados 128

Gráfico 5 - Religião dos alunos dos dois universos pesquisados 129

Gráfico 6 - Freqüência à igreja pelos alunos dos dois universos pesquisados 130

Gráfico 7 - Número de irmãos dos alunos dos dois universos pesquisados 131

Gráfico 8 - Arranjos familiares dos alunos dos dois universos pesquisados 132

Gráfico 9 - Renda Mensal Familiar dos alunos dos dois universos pesquisados 133

Gráfico 10 - Número de aparelhos de televisão por domicílio dos alunos dos dois universos pesquisados 134

Gráfico 11 - Local de recepção das imagens televisivas, pelos alunos dos dois universos pesquisados 135

Gráfico 12 - Grupo de recepção das imagens televisivas, dos alunos dos dois universos pesquisados 136

Gráfico 13 - Programas preferidos pelos alunos dos dois universos pesquisados 137

Gráfico 14 - Freqüência com que os alunos dos dois universos pesquisados assistem às novelas. 138

Gráfico 15 - Novelas preferidas pelos alunos dos dois universos pesquisados 139

Gráfico 16 - Horas diárias de recepção das imagens televisivas, pelos alunos dos dois universos pesquisados 140

Gráfico 17 - Alunos receptores de *Malhação*, dos dois universos pesquisados 141

Gráfico 18 - Inserção dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular) no Mercado de Trabalho 142

Gráfico 19 - Horário de Trabalho dos alunos dos dois universos pesquisados 143

RESUMO

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre o papel da mídia televisiva, particularmente da telenovela *Malhação*, enquanto possível fonte de modelo para o adolescente, no que se refere às representações dos papéis do homem e da mulher como: virgindade, namoro, gravidez, aborto, casamento formal, na perspectiva de arranjos familiares. Dentro de tais representações, procura encontrar os elementos comportamentais característicos dos papéis masculinos e femininos que estão permanecendo como dominantes, que estão ficando como residuais e os que se revelam como emergentes.

Palavras-Chaves: Adolescência. Feminismo. Masculinidade. Família. Telenovela. Televisão.

ABSTRACT

ABSTRACT

The purpose of this work is to think over the influence of television, especially the telenovela *Malhação*, as a significant source of information for adolescent's behavior, on representation of woman's and man's roles as: virginity, courtship, pregnancy, abortion and lawfull marriage, in the perspective of futures families. This study is an attempt to understand how adolescents incorporate typical behavior elements, that are remaining as dominants, residuals and emergences.

Key Words: Adolescence. Feminism. Masculinity. Family. Telenovelas. Television.

APRESENTAÇÃO

O adolescente e a TV: O Caso da Telenovela Malhação

O objetivo deste trabalho é procurar entender o papel da mídia sobre o comportamento do jovem adolescente, ao perceber, reelaborar e incorporar as representações da realidade, transmitidas através das imagens da televisão. A análise proposta deverá enfocar principalmente as questões de relacionamento como namoro, casamento, procriação e a constituição de arranjos familiares futuros.

Busco entender um pouco mais a adolescência, faixa etária que sempre fez parte de meu trabalho de educadora, enquanto professora, enquanto mãe e enquanto orientadora educacional. Lidar com rebeldias específicas de filhos e alunos, sabendo ou não como tratá-las, levou-me a incertezas e à possibilidade de ver a adolescência não como a indesejada "aborrescência", mas como uma idade plurisignificativa e carente de cuidados.

Estudar a adolescência é um trabalho que venho realizando há muito tempo, mesmo antes de minha dissertação de mestrado "O vestibular e a Escolha

profissional"[1]. A adolescência, para mim, é acima de tudo idade da dúvida, das indagações, do complemento, do reconhecimento de si mesmo e dos outros, e mais do que tudo, da construção da identidade. É a idade das escolhas que se mostram cada vez maiores e mais difíceis, num mundo que se abre a múltiplas possibilidades, mas que conserva ainda tantas limitações. A adolescente, vista hoje como amorfa, apática e sem vontades, já mostrou através da história seu poder ao arrombar corajosamente as portas de valores ultrapassados, quebrando tabús e construindo direitos. A juventude que hoje é acusada de consumismo, ontem organizou-se em movimentos e lutou por justiça social. Se hoje tranca-se na segurança de seus quartos para amores virtuais, ontem, engajada ao movimento *hippie* gritava "faça amor, não faça a guerra".

Assim, no intuito de melhor entender o adolescente, procurei, dentro da totalidade social mundializada e globalizada, um instrumento de análise que possibilitasse o entendimento deste sujeito, e dentro da mídia televisiva encontrei um programa dedicado ao adolescente que poderia fornecer todos os elementos para este estudo. Assim, dirigi meu olhar para as imagens refletidas pela televisão e, através delas, perceber o olhar adolescente ao pinçá-las e reproduzí-las.

Este trabalho específico sobre o olhar do adolescente sobre a mídia será relatado em forma de capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a Revisão Bibliográfica dos elementos interlocutores: O Receptor – o adolescente; O Meio – televisão; A Mensagem – os papéis. É uma recuperação teórica, histórica e jornalística,* buscando entender questões pensadas e manifestas sobre a mídia, enquanto possível fonte de mo-

[1] Esta dissertação foi o resultado de uma pesquisa realizada com mais de quatro mil estudantes de terceiro colegial e cursinhos de escolas públicas e particulares da cidade de Campinas, onde se concluiu que no momento de fazer a opção para o vestibular o jovem adolescente não está suficientemente maduro e preparado cultural e emocionalmente para exercer a escolha, fato que faz com que abandone seu projeto de vida e o torne frustrado na futura vida profissional. Cf. Alves, M. I. M. "Vestibular e a Escolha Profissional". Dissertação de Mestrado. FE. UNICAMP, maio de 1993.

* As notas extraídas de jornais e revistas não têm objetivos de caráter científico, serão utilizadas, tão somente, para contextualizar e ilustrar o texto.

delos de comportamento para uma adolescência que está construindo suas relações com o outro, nas próprias perspectivas para arranjos familiares futuros.

O segundo capítulo é a apresentação do instrumento mediático – O Texto-Imagético tomando a novela *Malhação* enquanto *script* para os atores sociais.

O terceiro capítulo, que chamo de Ensaios, é uma discussão exploratória dos primeiros discursos adolescentes, colhidos em momentos distintos e realidades escolares diversas, envolvendo diferentes cenas sobre questões que norteiam este trabalho.

O quarto capítulo, que nomeio como Receptores, vai localizar no tempo e no espaço os espectadores – adolescentes estudantes de dois universos diferentes: escola pública e particular, mostrando seus envolvimentos culturais específicos.

O quinto capítulo que, denomino de Representação, é um estudo comparativo dos olhares e discursos de adolescentes específicos em suas realidades, construídos em torno das representações e das reflexões geradas pelas cenas extraídas da novela *Malhação*.

Finalmente, apresento minhas Conclusões Finais.

INTRODUÇÃO

Por ter perdido muito de sua rebeldia – sua característica maior, a adolescência, hoje, parece ter perdido seu encanto. Não se justificam mais revoltas e movimentos de rebeldia quando os direitos já foram conquistados combativamente por gerações anteriores e, seguramente, garantidos pelos pais. As emoções já não são mais produzidas pela infração de regras e invasão dos limites. Todas as regras são passíveis de exceção, dentro de limites cada vez mais indefinidos e ampliados. Na mudança das relações geracionais, os pais, considerados "ditadores", hoje transformaram-se em realizadores dos desejos e prazeres dos filhos. Do "tudo é proibido", passa-se para "É Proibido Proibir". Os jovens que antes sonhavam em sair de casa para conseguir um trabalho e a conseqüente liberdade, hoje rejeitam a independência com o desejo de permanecerem o maior tempo possível no ninho doméstico. A casa dos pais é a síntese do conforto, do bem estar, do prazer, do aconchego e da felicidade. Dentro dela não é preciso assumir responsabilidades, apenas usufruir direitos, sendo permitido até mesmo o relacionamento sexual com a garota escolhida. O comportamento juvenil é tolerado mais do que nunca, pois seu *glamour* e suas promessas fizeram com que a juventude se despisse de uma faixa etária, se prolongasse indefinidamente, e se tornasse um ideal a ser alcançado e mantido, um território onde todos querem viver eternamente.

Diante das rápidas mudanças comportamentais, as gerações mais velhas mantêm-se perplexas diante do inesperado e do inexplicável. A pergunta freqüentemente feita é:

Onde vamos parar?

Dentro do tecido social que está cada vez mais colorido e mais complexo, instaura-se uma perplexidade da geração mais velha diante do comportamento sexual da juventude, diante de papéis sociais que fogem dos padrões tradicionais esperados para os papéis masculinos e femininos. Perplexidade que para uns se traduz como aprovação, e para outros como espanto e reprovação. Aprovação que vem de mães e pais que fizeram parte dos movimentos feministas e *hippies* na luta pelos direitos iguais da paz e amor. Reprovação e espanto das famílias que ainda conservam valores como o poder imanente ao homem e a submissão própria à mulher (Freyre, 1983; Oliveira Vianna,1949) e entendem como transgressivas as atitudes da juventude atual. Para os que aprovam as mudanças, o comportamento da juventude nada mais é que o desenrolar normal da história, reforçando o pensamento de Ballandier de que :

> Toda sociedade viva é uma sociedade que se está fazendo, solicitada, contraditoriamente, pelas forças de mudança e pelas de conservação, mas necessariamente arrebatada pelas primeiras. E são as práticas dos atores sociais, quer individuais, quer coletivos que interpretam e solicitam, utilizam e manipulam, tentam orientar, segundo seus interesses e seus valores, os sistemas de relacionamentos sociais de que participam. (1976: 305).

Seja reprovando ou aceitando as mudanças, tanto uns quanto outros, têm suas razões, no sentido dado por Williams (1992), de que a cultura se constitui por sistemas de significações realizados e correlatos. Sendo característico dos sistemas educacionais, pretenderem estar transmitindo conhecimento, ou cultura, em sentido absoluto, embora: "seja óbvio que sistemas diversos, em épocas diversas e em países diversos, transmitem versões seletivas radicalmente diversas de co-

nhecimento e de cultura." (Williams, 1992:183).

Atualmente, mais do que continuidade, assiste-se a um perceptível destempo e a uma notável desterritorialização, próprios do mundo contemporâneo intimamente ligado à cultura tecnológica, diz Barbero(1998:54)

> As mudanças que se encontram, senão determinadas, ao menos fortemente associadas às transformações tecnoperceptivas da comunicação, ao movimento de desterritorialização e internacionalização dos mundos simbólicos e ao descolamento de fronteiras entre tradições e modernidade, entre local e global, entre cultura letrada e cultura audiovisual.

Assim, o olhar sobre a tecnologia pode ser responsabilizado pelas diferenças entre as formas e a intensidade com que se dá a perplexidade perante o ato manifesto, nas diferentes sociedades e grupos sociais. Neste sentido, o olhar torna-se o crivo para a organização e seleção de passado e presente na constituição de uma cultura. Crivo que, segundo Ballandier (1976), está em constante trama, resultado dos atores envolvidos no processo.

Quem seriam os agentes dessa transmissão? Quem seriam os atores desse processo? Não são mais unicamente pais, mães, avós e irmãos mais velhos, membros das famílias extensas do passado, que tomavam para si e assumiam a educação das novas gerações (Freyre, 1983; Vianna, 1949; Popenoe, 1989). Muito menos, tão somente as escolas e as diferentes profissões assistenciais (Lasch, 1991; Perrot, 1993) criadas pelo mundo capitalista para substituir o papel dos pais. No que se refere às orientações sexuais, e à educação sexual propriamente dita, pais e escola, perderam seu papel principal para os meios de comunicação, especialmente para a televisão, que pela abrangência, e por conteúdos sem restrições, incumbiu-se desta tarefa, tornando-se um educador sexual efetivo diz, Strasburger (1999).

A dinâmica social trouxe novos referenciais para os papéis do homem e da mulher. A mulher – mãe, que vivia sob o poder masculino (Engels,1995; Marx e

Engels; Freud, 1969; Bordieu,1990, 1995; Beauvoir, 1990), que lutou em movimentos feministas e conquistou seus direitos provocando a construção de novos arranjos familiares (Áries, 1981; Sckolnick, 1991; Goldani, 1993,1994; Correa, 1994), foi ajudada por uma nova estrutura econômica. Mudanças mais sensivelmente sentidas quando foi presenteada, pelas pesquisas científicas, com as pílulas anticoncepcionais que a libertou da prole numerosa, dando-lhe o direito de sentir prazer (Giddens, 1992). Hoje, a mãe que se dedica exclusivamente ao marido e aos filhos é quase inexistente, e o sossego do lar é garantido pelas babás loiras[2] dos programas chamados infantis, onde a mídia (Schwartz,1985; Strasburger, 1999) com seus tentáculos onipresentes dentro da aldeia global (Mac Luhan,1989) substitui o real pelo imagético.

Como a criança, o adolescente ou mesmo o adulto se comporta de uma forma inesperada e não de outra prevista? Por que, por vezes, existem surpresas e perplexidades diante de suas atitudes? De que forma os adolescentes estão selecionando as informações para que passado e presente sejam reproduzidos ou esquecidos? De que maneira as atitudes das pessoas passam a ser organizadas e selecionadas, constituindo o que Williams (1992) denomina de elementos dominantes, residuais e emergentes de uma cultura?

As pesquisas têm demonstrado que grande parte do comportamento das pessoas se dá pela imitação ou modelação, e as experiências do cotidiano reforçam as hipóteses de que muitos comportamentos e atitudes das pessoas são pautados por atitudes e comportamentos alheios. Em muitas situações, os indivíduos solucionam problemas fazendo o que viram os outros fazerem e sendo bem sucedidos (Miller e Dollard, in Hill, 1981). Confirmando o pensamento de Miller e Dollard, Skinner (1989: 209) diz: "Quando nos identificamos com o herói da nove-

[2] Os programas infantis da televisão brasileira são, em sua grande maioria, apresentados por adolescentes e jovens loiras. A pioneira de sucesso foi Xuxa, conhecida como a musa dos "baixinhos", que começou na Rede Manchete e hoje é exclusiva da Rede Globo. Depois, veio Angélica, fazendo quase que a mesma trajetória – Manchete, SBT e Globo –, e Eliana, que fez sucesso no SBT e agora está na Rede Record, sendo substituída no SBT também pela loira Jaqueline. Além da apresentação de programas de grande audiência, estas apresentadoras recebem participação nos lucros de uma série de produtos que levam suas marcas.

la, de uma fita, ou de uma peça, ou desempenhamos vigorosamente um personagem, simplesmente nos comportamos do mesmo modo – isto é, imitativamente."

Também Heller (1992) coloca ênfase no processo imitativo da vida em sociedade ao afirmar que não há vida sem imitação, uma vez que, na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procede-se meramente segundo preceitos, mas através da imitação.

Bandura e Walters (1963) vão além, ao concluírem que a aprendizagem não é apenas uma simples imitação, mas um processo de modelação, uma identificação na tentativa de ser exatamente como o outro. Tais processos não exigem que os modelos sejam reais e próximos como pai, mãe e irmãos mais velhos;. podem ser mesmo personagens de história, de ficção como das novelas de televisão. O essencial para um modelo ideal é que seja premiado, assim a imitação será reforçada. Se, ao contrário, o modelo for punido, ocorrerá uma tendência para que a imitação seja extinta.

As conclusões de Bandura e Walters (1963) diminuem a carga da responsabilidade da família, tirando-lhe a total responsabilidade pela educação de seus filhos. A totalidade social, rica e plural, oferece inúmeras fontes de modelos, principalmente os referentes aos meios de comunicação de massa, que constituem-se em múltiplos exemplos a serem seguidos. Neste sentido, são injustificáveis as preocupações de Popenoe (1989) com a manutenção das famílias extensas do passado como local privilegiado de exemplos, pois fora delas existe toda uma imensa possibilidade de modelos plurais passíveis de imitação ou rejeição.

A televisão do século XX, com seu texto imagético repleto de heróis, está substituindo a imprensa de Gutemberg, que nos séculos XVI e XVII provocou tantas inquietações a pais e educadores, ao pressentirem que os modelos próximos e familiares poderiam ser trocados pelos heróis da Literatura. Naquela época, preocupado com a educação, Fénelon, ao escrever *Traité de l'éducation des filles*,

alertava para os perigos que a imitação de maus modelos pode acarretar os jovens.

A grande diferença entre a imprensa de Gutemberg e a televisão, e talvez por isso mais preocupante, é que para ler um livro, um texto escrito, exige-se aprendizado, conhecimento dos signos linguísticos e um pensamento lógico e racional desenvolvido. Para "ler" o texto imagético, o processo é bem mais simples, não é preciso aprendizado, não se exige pré-requisitos, através da visão, apela-se, tão somente, para as sensações e emoções. Requisitos quase que exclusivamente neurológicos.

Diante a multiplicidade e a extensão dos modelos facilitados e gerados pelos meios de comunicação, uma das preocupações de Bandura (1963) foi descobrir em que medida os modelos apresentados pela televisão poderiam contribuir para o comportamento agressivo em crianças[3] (Hill, 1981). Strasburger (1999: 15) apresenta uma série de pesquisas nesta área, concluíndo que "a natureza onipresente da televisão torna-a difícil de ser estudada, assim como o ar que respiramos". Mas para ele, mesmo que todo amplo corpo de pesquisas sobre a televisão fosse inconclusivo, não seriam necessários tais estudos para concluir que crianças não devem testemunhar a violência gráfica da televisão. Os programas de combate às drogas, fumo e alcóol são a confirmação de que a televisão tem importância enquanto agente educativo (Strasburger,1999).

O que está sendo discutido não é apenas a abrangência da televisão enquanto fonte de ídolos e heróis, mas também se tais ídolos e heróis transformam-se em modelos. Será que a vida é apenas e tão somente uma constante imitação? Goffman (1975) teria razão ao afirmar que a vida das pessoas é a represen-

[3] Mapeamento estatístico da ONU feito em 6 emissoras abertas brasileiras – Globo, SBT, Record, Cultura, Band e Manchete, em agosto de 97, constatou que são apresentados 20 crimes por hora de desenho. Destes, 34% são totalmente gratuitos, 40% são cometidos de forma aleatória – corpo, vaso, sacos, ferramentas; 13% são cometidos com arma de fogo; 9% com arma branca. Em geral, não são apresentadas conseqüências para tais crimes. A mesma pesquisa, feita nos Estados Unidos, mostra que os personagens agressivos são apresen-

tação de papéis, que como atores devem representar ?

A metáfora do teatro para as representações humanas, apresentada por Goffman (1975), extrapola as teorias científicas sendo constante na literatura como aparece em Shakespeare: "a vida é uma sombra ambulante: um pobre ator que gesticula em cena uma hora ou duas, depois não se ouve mais, um conto cheio de bulha e fúria, dito por um louco significando nada." (*Macbeth*, ato IV, cena V).

Em *Macbeth*, Shakespeare dá o *script* tramando o futuro pela previsão das bruxas. Mas, não seriam as bruxas de Shakespeare, também elas, consciências individuais regidas por "em tornos" culturais? Não estivessem o general Macbeth e sua mulher Lady Macbeth imbuídos pela ganância do poder, teriam eles decifrado a fala enganadora e cometido o assassinato de Duncan?

Se no cotidiano tem-se a sensação e mesmo quase a certeza de que em muitas situações da vida social as pessoas estão representando papéis, a metáfora do teatro que vê a vida como uma constante representação pode ser aceita no sentido de que cada ator tem uma leitura diferenciada do texto e uma forma específica de representar. O importante é o reconhecimento para que homens e mulheres sejam donos de suas representações de mundo, fazendo com que o indivíduo reconheça a ação que exerce e a que é exercida sobre ele.

Que visão de mundo o indivíduo deve captar, ou dar-se a si mesmo para ter um possível domínio sobre seu futuro, perguntam-se Cohén-Seat e Fougeyrollas (s/d). Para eles, o nó górdio da inserção neste século não parece residir nas técnicas de produção, ou distribuição das riquezas, nem na gestão das sociedades, mas na dificuldade de tomar consciência, de modo controlado da nossa vida no mundo, e ainda mais profundamente das implicações das ações humanas. São

tados de maneira positiva, as cenas de violência não são seguidas de punições ou sanções e os personagens só são punidos em 40% dos casos. *Folha de S. Paulo*, 26/10/98.

questões antropológicas que dizem respeito à existência individual e coletiva do homem em seu contexto histórico.

Neste sentido, o que se pretende saber é: se a televisão está fornecendo modelos copiados e inseridos pelos adolescentes em suas representações da realidade.

É com este referencial que inicio este trabalho, acreditando que os adolescentes se comportam por imitação e, as vezes, mesmo por modelação. Acreditando que os modelos podem ser encontrados em qualquer fio do tecido social que está cada vez mais colorido, e que a escola e a família já deixaram de ser os grandes e exclusivos agentes socializadores das novas gerações.

Este trabalho fundamenta-se também na teoria da reprodução de Bordieu e Passeron (1975), acreditando que em uma sociedade onde os pais já não participam tão ativamente da educação de seus filhos, e onde as crianças passam a maior parte do tempo com os programas televisivos, justifica-se a responsabilidade dos atores, ou mais propriamente dos personagens televisivos enquanto modelos de comportamento, seja de reprodução ou de mudança. Na cotidianeidade, os modelos televisivos são vistos mais como negativos e responsabilizados pela decadência moral da juventude. [4]

No caso específico deste trabalho, a reflexão que se faz é sobre o papel da

[4] Esta afirmação pode ser constatada pelas páginas da Internet, como foi encontrado no dia 2 de julho de 1998, às 21:42. "mensagem urgente aos pais e mães de família responsáveis. Caros pais de família. A TV já passou de todos os limites. Não podemos mais aceitar o pesado lixo imoral de programas como "Domingo Legal", "Torre de Babel" "Márcia", "Intercine" "Sai de Baixo" "Casseta e Planeta" e muitos outros ainda. Imoralidade só ? Não. Pornografia. Recentemente o "Domingo Legal" emporcalhou uma tarde de Domingo com uma reportagem imunda sobre uma feira de material pornográfico que se realizou no Anhembi. "Márcia" do SBT, apresentou um programa com mulheres relatando suas fantasias sexuais que, depois eram como que realizadas por porno-atores que se despiam numa representação infame. E isso às 18:00 horas!!! Quando nossas crianças estão diante do vídeo. Os promotores desse lixo que é despejado em nossas casas afirmam que se trata apenas de um reflexo da sociedade atual. Será que isso é verdade? Será que a maioria dos 160 milhões de brasileiros vive mergulhada nessa lama, nessa promiscuidade, propagandeada e incentivada pela televisão? Vamos mostrar que não!!! É por isso que o "Amanhã de Nossos Filhos" lança-se nesta campanha nacional URGENTE. Participe você também. Preenchendo a pesquisa no WEB Site da Campanha "O Amanhã de Nossos Filhos" http://www.oanfilhos.org.br".

mídia televisiva enquanto uma das possíveis fontes de modelo para o comportamento adolescente na construção de suas representações sobre a sexualidade, ao estabelecer relações com o outro, na perspectiva de arranjos familiares futuros[5]. Dentro de tais relações, torna-se relevante encontrar os elementos comportamentais característicos dos papéis de homem e mulher que estão permanecendo como dominantes, o que está ficando como residual e o que está se revelando como novo, como emergente, dentro da caracterização feita por Williams (1992) sobre os elementos constituíntes da cultura.

No intuito de desvelar a televisão e poder entender porque lhe é imputada tanta responsabilidade[6] e na perspectiva de que as ações humanas não são gratuitas, mas fruto de uma história que se concretiza e se faz, não por atitudes isoladas, mas modelares, esta pesquisa vai relacionar um texto específico da mídia televisiva – a novela *Malhação*, com o discurso dos adolescentes sobre o papel do homem e da mulher, constituíntes dos arranjos familiares.

---

[5] O olhar sobre a família, dentro das imagens televisivas, resultou de uma pesquisa realizada em 1993, com alunos adolescentes de uma escola particular da cidade de Campinas, quando eu perguntava: Para você o que é realização pessoal? As respostas variavam em arranjos que incluiam: saúde, carreira profissional, dinheiro, amor, Deus e família. Entretanto, a família foi o elemento que se destacou, aparecendo em mais de 80% dos arranjos. É uma prova de que embora pesem todas as críticas de sua decadência e mesmo de sua extinção, a família continua presente no projeto de vida dos adolescentes, fato que tem se confirmado nas mais diferentes pesquisas, como é o caso da pesquisa Datafolha concluindo que 93% das pessoas pesquisadas consideram a vida em família ótima/boa. Como também constatou que dentre os valores apresentados, a família, nos anos 90, é considerada o maior valor para 63% das pessoas entrevistadas, superando o estudo, trabalho, religião, dinheiro, casamento e lazer. Folha de São Paulo,22/09/1998

[6] A responsabilidade imputada à televisão pode ser justificada pelo número de aparelhos de televisão existentes entre a população. A abrangência da midia televisiva, induz à conclusão de que sua mensagem é recebida por quase a totalidade dos brasileiros, como mostram os dados da pesquisa realizada em 1989 pela equipe técnica do Instituto de Estudos Econômico, Sociais e Políticos de São Paulo. Com questionários elaborados pelo Grupo de Trabalho sobre políticas Culturais do Conselho Latino Americano de Ciências Sociais, com o objetivo de realizar estudos comparativos sobre o consumo de bens culturais em São Paulo, Buenos Aires, Santiago, Lima, México e outras localidades latino-americanas, a pesquisa concluiu que nos domicílios "pobres" há um número de 259 aparelhos de televisão para 269 entrevistados; entre os "modestos" são 303 televisores para 284 domicílios e entre os "ricos", 441 televisores para 360 domicílios. Entre os grupos pesquisados, "ver televisão", como atividade de tempo livre, ocorre sempre com freqüências elevadas, praticamente acima de 80%, atingindo mesmo, em alguns casos, a marca de 100%. Cf. Arantes, A. A., "Horas Furtadas – Dois Ensaios sobre consumo e entretenimento". Cadernos IFCH. UNICAMP, abril de 1993.
Segundo a agência DPZ, 6,3 milhões de lares adquiriram sua primeira televisão entre 94 e 97. Em 97, 100% dos domicílios da classe A e B tinham televisão em cores, e 85% deles tinham mais de um aparelho. Na Classe C, 98% tinham televisão em cores, 25% mais de um aparelho; 93% dos domicílios das classes D e E tinham televisão; destes, 81% em cores e 8% com mais de um aparelho. Dados obtidos pela *Folha de S. Paulo*, 12/04/98.

Procedimentos metodológicos: A pesquisa com a telenovela *Malhação* enquanto texto da midia televisiva[7] e instrumento de análise do adolescente em seus relacionamentos com o outro e suas perspectivas de arranjos familiares futuros,"[8] foi feita através de grupos focais com cenas retiradas das apresentações

[7] A pesquisa específica sobre mídia, em meu trabalho, começa com um estudo exploratório naquilo que a mídia tem de mais específico – o consumo e a representação dos papéis de mães e pais, que resultaram no texto "Construção do Conceito de Família através das Imagens de Televisão", onde analiso os comerciais para o "Dia das Mães" e "Dia dos Pais" veiculados pela televisão no ano de 95. As conclusões são as seguintes: pelo "Dia das Mães", notou-se que, embora pesem os discursos de que a mulher já avançou bastante fora do espaço limitado pelo tanque e fogão, houve uma demonstração bastante evidente de que a mulher/mãe carrega ainda o rótulo de dona de casa, de "rainha do lar", cujos desejos não são manifestos, reforçando uma negatividade que se operacionaliza na sublimação pelos filhos, seja na dor do parto, seja na administração dos recursos financeiros, onde o investimento nos outros resulta na abdicação de si própria. Neste sentido, para deixá-la feliz, bastam lavadoras, secadoras, liquidificadores, batedeiras, coisas para o lar. A mídia não ofereceu produtos que presenteassem a mulher profissional. Foi irrelevante a oferta de objetos para uso pessoal. Não foi possível detectar com segurança se houve intenção manifesta na elaboração e veiculação deste tipo de comercial e se esta intenção partiu dos *mídias* ou dos clientes, donos dos produtos. Enquanto o objetivo da mídia é vender, ela tem primeiro que detectar as aspirações de um público específico, chamado público-alvo. No caso do "Dia das Mães" o público-alvo são os maridos e os filhos. Para alimentar o imaginário deste público específico, a imagem mais apropriada às expectativas é a da mãe dedicada que fica em casa provendo o bem estar da família. O objetivo da propaganda é sempre acionar idéias agradáveis nas pessoas, motivando-as a consumir determinado produto. Com relação à mãe, continua sendo agradável e prazeroso o perfil de dona de casa. Os comerciais do "Dia dos Pais" estavam repletos de objetos de uso pessoal, desde cuecas até automóveis. Era clara a positividade do pai quando afirmava o que queria ganhar. Ficou evidente, naquele ano, a ligação do pai com a afetividade. Isto pode ser considerado como um avanço, se for levado em conta que, preteritamente, o homem estava totalmente vinculado à racionalidade, onde era proibida a manifestação de sentimentos, prova de fragilidade. Demonstrando que a relação assimétrica entre homem e mulher já não é tão pronunciada e que aos pais também, além das mães, cabe a educação e a manifestação de carinho para com os filhos. É importante destacar que tais conclusões não foram individuais da pesquisadora e, sim, o resultado de discussões entre esta e os adolescentes, alunos de uma escola particular de Campinas, que analisaram os comerciais através de fitas de video. Cf. Alves, Maria Inez Masaro, "A Construção do Conceito de Família através das Imagens da Televisão", p. 18/19.

[8]Ao indagar sobre os papéis masculinos e femininos, dentro da família, elaborei um questionário dirigido aos pais filiados à "Escola de Pais", estruturado sobre a pesquisa que buscava traçar o perfil das famílias das classes A, B, e C, realizada com objetivos mercadológicos e relatada no Listen Post Latino-americano, "Coisas de Família", pesquisa coordenada pela socióloga Clarice Herzog para Standard Ogilvy e Mather. Esta pesquisa constatou que, para os latino-americanos, a família é uma instituição de altíssima confiabilidade. Entretanto, a classe social, idade, sexo, contexto cultural são fatores que, entre outros, provocam maneiras distintas de pensar sobre a família. Sendo assim, os resultados da pesquisa demonstraram que existem basicamente, entre latino-americanos, seis modos diferentes de pensar a família. São elas: Liberais – 25% da amostra: manifestam uma acentuada liberalidade de opiniões em relação à moral e à educação sexual, ao papel do homem e da mulher na sociedade conjugal e à concepção de família. Pais Aflitos – É um grupo numeroso: 23% da amostra; constituído por pessoas que acham que a família está sendo substituída por outras instituições, como a escola e o clube, e vem perdendo a importância e o respeito que tinha antes. Patriarcas – correspondem a 17% da amostra pesquisada: são os mais taxativos em relação a idéia de que quem manda e decide em relação ao casal é o homem. A mulher não deve trabalhar fora, porque os homens preferem mulheres economicamente dependentes, obedientes ao marido. Guardiães de Valores – 15% da amostra: defendem, mais que todos os outros segmentos, a concepção do casamento no civil e religioso. Moralistas – somam 12% da amostra: evidenciam, como os patriarcas, uma moral familiar tradicional, à qual acrescentam uma maior preocupação com

que foram ao ar entre março de 1998 e outubro de 1999.

Esta pesquisa não busca somente falar do adolescente, mas falar com ele para ouví-lo, decifrá-lo e compreendê-lo. Para isso, elegi os grupos focais como instrumento metodológico a ser utilizado, como fizeram Leal (1998), quando realizou sua pesquisa *Sexualidade e Reprodução* com uma população urbana de baixa renda na cidade de Porto Alegre, e Miranda-Ribeiro (1997) em *Telenovelas and Sexuality transition among teenagers in Brasil,* pesquisas que guardam afinidade com meu trabalho.

Os grupos focais foram escolhidos, mais pela riqueza de seus resultados que simplesmente pela sua especificidade de instrumento criado e exaustivamente explorado pela mídia. Pela facilidade com que são geradas as discussões, descobri nos grupos focais a espontaneidade não encontrável nas entrevistas de profundidade, instrumento de uso mais frequente nas Ciências Sociais.

Sem dúvida, os grupo focais oferecem uma maior possibilidade de contra-

a moral sexual. Resistentes – são minoritários (8%): caracterizam-se por se colocarem abaixo da média em praticamente todos os aspectos levantados, evidenciando um resistência a todas as convenções estabelecidas em torno da família: que a vida do casal se resume no filhos, que o casal com filhos não deve separar etc. As respostas ao questionário mostraram que a maioria situa-se entre os pais aflitos e os liberais. Entretanto, existe ainda um número considerável de moralistas e guardiães da família. A Escola de Pais é um movimento ecumênico, particular, voluntário, gratuito, cuja finalidade é aprimorar a formação dos pais, ajudando-os a melhor exercerem suas funções educativas na família e na sociedade, conscientizando-os de sua responsabilidade na formação dos filhos. Segundo dados obtidos junto à Secretaria nacional, a clientela atendida é formada por casais com ou sem filhos, educadores, noivos, divorciados, viúvos(as), casais em situação irregular, casais em experiência antes do matrimônio. "Para nós da Escola de Pais, entende-se casal aquele homem e aquela mulher que se amam, vivem juntos e têm filho para educar. Nosso objetivo é ensinar educar bem". A "Federation International Pour L'éducation des Parents" tem sede em Sevres-France. Além da França existem escolas de pais em Portugal, Espanha, Itália, Finlândia, Bolívia, Senegal, Panamá. No Brasil, existe desde 16/10 de 1963, com sede em São Paulo, num total de 120 escolas distribuídas pelos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, com mais de 4.000 coordenadores. No Brasil, é declarada de utilidade pública (Dados fornecidos no dia 14 de outubro de 1999, pela Secretaria da Escola de Pais do Brasil Ltda. - São Paulo). O questionário, elaborado sob a orientação da Profª Ana Maria Goldani, foi aplicado por mim durante uma palestra que fui convidada a proferir durante uma reunião dos pais, em abril de 97, e encontra-se nos Anexos. Dentre as respostas mais relevantes, dada sua porcentagem, a mídia – mais propriamente a televisão – foi apresentada como a instituição que tem maior poder de influência sobre os jovens. Tal resposta vem da maioria dos pais que tem curso superior. Os pais cuja escolaridade está entre o fundamental e médio responderam que são a escola, os amigos e os pais os responsáveis pelo comportamento dos jovens.

pontos, quando imagens desencadeiam idéias espontâneas e sem censuras, quando os participantes se manifestam, contestam e colocam suas indagações em discussão. Neste sentido, os discursos resultantes são menos policiados e mais autênticos. Segundo Miranda-Ribeiro (1999 :1) grupos focais são:

> um instrumento de pesquisa cujo objetivo é perceber os aspectos normativos e valorativos que regem um determinado grupo. Os GFs têm sido utlizados nas Ciências Sociais como forma de entender a dinâmica das atitudes, opiniões, motivações e preocupações dos indivíduos. Uma das grandes vantagens dos GFs é o fato dos dados serem gerados através da interação entre participantes. Cada grupo se constitui de seis a doze participantes, recrutados de acordo com os interesses da pesquisa. A conversa é conduzida por um moderador, que tenta criar um ambiente relaxado e permissivo, de forma que os participantes se sintam à vontade para expressar seus pontos de vista e percepções acerca de um determinado assunto.

O "focus group" aparece pela primeira vez em 1941, quando Paul Lazerfeld, a convite de Paul Merton, assume o Office of Radio Reserch at Columbia University. A técnica era utilizada para fazer avaliação de audiência dos programas de rádio e, a partir daí, torna-se um importante instrumento de pesquisa para a mídia, acadêmicos, policiais e por homens de negócio, proporcionando um rico e detalhado corpo de informações sobre percepções, idéias, sentimentos e impressões manifestos com palavras próprias; por suas características, tornou-se também instrumento importante dentro das Ciências Sociais. O termo "focus" é empregado para definir que os grupos são formados para discutir assuntos com questões pontuais e limitadas. O "focus group", ao fornecer um grande número de informações para serem organizadas e analisadas, como instrumento por excelência da pesquisa qualitativa, está sendo considerado um método privilegiado para obter respostas para questões específicas de pesquisa em Ciências Sociais. (Steward e Shamdasani, 1990).

O grupo focal, em sua estrutura, além do público-alvo que deve variar entre 6 e 12 participantes, requer um moderador e um relator. O moderador conduz a

reunião e atua como facilitador das discussões. Um bom moderador, afirma Miranda Ribeiro, é aquele que não induz as respostas dos participantes e consegue fazer com que um maior número possível de pessoas participem ativamente da conversa.

A pesquisa propriamente dita foi realizada em dois momentos distintos: grupos exploratórios e grupos comparativos. Nos grupos exploratórios a pesquisadora foi a monitora de todos os grupos, em número de oito. Nos grupos comparativos houve a participação do professor Jair Aniceto da Silva[9] como moderador dos dois grupos masculinos.

O relator tem a função de numerar e anotar as falas, o que facilita sobremaneira a análise dos dados. Nos grupos exploratórios não houve relator; nos grupos comparativos femininos, as anotações foram feitas pela pedagoga Samara Cristiane Paulino.

Dentro da proposta dos grupos focais, as discussões podem ser gravadas ou não, e esta decisão é sempre difícil. Se gravamos perde-se em espontaneidade, se não gravamos perdem-se os detalhes com a riqueza e a profundidade das discussões. No caso desta pesquisa, embora sabendo da dificuldade que seria transcrever as fitas, resolvemos gravar, uma vez que o mini-gravador, que inibe nos primeiros momentos, com o desenrolar das conversas torna-se quase que imperceptível, mesmo porque, no início, garantíamos aos participantes o sigilo daquela discussão. Sendo assim, a espontaneidade do grupos não chegou a ser prejudicada.

É importante que as reuniões dos grupos focais aconteçam em locais neutros. Neste caso, aconteceram na própria escola, considerando que fosse o local de referência mais apropriado aos participantes, podendo ser caracterizado como

[9] Jair Aniceto da Silva é professor do Centro Universitário Salesiano (Unisal), em Americana (SP), com formação básica em Sociologia e especialização em Antropologia.

um local neutro uma vez que não estávamos tratando de problemas escolares e que não havia representantes da instituição fazendo parte do grupo. Quanto ao barulho externo, foi difícil evitar; apesar de escolhermos salas mais afastadas, as sirenes e as trocas de aula produziam grandes ruídos, o que provocou a perda dos discursos de dois grupos de meninas de escola pública que não puderam ser entendidos através da gravação.

Existe uma afirmação de que é preciso recompensar os participantes dos grupos focais, com algum brinde ou ajuda de custo. Aos alunos de escola pública, tivemos o cuidado de informá-los que as passagens de ônibus seriam ressarcidas, mas apenas um participante requisitou o ressarcimento, os outros moravam perto da escola ou tinham o hábito de andar a pé. Os brindes limitaram-se a caixinhas de chocolate caseiro ou bombons Sonho de Valsa, que eram oferecidos durante as discussões e os adolescentes se serviam com muito prazer.

As discussões foram feitas em salas de aula onde houvesse um aparelho de televisão e um vídeo. As carteiras eram dispostas em círculo e no centro ficava o gravador. Todos os participantes recebiam um papel com um número bem visível, que era colocado em frente a sua carteira. Esses números facilitaram a identificação dos participantes como também tornaram mais fácil a transcrição das fitas. As cenas da *Malhação* eram passadas, uma a uma, e o moderador iniciava as discussões pedindo que se manifestassem sobre elas. A média de duração dos grupos foi de 1h:30min. O grupo 3, meninas de escola particular, foi o mais curto, 1h:05min, e o grupo 2, meninos de escola pública foi o mais demorado, 2:10h.

Os grupos focais, neste trabalho, foram desenvolvidos com jovens adolescentes voluntários, convidados a participar em visitas feitas às escolas públicas e particulares. O procedimento adotado para formar os grupos focais começava com uma visita à escola onde era feito um contato com diretores e coordenadores, com a explicação dos objetivos. Se houvesse autorização, marcava-se uma nova visita quando entrava-se nas salas e conversava-se diretamente com os alunos, expon-

do-se a pesquisa, convidando-os a participar. Anotava os nomes dos interessados e marcava-se uma data e horário que fosse mais conveniente para todos, naturalmente fora do horário normal de aulas para que não atrapalhasse o andamento das atividades escolares. No dia e hora marcados, eu chegava com antecedência para reconhecer a sala que era destinada às discussões onde, naturalmente, deveria estar instalados uma televisão e um vídeo. Nem todos os que haviam se comprometido compareciam. Mas, em todas as ocasiões, houve número suficiente, variando de 6 a 11 adolescentes. As discussões eram gravadas e, como já foi dito, duas gravações não foram aproveitadas, pelo excesso de ruído nos pátios das escolas. Embora tivesse sido bem recebida na maioria das escolas com uma demonstração de real interesse pelo trabalho, é importante registrar que em apenas uma escola pública, das escolas visitadas, não foi possível a pesquisa pela justificativa apresentada pela coordenação de que não havia número suficiente de alunos para a formação dos grupos.

As discussões nos grupos eram geradas a partir das cenas retiradas da novela *Malhação*, que envolviam questões relacionadas a sexo, gênero e família como identidade masculina e feminina, relações sexuais, gravidez, aborto, simetria, assimetria. Nos grupos exploratórios, as cenas geradoras não eram as mesmas para todos os grupos, algumas se repetiam, outras eram diferentes, justamente para haver parâmetros de escolha, no sentido de serem selecionadas aquelas que mais convinham às discussões propostas, pois como diz Miranda-Ribeiro (1999), não existem perguntas certas ou erradas para se fazer em um grupo focal. O outro motivo para os grupos exploratórios foi ter um contato maior e mais atualizado da linguagem tão dinâmica do adolescente, pois apesar do contato constante que temos com eles, a pesquisa trata de um campo muito específico - papéis sexuais, sobre o qual não costumam se manifestar tão abertamente.

Sem dúvida, é importante na análise do discurso o domínio, por parte do pesquisador, da linguagem que foi utilizada. Não é possível tentar fazer a interpretação e análise de um discurso quando não há domínio dos signos lingüísticos

da população pesquisada. Os signos são arbitrários e como tal podem ter significados diferentes, em diferentes contextos e culturas[10]. Quisemos também, através deste estudo exploratório, adquirir melhor domínio da técnica, tomando, para isso, o cuidado de trabalhar com igual número de grupos de escolas particulares e públicas, que são universos diferentes, como também ter bem claro qual seria a série escolar mais apropriada para as discussões, e neste sentido os alunos de 8ª série foram os que se mostraram mais receptivos e mais abertos para discutirem as questões propostas.

Na segunda fase da pesquisa, fiz um estudo comparativo, com adolescentes alunos de 8ª série do ensino fundamental, da cidade de Americana, entre dois universos diferentes: um – a escola pública, o outro – a escola particular, com grupos diferenciados por sexo. Assim sendo, tivemos quatro grupos: grupo 1: meninas de escola pública; grupo 2 : meninos de escola pública; grupo 3 : meninas de escola particular; e grupo 4 : meninos de escola particular.

[10] Dentro da linguagem adolescente destacamos: Amasso – abraçar, beijar, trocar carícias; azaração – paquera, "flerte"; marmita, jaburu – menina feia; codorninha – menina novinha, bonita; *nerd*, vacilão – bobão; rolar – acontecer; tio, tia, tiazinha – pessoa mais velha; tirar uma onda – tirar sarro, fazer piada; nos panos – bem vestido; boiola – homossexual; é bicho – quando alguma coisa promete ser muito boa; chavecar – jogar conversa para conquistar; espada – macho; galinha – menina ou menino que fica com todo mundo; maria-gasolina – menina que está interessada só no carro e no dinheiro do rapaz. Pagar mico – passar vergonha

Capítulo 1 – Revisão Bibliográfica

1.1. O Receptor – O adolescente

O adolescente, como receptor - sujeito da pesquisa, será caracterizado na tentativa de descobrir os referenciais que envolvem suas atitudes e seus comportamentos, desvelar reações potenciais de transformações, justificando um possível auto-reconhecimento, ou não, com as personagens que fazem parte da mídia televisiva, mais especificamente da novela *Malhação.*

Quando o assunto é adolescência, a idéia que nos vem a todos, quase que genericamente, é que adolescência é "aborrescência", termo difundido pelo senso comum, com o qual não compartilho, mas que justifico por ser, dentro do processo educativo, a faixa etária que tem trazido o maior número de preocupações.

Esta pesquisa envolveu adolescentes cuja idade variava entre 13 e 18 anos. Segundo o IBGE, no Brasil, são, ao todo 20.710.210 milhões de adolescentes nesta faixa etária.[11] Um mercado bastante considerável para a mídia, que explora a relação empática do jovens com a cultura tecnológica.

Ao falar sobre juventude, Sarlo (1994) toma as características *glamourizadas* do jovem biológico e as transpõe para uma juventude ampliada, idealizada e almejada, caracterizando naquilo que se pode chamar de jovem social. A infância

[11] Segundo Pesquisa Nacional por amostra de domicílio feita pelo IBGE, em 1997.

quase que desapareceu, expulsa por uma adolescência que chega muito cedo. A primeira juventude se prolonga até depois dos trinta anos. Assim, um terço da vida se desenrola sob o rótulo de juventude, rótulo tão convencional como tantos outros. Em 1900, diz ela, uma mulher que aos dezessete anos já tinha dois filhos não se considerava tão jovem, e seu marido, dez anos mais velho, era um homem maduro. Os pobres, só excepcionalmente eram jovens, passavam sem transição da infância para a cultura do trabalho. Os que não seguiam este itinerário eram qualificados como delinqüentes juvenis. Neste caso, mais que um valor, a juventude poderia ser considerada um sinal de perigo.

Até 1960, os jovens imitavam, estilizavam, parodiavam o que era simplesmente a moda. Os modelos de publicidade imitavam as atrizes ou a classe alta, onde as modelos imitam as modelos mais jovens, e onde a juventude tem mais prestígio que nunca, como convém a culturas que têm passado pela desestabilização dos princípios hierárquicos. A categoria "jovem" garante uma série de ilusões, e a sexualidade pode ser chamada à cena sem as obrigações da idade adulta. Assim, a juventude é um território em que todos querem viver indefinidamente. A juventude não é uma idade, senão uma estética da vida cotidiana (Sarlo,1994).

Na mesma linha de pensamento de Sarlo, Vianna (1997:8) constata que é difícil definir o jovem contemporâneo. O conceito de juventude parece ter "colonizado" todo o espaço social e os grandes conflitos geracionais perderam sua relevância, uma vez que para todas as idades "ser jovem" ou "manter-se jovem" passou a ser objetivo permanente. "A juventude é hoje uma espécie de mercadoria vendida em clínicas de cirurgia plástica, livros de auto-ajuda e lojas de departamentos."

É importante destacar que, neste trabalho, os termos adolescência e juventude serão usados como sinônimos, uma vez que estamos tratando de uma faixa indefinida em relação à idade cronológica propriamente dita. A puberdade,

início da adolescência, hoje está começando dois anos mais cedo do que começava na primeira metade deste século, significando que, aos 8 ou 9 anos, a menina já apresenta algumas características sexuais próprias do adolescer. Por outro lado, se na década de 60, com 16 anos o jovem julgava-se auto-suficiente para viver longe dos pais, hoje esta atitude está sendo postergada para idades bem mais tardias, normalmente por volta dos 28 anos.

A adolescência é a fase onde realidades biológicas, papéis sociais e elaborações simbólicas se interpenetraram na elaboração de conteúdos semânticos constantemente renovados. É a fase da indefinição de identidade, resultante de uma construção social e cultural, onde a criança que ainda não se despediu e o adulto que ainda não se formou são vividos simultaneamente, em situações contextuais diferenciadas (Levi e Schmitt,1996).

Os trabalhos e pesquisas dos cientistas sociais não explicam a juventude de forma genérica como a maioria dos psicólogos[12]; suas conclusões são mais específicas e localizadas. Para os cientistas sociais, não existe uma juventude, existem sim jovens envolvidos com esta ou aquela comunidade ou sociedade, com esta ou aquela maneira de encarar a vida, copartícipes de um mesmo momento histórico.

Dentro do campo das Ciências Sociais, os estudos sobre adolescência começam com Margaret Mead, em seu trabalho *Coming Age in Samoa,* de 1928. Para ela, o *stress* e a rebeldia atribuídos tão comumente à adolescência, estão em nossa cultura e não nas mudanças físicas por que passa esta faixa etária. Em seus trabalhos mais recentes, Mead chega a afirmar que não existem mais motivos para rebeldia, nem mesmo existe o *gap* geracional responsável pelos conflitos entre as gerações, uma vez que os pais não têm muito mais a ensinar aos filhos.

[12] Sobre a caracterização psicológica da adolescência segundo Hall, Sulivan, Freud, Piaget, Erikson, ver Alves, 1993.

Aprofundando-se no assunto, Passerini (1996) conclui que os estudos sobre a adolescência chegam à maturidade, nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial. Nos anos 50, completa-se todo um processo, quando a adolescência adquire estatuto legal e social resultado de iniciativas plurais, principalmente de âmbito governamental. O grande volume de estudos, que chegaram ao clímax com a revolta na Universidade de Berkeley e a Guerra do Vietnã, denuncia um modo de perceber os jovens como delinqüentes e perigosos. É a época em que o termo *teen,* criado em um artigo de 1945, por Elliot E. Cohen no *New York Time*, é difundido. As preocupações com a juventude sem freios provoca um grande debate, envolvendo psicólogos, educadores, sociólogos, e juízes, e produz um imenso material significativo para ver "a juventude como metáfora do social de um discurso que a sociedade conduzia sobre si mesma e sobre a própria inquietude." (Passerini, 1996:354).

Os estudos propõem, continua Passerini (1996), como estratégias de restauração, a regeneração da família e de seus valores, como também prescrevem maior preocupação com as escolas. Nelas deveriam ser desenvolvidos campos para jogos intelectuais, esportivos e culturais para inibir os efeitos negativos causados pelos meios de comunicação de massa, especialmente pelos ídolos do cinema e do rádio[13].

O *rock and roll*, que surge com toda sua força, é caracterizado nos documentos oficiais como hábito das subculturas juvenis agressivas que prevêem : "o gângster de amanhã é o tipo Elvis Presley de hoje". Pelo meios de comunicação de massa exaltava-se o *sex appeal*, como um ideal a ser alcançado, mas a condição feminina que se inscrevia num quadro teórico de ilimitadas possibilidades, na realidade, traduzia-se pelo conservador papel de mãe e dona de casa, e todos os

[13] Em 1945, J. D. Salinger, na obra "The Catcher in the Rye" – *O Apanhador em Campo de Centeio*, mostra-se pioneiro na descrição crítica da juventude sem rumos. O cinema holywoodiano reforça a rebeldia juvenil em filmes como: *Sindicato dos ladrões* (1954), com Marlon Brando; *Vidas Amargas* (1955), com James Dean; *Baby Doll* (1956), com Carrol Baker; *Rebel without a cause*, obra de 1944 escrita por Robert Lidner, em 56 transforma-se em roteiro para *Juventude Transviada*, com James Dean e Natalie Wood; seguem-se *Jailhouse Rock* (1957), com Elvis Presley, e *Rock around the clock* (Passerini,1996).

adultos deveriam ser heterossexuais e casados, fingindo serem felizes (Passerini, 1996).

Os grupos juvenis são particularmente significativos quando os princípios integrativos da estrutura social diferem daqueles que regem o comportamento da família e do parentesco, quando a passagem de uma solidariedade familiar para uma solidariedade cívica não é tão amena. Fala especificamente das situações onde o indivíduo tem de mudar seus padrões de comportamento apreendidos no âmbito das unidades de parentesco, deixando de se comportar por critérios particulistas, para alcançar um pleno *status* na sociedade universalista. Nestes casos, as novas gerações precisam distanciar-se da identificação com os adultos, onde as gratificações acontecem nas famílias e nos grupos de parentesco de forma hierarquizada. Quando as atitudes de autoridade e respeito que acontecem nas famílias não são transferidas automaticamente para outras esferas da sociedade, surge um real problema ao se transferir a solidariedade básica da família e das unidades de parentesco para esferas não familiares. É neste sentido que o grupo de pares, da mesma geração, contribui para o equilíbrio emocional. Na passagem de um espaço para outro, o equilíbrio emocional é dado pela solidariedade gerado pela compartilhamento das mesmas experiências e tensões emocionais deste período transitório. As tensões são múltiplas e variadas e unem companheiros com necessidades sexuais e temores semelhantes, pela possível necessidade de deixar a família no momento crucial da maturação sexual. Podem, também, possuir em comum necessidades espirituais e ideológicas na procura de seu "eu", na formação de sua identidade. São motivos suficientes para aproximarem-se uns dos outros. E na medida em que estes grupos originam-se das tensões entre as gerações, sua função é descobrir válvulas de escape para estas tensões. Tais grupos são funcionais para garantir a progressão do indivíduo rumo ao adequado funcionamento da personalidade no contexto do sistema social, como podem funcionar como mecanismos de ajustamento secundário ou, em alguns casos, como ponto de partida para a formação de grupos anormativos (Einstendat, 1976).

Nota-se que, no campo das Ciências Sociais, os estudos sobre a juventude criminosa, violenta e marginalizada, são mais volumosos, mostrando uma preocupação com o restabelecimento da ordem diante de uma população que está fugindo aos padrões estabelecidos; por isso mesmo, grande parte das pesquisas liga-se às correntes positivistas. Neste sentido, numa preocupação histórica, Zaluar (1997) resgata teorias representativas. Uma delas é a da Escola de Chicago, que elabora a teoria da desorganização social, explicando a migração e imigração como causadoras da crise de moralidade, dos laços familiares e de vizinhança que favorecem as atividade criminosas juvenis. Fala da teoria da frustração, provocada pela desigualdade de oportunidades para a ascensão social e o hiato entre as aspirações do cidadão norte-americano e as oportunidades reais oferecidas, teoria esta defendida por Merton. Discute também a teoria do rótulo, apresentada por Matza, que analisava as práticas governamentais, policiais e judiciais, lembrando que as organizações juvenis não existem descoladas da sociedade, e que o rótulo de delinqüente imposto a elas é o resultado das condições de vida nos guetos e bairros pobres. Em decorrência da teoria do rótulo, surge a teoria crítica, buscando propostas de transformações radicais nos sistemas penais, eliminando a própria prisão (Zaluar, 1997).

Para Matza (1968), as subculturas de jovens normais – a cultura adolescente – são versões convencionais das tradições de revolta da juventude, onde os aspectos mais ofensivos são removidos ou abandonados. Por não estar totalmente inserido no *status quo,* e por ser sensível à incoerência das sociedades modernas, onde as normas ensinadas não correspondem às que são praticadas, o jovem não aceita com passividade os valores e hábitos da vida adulta.

A preocupação com os grupos juvenis, enquanto violentos e transgressivos, tem estabelecido generalizações, sendo indistintamente rotulados como *gangues,* empréstimo de um conceito específico da juventude norte-americana. Segundo Zaluar (1997), as *gangues* são grupos de jovens com rituais, patronímicos, regras de ingresso e símbolos passados de geração para geração, guardando sempre a

identidade com o bairro ou com seu gueto, servindo sempre de mobilidade social para os jovens mais audaciosos. A vontade de ascender socialmente é que leva os jovens a apelar para meios ilegais, tranformando as gangues em um negócio com características empresariais. Os conflitos entre as gangues estadunidenses são de caráter étnico e visivelmente violentos. Algumas gangues são sobremaneira agressivas com os imigrantes latinos e asiáticos, exibindo ainda um reconhecido antisemitismo.

Sobre as *galeras*, outro termo que generaliza os grupos juvenis, Zaluar (1997), citando Dubet (1987), comenta que na década de setenta as *galères* emergem nas cidades francesas, principalmente em Paris, onde também a imigração e a recusa de nacionalidade aos estrangeiros emigrados provocam a exacerbação dos sentimentos étnicos e nacionais, fazendo explodir uma criminalidade causada pela falta de escolas e de emprego. As *galères* não têm nem organização, nem a racionalidade das *gangues* americanas e não são articuladas a organizações criminais compromissadas com a deliqüência enquanto meio de vida. Estão mais ligados à sociabilidade livre, pautam-se por misturas de contradições políticas, são adeptos do niilismo, da autodestrutividade, da deriva, praticando esporadicamente atividades criminais de pequena gravidade, como jogar pedras em vitrines, fazer arruaças ou roubar e furtar ricos. Não costumam travar batalhas entre si, uma vez que sua violência não é resultado da revolta contra um inimigo claro. Na *galère* percebe-se embriões da autonomia, das convicções éticas e das definições positivas de si, conduzindo à organização popular. O jovem pertencente à *galère* pode chegar à delinquência vítima do tráfico de drogas, brigas e pequenos roubos. No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, as galeras surgem por outras razões que não a negação de nacionalidade, mas também, como em Paris, as galeras cariocas não são organizações com chefia instituída e regras explicitadas, e seus patronímicos são referentes aos bairros a que pertencem.

O enriquecimento ilícito não faz parte da prática dos jovens das galeras cariocas, dentro delas são os DJs-discotecários e os MCs-cantores que enriquecem,

resultado da criação de bailes e músicas *funk*. As transgressões dos jovens das galeras são transitórias e intermitentes, mas as guerras entre elas são violentas e podem terminar em morte. Neste sentido, têm identidade híbrida de ludicidade e violência, embora sua maior caracterização seja o espírito de festa, resultado da reunião de jovens para atividades recreativas regidas pelo *funk*. Através das galeras e dos cantores que emergem dele, o *funk* se consolida no cenário musical no final dos anos setenta, quando as quadrilhas começam a se espalhar pelas favelas cariocas (Cechetto, 1997).

Ampliando a pluralidade dos grupos juvenis, surgem nas favelas cariocas as quadrilhas, compostas por um pequeno número de integrantes, geralmente jovens, organizadas e chefiadas dentro de objetivos ilegais para enriquecimento rápido de seus membros. Seus patronímicos estão sempre ligados aos nomes de seus chefes. A ambição de ganhar muito, ou do ganhar fácil, as transgressões criminosas, o uso da arma de fogo, o dinheiro no bolso, a conquista das mulheres, o enfrentamento da morte, a concepção de um indivíduo livre reforçam os valores do *ethos* da masculinidade viril dos jovens pobres. Para os jovens, a quadrilha "é uma escola do crime, um aprendizado do vício, uma engrenagem da qual não se consegue sair quando se quer" (Zaluar, 1997: 50). Os jovens referem-se aos crimes cometidos como influência do grupo de amigos, pelo exemplo dos colegas, afirmações juvenis, que não reforçam os argumentos da sociologia da juventude ao entendê-la como uma fase de hiperconformismo a seu grupo de pares.

Paralelo às *gangues*, galeras e quadrilhas, grupos característicos das camadas marginalizadas e populares, nos anos 60 – mais especificamente localizados nos movimentos de 68, registram-se grupos juvenis revolucionários, nos mais diversos espaços, como Brasil, Japão, vários países da Europa, América Latina e Estados Unidos. São grupos que emergem no cenário político ao constestar a sociedade e, principalmente, o sistema escolar e universitário. Seus protestos atingiram a cultura na multiplicidade de seus elementos, colocando em questão os valores, a moral, a sexualidade, a estética, as relações sociais, chegando

mesmo a radicalizações ideológicas.

O movimento de Maio de 68, considerado por Matos (1981) como "barricadas do desejo", não foi a repetição monótona do conflito das gerações. Foi um conflito que na França começou cultural e político, antes de ser econômico, desvelando a história da humanidade enquanto história de dominação e servidão. Nos Estados Unidos, o movimento envereda-se pela arte, provocando o movimento *hippie,* manifesto por uma juventude não conformista, que lança flores contra a polícia armada, defendendo o *flower power*, na recusa de participar da sociedade de consumo. Os cabelos longos e a rejeição à assepcia artificial mostram uma negligência com corpo, desmascarada por suas canções de caráter erótico e belicoso, revelando toda uma vivência corporal provocadora da liberação sexual.

No Brasil, a juventude dos anos 60, envolvida com projetos revolucionário, que estava na faixa dos 14 aos 24 anos, viveu uma mesma conjuntura histórica, era filha da classe média urbana, habitava bairros sofisticados da zona sul e freqüentava os colégios de maior prestígio e as melhores universidades do país. A juventude revolucionária que aderiu à luta armada herdou dos pais sistemas de valores e atitudes, alicerces da construção de projetos de vida que incluiam postos de liderança na sociedade, na crença de que todos tinham uma missão social. Eram jovens que desenvolviam na família e na escola a cidadania com alto senso crítico, na busca de uma sociedade mais justa e mais desenvolvida. A ditadura militar fez com que a clandestinidade fosse necessária para que continuassem as manifestações, os movimentos revolucionários e até as guerrilhas. Desta maneira, reforça-se em torno do jovem a característica de rebeldia (Abreu, 1997).

Os movimentos juvenis, que combatiam os valores apodrecidos da sociedade de consumo, paralelos às lutas feministas e aos avanços tecnológicos, deram toda uma reformulação ao mercado de trabalho, gerando um novo elemento – o aumento da renda familiar. Com as mudanças estruturais, a juventude não só aceita, como se insere na sociedade capitalista e integra-se ao consumismo;

gasta principalmente com indumentária e diversão.

Com relação ao consumo, é inegável que os adolescentes movimentam consideravelmente a máquina industrial, promovem a contínua expansão do *show-business*, *video clipes*, *CDs*, e a ampliação desta faixa etária é uma ótima notícia para as multinacionais, como a Nike, Mc Donald's, Disney, Levi's, Vuitton, Microsoft, Coca Cola, etc...

O espelho refletido pelas modelos de contratos milionários e atrizes famosas faz da aparência uma necessidade tão básica e significativa que as jovens japonesas da classe média estão se lançando na prostituição para garantir o poder aquisitivo que satisfaça seu *look fashion,* alimentado pelo consumo de academias de ginásticas e boutiques de grife.[14] A prostituição das "garotas de programa", no Brasil, está ligada não só ao desejo de consumo, mas também justificada pela necessidade de garantir um curso universitário[15].

Dentro do *welfare state*, com a criação de novos bens, com o crescimento dos meios de comunicação, com a redução da jornada de trabalho, com a valorização social do tempo livre, monta-se um cenário com lanchonetes, novas mercadorias, roupas, guloseimas, passando a existir nos comportamentos juvenis um

[14] Estudantes secundaristas entre 15 e 18 anos chegam a ganhar até 600 mil ienes (US$ 5.1772) mensais nos bares e "clubes de encontro" de Tokio. Estes encontros remunerados recebem o nome genérico de "Enjo Kosai" e ilustram também a solidão em que vivem muitos homens no Japão. Segundo a revista *Aera* do Asahi Shumbun, 20% a 30% das jovens de 15 a 18 anos já foram pelo menos uma vez a estes bares ou clubes de encontro (2.900 em todo o Japão). Nestes clubes, as adolescentes recebem 1.500 ienes para ficarem sentadas durante uma hora em um pequeno cômodo, expostas diante de um espelho para que os clientes as vejam sem serem vistos; se forem escolhidas, recebem uma quantia adicional e vão embora com o cliente. A polícia vigia os clubes, mas o que acontece depois não é de sua responsabilidade. Uma adolescente que encontra um "pai", isto é, um parceiro regular, pode chegar a receber 400mil ienes por mês. Para Yuki Tanomura, representante da Associação Japonesa para a Educação Sexual dos Jovens, o dinheiro não é a única motivação destas adolescentes, que gastam em loja de luxo; existe também o desejo de encontrar um ambiente no qual as relações humanas sejam mais calorosas, num país materialmente próspero, mas onde não existe a comunicação dos pais com os filhos e estes sentem-se perdidos, sem referência ou apoio afetivo.

[15] No Brasil, são freqüentes na mídia reportagens sobre prostituição voluntária ou forçada de adolescentes, principalmente em regiões turísticas nordestinas. Chocante, entretanto, foi a reportagem de André Luis Azevedo, exibida no programa *Fantástico* da Rede Globo, em 07/11/99, sobre os bailes "Funks" da baixada fluminense, onde o animador oferece 20 reais para que as meninas se dispam no palco, e muitas se oferecem e mostram o corpo sem o menor pudor.

capitalismo estruturador de relações. São características, que segundo Morin (1986), mostram um novo comportamento que inclui maior liberdade e autonomia para os jovens, facilitadas pelo relaxamento da autoridade e controle paternos, paralelos a uma valorização do consumo e do prazer como fontes de gratificação imediatas. Dentro desta perspectiva, é pertinente a afirmação de que todo um ciclo social expresso pelos acontecimentos dos anos 60 encerrou-se nos meados dos anos 70, numa reversão provocada pela confluência de uma crise econômica com uma crise mitológica.

Sobre o espaço do lazer, Áries (1981) diz que é o espaço que produz, hoje, a formação da cultura adolescente. A juventude parece mesmo com uma nova classe social, expressando-se por uma cultura específica – as subculturas. Estas desenvolvem um estilo próprio de vestimenta, reúnem-se para atividades de diversão e consumo. Suas roupas são carregadas de simbolismo e a marca de sua identidade. Muitas vezes, em sua circulação pelos espaços públicos, entram em conflito com outros grupos rivais ou mesmo com as autoridades, causando com isso uma verdadeira onda de pânico.

Nos anos 80, uma parte dos jovens deixa o movimento estudantil e vai para o mundo da produção e do consumo cultural como música, cinema, vídeo e artes plásticas, diz Ortiz (1988). Neste sentido, o lazer para os jovens torna-se um espaço importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade. O espaço do lazer é um espaço menos regulado e disciplinado que o da escola e do trabalho. Os movimentos acontecem nos cruzamentos do campo do lazer, do consumo, da mídia, e da criação cultural, onde a principal forma de comunicação é a imagem; neles, através da ostentação, os jovens procuram estruturar suas novas referências e identidades, podendo expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Para os jovens das camadas populares, é um espaço onde se pode fugir da vida massacrante e articular um futuro melhor. Fuga da vida massacrante e articulação com um mundo melhor são as promessas de sedução da mídia televisiva, sendo a novela a maior intérprete deste papel.

Os grupos juvenis surgidos na década de 80 foram objeto de pesquisa de Abramo (1994), que ao caracterizá-los diz que se constituem em redes de relações particulares com seus companheiros de idade e de instituição, marcadas por uma forte afetividade. Dentro destes grupos, a similaridade de condições possibilitam o processo da busca de novos referenciais de comportamento e de identidade.

São grupos que começam a se desenvolver nos finais dos anos 70 e têm sua dimensão ampliada com uma existência internacional, sendo mais numerosos, mais diversificados e mais exagerados. O deflagrador desta onda foi o aparecimento do grupo *punk* na Inglaterra entre 1976/77. *Punk* é um termo da língua inglesa que significa madeira podre, significando também coisas sem valor ou pessoas desqualificadas. É assim que querem ser vistos. É a característica de uma nova subcultura juvenil que se articula em torno de uma reversão musical dentro do rock e de um modo de vestir inusitado e extremamente anormal. É uma aparência agressiva e estranha de jovens "podres" e mal intencionados. A máxima dos *punks* era: "do it yourself", questionando o futuro possível e as possibilidades de esperança. O *punk* é visto como um bando que ostenta signos de choque e provoca atrito, com a intenção de deflagrar desobediência. Os *punks* colocam-se contrários à massa e contrários à moda dos *shoppings* (Abramo, 1994).

No Brasil, parte dos jovens da classe média se sentiu impactada pelas questões colocadas pelos *punks*, e do meio universitário e colegial de São Paulo surgiu uma tribo que se articula em torno de bandas conhecidas como rock paulista que depois desenvolveram um estilo conhecido como *dark*. Depois vieram os carecas, inspirados nos *skinheads*, tinham o perfil reacionário, machista, nacionalista, queriam a transformação radical e acreditavam num homem forte para por ordem no caos social (Abramo, 1994)[16].

[16] Pelas manchetes dos jornais, os *skinheads* continuam atuantes em São Paulo. No dia 6 de fevereiro de 2000, 18 deles assassinaram com socos e pontapés, em plena Praça da República em São Paulo, um rapaz que, para eles, parecia ser homossexual. No depoimento, um deles confirma pertencer a um grupo denominado Carecas do ABC, que prega o extermínio de negros, nordestinos, homossexuais e judeus. *Folha de S. Paulo*, 8/02/2000.

Nestes grupos, o desencanto, a falta de otimismo são reais, porém exacerbados, dramatizados e convertidos em elementos de encenação. É através do espetáculo que querem atuar, levantar problemas e provocar reações. O subterrâneo deles está no centro da cidade, no centro da modernidade, no centro das atenções e dos acontecimentos. Todavia, os desafios simbólicos vão perdendo sua força à medida que tais recursos foram utilizados cada vez mais por grupos dos mais diversos, destruindo o eixo no qual pudesse aparecer como excêntrico. Para Abramo (1994), a experiência comum que marca a geração dos anos 80 parece ser a experiência da crise, principalmente a de perspectivas e possibilidades de estruturar projetos de vida individual e coletiva. Como muitos outros pesquisadores já citados, defende a tese de que existe entre os jovens uma tendência em formar grupos espontâneos de pares. Estes grupos são importantes "locus" de produção de símbolos de identificação e neles, os jovens procuram elaborar suas respostas para as questões que os instigam, além de encontrarem laços de solidariedade

Diante das especificidades dos grupos e da grande promessa de consumo dos nichos juvenis, objetivos mercadológicos levaram *The Brain Waves*[17] a realizar uma pesquisa em 44 países, revelando que os jovens atuais se dividem basicamente em 7 tribos diferentes; são elas:

As "Patricinhas", caracterizadas pelo conservadorismo visual e por segui-

[17] A pesquisa foi realizada entre 95/96 em 41 países, com 25.049 entrevistas de adolescentes entre 15 e 18 anos das classes A e B, com 50% de homens e 50% de mulheres. Esta pesquisa encontrou dois aspectos curiosos sobre os adolescentes brasileiros. O percentual dos que se declaram felizes é maior do que a média dos outros países – 61% contra os 30% dos entrevistados europeus. Por outro lado, os brasileiros se dizem amedrontados com a possibilidade de não conseguir um bom emprego. Ficar gorda é um dos maiores medos das adolescentes brasileiras, um medo tão grande quanto o de uma gravidez indesejada. Os rapazes também se preocupam com o corpo. Isto pode ser comprovado com a quantidade de adolescentes que freqüentam as academias de ginástica de todo o país, quase 50% dos freqüentadores têm menos de 20 anos – cf. *Folha de S. Paulo* 28/7/96 e revista *Veja* 24/9/97. As tribos funcionariam como ritos de passagem para a vida adulta. Para Keneth Lake, da Duke University, especialista em violência, os adolescentes procuram grupos com as quais possam se identificar e são as "gangues" que acabam se tornando referência para tudo. Dentro de seus grupos, diz Içami Tiba, o jovem acaba assumindo um aspecto de personalidade que, sozinho, não se manifestaria. Segundo a Secretaria de Segurança do Distrito Federal, só em Brasília existem 153 "gangues" diferentes.

rem sempre as regras ditadas pelo grupo. O desejo de consumo é marcante e só usam roupas etiquetadas por *griffes* da moda. Seus pares são os "Mauricinhos". A obsessão pela uniformidade dá-lhes um traço preconceituoso, ao freqüentarem ambientes específicos, porque consideram os outros coisa de "pobre".

Os "Metaleiros" usam roupas pretas, cabelos compridos, braços tatuados. Nos *shows*, dançam disparando murros e pontapés em todas as direções. Desrespeitam completamente compromissos, escola e horários. Vários deles são alunos medíocres, reprovados mais de uma vez. O importante para eles é fazer o que gostam.

Os "Internautas"[18] não saem da frente do computador. São os plugados na rede e seu objetivo é saber cada vez mais sobre programas, "sites", informações secretas sobre protótipos de última geração, e joguinhos eletrônicos. Representam um quinto das pessoas que acessam diariamente o u*niverso on line*.

Os "Lutadores" têm fama de briguentos e encrenqueiros. Praticantes de jiu-jitsu e outras lutas marciais, gostam de usar camisetas apertadas para mostrar força e músculos. A única droga que admitem consumir são os anabolizantes. Declaram que não gostam de namoricos e a maioria quer casar, ter casa, trabalho e filhos.

Os "*Clubbers*" são uma versão renovada dos freqüentadores de discoteca da década de 80. Para eles, o "legal" é o escurinho das danceterias, música *techno*, barulho e alucinação. O fundamental é uma estética nova, diferente valendo cabelos com cores fortes, roupas sintéticas, óculos enormes, *piercing* na língua, tatuagens de motivos tribais e muitos adereços. Como são menores de idade, fre-

[18] No Brasil, apenas 5% dos lares estão interligados pela Internet. Entretanto, em nenhum outro lugar do mundo o crescimento é tão intenso como aqui. Como aconteceu nos Estados Unidos, jovens brasileiros estão ganhando milhões com empresas de garagem criadas em torno da rede e isto sem sair de casa. No Brasil, a estimativa é de que exista, atualmente, 1,3 bilhões de dólares prontos a ir para mãos de jovens que se acham aptos a lançar um negócio *on line*. Como exemplo, cita-se Edgar Nogueira, de 17 anos, que há três anos montou um

qüentam as matinês onde o alto consumo de água mineral revela a ingestão de *ecstasy*, droga predileta que causa muita sede. Ao lado da matinê, freqüentam os *raves* - festas grandiosas que geralmente acontecem nos sítios fora da cidade. Revelam um comportamento sexual nada ortodoxo, podendo ser até mesmo relação sexual atrás das caixas de som. Muitos transam com mais de um parceiro na mesma noite. Não vêem problemas em ser bissexual ou não ter namorado fixo.

Os "*Skatistas*" são os que se reunem para descer ladeiras perigosas, realizar manobras radicais, inventar novas acrobacias e conversar sobre skate. Não há ideologias que os una, apenas a vontade de se mostrarem destemidos. A emoção está em se arriscar. Tudo em sua vida tem que ser rápido. Em geral, os *skatistas* são pacíficos. Muitos ainda são virgens, mas não por falta de namorada.

Os "*Novos Hippies*" gostam de música popular, de preferência brasileira, escolhem cursos de arte e dança. Nas férias, acampam nas montanhas para tomar banho de cachoeira. Na mochila, costumam levar muito chocolate e um pouco de maconha. É o grupo mais persistente ao longo da história. Alcançou o apogeu na década de 60, quando a onda era ser *hippie*. Seus herdeiros foram os "bichos-grilos" e agora o legado passou para os *freaks,* palavra inglesa que significa doidão, maluco. É comum encontrar famílias com membros nas diferentes fases. O figurino é composto de muitos colares, saia rodada e sandálias. Os jovens querem trabalhar e ter uma carreira, embora não se apavorem perante o vestibular. Sempre há esperança de vencer sendo músico, artista ou dono de uma pousada.

Embora tenha constatado a existência das tribos, a pesquisa concluiu que os *teens* de todo mundo estão cada vez mais parecidos, alimentados pelas televisões a cabo e pela *Internet*, um exército vestido com as mesmas marcas de *jeans* e camisetas, que consome os mesmos refrigerantes, *fast food* e aparelhos eletrônicos. São uma geração filha do neoliberalismo, preocupada principalmente em

serviço de busca e informação (*Aonde* – www.aonde.com.br) e já tem um valor de mercado que ultrapassa os 10 milhões de reais .*Veja*, 23/2/2000.

arrumar um bom emprego, acreditando que dependem exclusivamente de si mesmos para vencerem na vida. Considerados cidadãos do mundo, apenas 43% deles querem continuar vivendo no país onde nasceram. Passam da infância para adolescência muito precocemente, sendo definidos como "uma cabeça de 35 anos num corpo de 15". Conclui ainda que os chavões usados para descrever os adolescentes devem ser esquecidos. Eles não são preguiçosos ou desligados, pelo contrário, são otimistas em relação ao futuro, fazem bastante atividade física e estão constantemente conectados com o que acontece no mundo. Fizeram as pazes com os pais, ressuscitaram o romantismo e já colocam como meta importante na vida ter filhos, principalmente os brasileiros. Os *teens* brasileiros são os que mais gostam de namorar, sendo que temas ligados ao sexo são uma grande fonte de preocupação, maior que os de outros países.

Acirrando ainda mais as discussões, embora fora do campo, mas mantendo um certo diálogo com os cientistas sociais, como Ariés (1981), Sarlo (1994) e Vianna (1997), vemos surgir na imprensa inglesa, o termo adultecente[19], explicado como adulto que se faz adolescente. Kehl (1998: 7) dá a seguinte explicação para o termo:

> Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a "juventude" se revela um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais que regulam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial, de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para nossa felicidade.

Contextualizamos o adolescente, a geração *teen*, para melhor entendê-lo e localizá-lo, no tempo e espaço, em suas características construídas cultural e so-

[19] O "Oxford" projeta definir o adultescente como a pessoa adulta, particularmente de meia idade, que mantém um estilo de vida próprio de adolescentes. É comum encontrarmos carecas com rabinhos de cavalo e patins, flácidos tatuados, avôs surfistas.

cialmente. Sendo assim, é preciso destacar que o adolescente, sujeito desta pesquisa, é um sujeito bastante específico, estudante, com no mínimo oito anos de freqüência à escola, dentro de uma população que tem em média 5,4 anos de escolaridade[20]. Portanto, um adolescente privilegiado dentro do contexto econômico e cultural do país. Por isso, sobre ele, tomamos a conclusão de um estudo encomendado pelo grupo Associação de Escolas Particulares de São Paulo, que dá a seguinte caracterização de seus alunos adolescentes:

> Esta geração está distante de utopias e projetos coletivos, busca a auto-satisfação e o prazer, é adepta da cultura do corpo, valorizado como objeto de sedução e integração consigo mesmo, e seus projetos de vida são construídos a partir do que a sociedade lhes oferece, não envolvendo nenhuma mudança arriscada e incluindo a conquista material, o sucesso profissional e a constituição de uma família.[21]

Este é o público-alvo desta pesquisa - um milhão e seiscentos a dois milhões e quatrocentos de adolescentes[22], que está em casa no final da tarde e assiste à novela *Malhação*.

---

[20] A média de escolaridade do brasileiro que tem mais de dez anos de idade é de 5,4 anos, semelhante ao do norte urbano. No nordeste cai para 4 anos; no centro-oeste sobe para 5,7 anos; no sul para 5,9 anos e no sudeste para 6,2 anos. Dados do PNAD/PNUD/MEC/IBGE, 1997.

[21] Pesquisa realizada pela Troiano, em 1993, e atualizada em 1997 com jovens de 12 a 19 anos, das classes A e B. In: Revista *SIESP*, São Paulo: Segmento, out. 1997, Ano 1, nº 3, p. 4.

[22] Estes números estão baseados nos dados do Ibope, uma vez que, durante seus 5 anos de apresentação, *Malhação* vem conseguindo um índice em torno de 20 e 30 pontos de audiência – cada ponto equivalendo a 80 mil espectadores, conclui-se os números apresentados acima.

2.1. O Meio – Televisão

Pelo poder abrangente de suas ondas, por seu número incontável de canais, a idéia que predomina, hoje, é de que a televisão é a grande responsável pelo comportamento das novas gerações.

Para Postmann (1999), há que reconhecer que a mensagem televisiva é uma conseqüência natural do processo de comunicação humano e, hoje, a televisão está passando pelo mesmo processo pelo qual passou a leitura e a escrita quando foram popularizadas:"não estava muito claro no início o que a leitura e a escrita poderiam fazer às pessoas. Como se podia esperar, os entendimentos mais comuns do processo de alfabetização eram ingênuos, da mesma forma que é ingênua nossa compreensão dos efeitos da mídia eletrônica." (Postman, 1999:51).

Com razão ou não, a televisão tem sido responsabilizada pelos rumos da sociedade e como antigamente culpava-se e até sacrificava-se o mensageiro pela má notícia trazida, assiste-se hoje a um ataque contumaz aos programas de televisão, na alegação de que os comportamentos sociais desviantes são retirados dos exemplos televisivos.

A discussão sobre ela já tomou corpo na sociedade civil[23], pressionando as autoridades constituídas no sentido de um posicionamento e de atitudes efetivas com relação aos meios de comunicação, o que resultou no anteprojeto da Lei de

[23] Pesquisas encomendadas ao Ibope pelo Ministério da Justiça, em 1997, concluíram que 75% dos entrevistados são a favor da criação de um orgão que controle os programas. Na avaliação dos pais, novelas e filmes são os programas que mais mostram cenas ou tratam de assuntos inadequados para crianças e adolescentes. Entre as cenas de maior constrangimento estão o sexo explícito (71%) e estupro (58%). As 2 mil entrevistas foram feitas em todo o país, com pessoas com mais de 30 anos que tinham, pelo menos, uma criança em casa. A pesquisa constata que na opinião dos entrevistados o órgão de controle deveria ser um órgão misto, formado por emissoras, governo e sociedade civil.

Comunicação Eletrônica de Massa que está tramitando no Congresso Nacional[24].

Azambuja (1995), na reflexão de comportamentos modeladores, afirma que a televisão aparece "como um celeiro importantíssimo de modelos de identidade, de modelos de composição do ser".

É nesta perspectiva que detenho meu olhar - a possibilidade da mídia televisiva ser fonte de modelos de comportamento para o jovem adolescente.

Dentro da revisão feita, meu enfoque elegeu três eixos que considero importantes, no sentido de justificar ou não a influência da midia televisiva no processo de aprendizagem ou, mais propriamente, nas atitudes e no comportamento do jovem adolescente. Os eixos são: a natureza do meio, sua competência técnica e sua autoridade.

2.1.1. Eixos de reflexão

2.1.1.1. Natureza específica do meio

É a imagem, que se mostra como expressiva e facilitadora da comunicação, dispensando a decodificação própria da linguagem falada ou escrita:

[24] O Projeto da Lei de Comunicação Eletrônica de Massa vem sendo elaborado desde a gestão do falecido Ministro Sérgio Motta, chegando em 1999 em sua 5ª versão. Dipõe sobre serviços de comunicação social eletrônica, demais serviços de comunicação eletrônica de massa, e dá outras providências. Livro I – Da Disposição Preliminar, Art. I. 1. Esta lei dipõe sobre a organização de serviços de comunicação social eletrônica de massa e complementa as disposições relativas aos serviços de telecomunicações, nos termos do artigo 21, incisos XI e XII, alinea a", da Constituição Federal. No Livro II – Dos Princípios Fundamentais, Título II – Dos Deveres do Poder Público e dos Direitos dos Usuários, seu Art. II. 2. diz o seguinte: O Poder Público tem o dever de I – Promover a diversidade de fontes de informação disponíveis ao público. II – Promover a diversidade de propriedade das prestadoras e dos meios de transporte dos serviços. III – Promover a implementação dos princípios constitucionais relativos à produção e programação. V – Promover a introdução de tecnologias que tornem os serviços mais úteis à sociedade. VI – Garantir ao público o direito de escolha do que ver e ouvir. VII – Garantir a universalização de acesso aos programas nacionais. VIII – Zelar pela liberdade de expressão e de imprensa no meio eletrônico. IX – Zelar pelo respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. X – Estimular o estabelecimento de sistemas de classificação de programas. XI – Estimular a autorregulamentação entre as prestadoras de serviços, visando manter elevados os conteúdos, artístico, cultural, ético e moral da programação.

> Uma imagem pode, na verdade, valer mil palavras, mas em nenhum sentido é equivalente a mil palavras, ou cem ou duas. Palavras e imagens são diferentes universos de discurso, pois uma palavra é sempre e antes de tudo uma idéia, uma invenção, por assim dizer da imaginação. Não existe na natureza uma coisa como "gato" ou "trabalho" ou "vinho". Tais palavras são conceitos acerca das regularidades que observamos na natureza. Imagens não mostram conceitos: mostram coisas. Nunca é demais repetir que, diferentemente das palavras, uma imagem é irrefutável. Ela não lança uma proposição, não implica oposição ou negação de si mesma, não há regras de evidência ou lógica com as quais ela deva estar em conformidade. (Postman, 1999: 87).

Continuando, Postman (op. cit.) diz que "...as imagens exigem do observador uma resposta estética. Solicitam nossas emoções, não a nossa razão. Pede que sintamos, não que pensemos."

As imagens são universais, independem dos signos lingüísticos arbitrários e de convenções e, por isso mesmo, facilitam a comunicação, a reprodução, o reflexo e o espelho. "Ao espelhar demonstram estar inserido no espaço cultural e social do qual são fruto: ao não espelhar, evidenciam seu deslocamento e as outras possibilidades de identificação de um grupo social" (Jacks, 1995:158).

O que é a televisão senão um espelho?

Distorcido sim, mas idealizado através de imagens nítidas passíveis de cópias e de justificativas. As imagens televisivas têm sido a substituição do espelho vívido, real, ausente da vida de tantas pessoas anônimas e solitárias empobrecidas por relacionamentos efêmeros ou mal estabelecidos dentro de uma sociedade globalizada. No espelho televisivo o eu real e anônimo corresponde-se com o "eu" imagético cotidianamente repetido, reconhecido e familiar.

Embora dispense o conhecimento dos códigos lingüísticos, a televisão, com suas imagens, trouxe uma ruptura cultural significativa com a comunicação que se fazia pela informação verbal direta. As imagens televisivas e fílmicas distribuem

informações visuais que nem sempre estão relacionadas ao ambiente nos quais são apresentadas, dando a sensação de que há um hiato entre a representação do mundo e ele próprio; é como se houvesse uma liberação dos laços que unem o meio natural do social. Como disse Barbero:"trata-se da não contemporaneidade entre os produtos culturais que se consomem e o lugar, o espaço social e cultural a partir do qual esses produtos são consumidos, observados ou lidos pelas classes populares na América Latina" (1986:121).

As pessoas vão ao cinema, continua Barbero (1986), - por afinidade do meio pode-se concluir, vêem televisão - para ver-se em imagens que lhes mostram gestos, rostos, modos de caminhar e de falar, paisagens, vozes, tons, e com estas imagens vão construindo matrizes culturais desarticuladas de seu passado e de sua história. Neste sentido, os modelos dinâmicos da informação visual, seus *patterns,* têm uma potência estruturadora de um tipo novo, que atua por vias incomuns sobre as pessoas que os recebem. As condutas e comportamentos, que se desenvolviam em um equilíbrio permanente e estável, deixam de existir. Hoje, o homem integra-se à iconosfera do audio-visual (Cohén-Seat & Fougeyrollas,s/d), constrói a realidade através de um conjunto de novas modalidades de informação facilitadas por uma representação estruturada à distância. Não se trata de construção direta perante a ação e nem mesmo indireta perante o ensino; as informações visuais chegam à sensibilidade sem obedecer necessariamente às inflexões do raciocínio; no apelo das imagens a intuição e a afetividade entram em jogo, antes mesmo das instâncias de controle.

A informação visual é uma imposição de formas, tirando do homem seu domínio sobre sua representação do mundo, como também torna-o despossuído dos meios culturais de que dispõe normalmente para dominá-la. A atividade dos indivíduos submetidos à informação visual é a de participação, onde as informações não são somente recebidas, mas vividas por aqueles que as recebem, desencadeando comportamentos de empatia. A imagem móvel, com sua fluidez, sua precisão e seu dinamismo específico, se converte cada vez mais em modelo de

outras representações humanas. É no cinema e na televisão que se encontram as matrizes e os protótipos das novas concepções de mundo. Neste sentido, as representações deixam de ser simplesmente interpretativas e se tornam diretamente criadoras de existência (Cohen-Séat e Fougeyrollas, s/d).

Na mesma linha de pensamento de Barbero e Cohen-Séat, Kehl que a televisão apresenta formas fantásticas, soluções mágicas para toda espécie de angústia:"Tenho a impressão de que o discurso televisivo vem assumindo um papel importante demais na mediação da relação das pessoas com o real, vem substituindo de forma crescente outras dimensões da experiência." (Kehl,1995: 179).

Este empobrecimento da dimensão da experiência não deixa de ser uma violência invisível que atinge quase todos os indivíduos nas mais diferentes culturas.

2.1.1.2. Competência técnica do meio

O segundo eixo de reflexão é a competência técnica e refere-se ao aparato científico e tecnológico, produtores das imagens televisivas. Existe toda uma apropriação do conhecimento - das ciências exatas às humanas - para que o objetivo "vender a qualquer custo e cada vez mais" seja alcançado; assim a televisão está em constante processo de aperfeiçoamento na procura da permanente auto-atualização. Com o parâmetro de que suas vendas e sua eficiência são medidas pelo número de espectadores, preocupa-se em descobrir novas e eficientes formas de sedução, e é desvelando desejos que a televisão motiva e cativa a audiência.

Para entender a motivação de que a televisão é capaz, faço referência aos estudos de Maslow (2000) sobre a hierarquia de necessidades do ser humano[25],

[25] Maslow hierarquiza as necessidades humanas, partindo do princípioa vida mativacional do indivíduo está entre a motivação de crescimento e motivação de defensiva. Assim, as primeiras necessidades são aquelas que garantem o equilíbrio do organismo, sua sobrevivência – ar, água, alimento, sexo. A segunda necessidade é a

enquanto motivadoras das ações humanas e, por isso mesmo objeto de sedução. Diz Maslow (2000:14): "nossas necessidades e motivações mais altas estão biologicamente enraizadas". Assim sendo, ao tomarmos como referência a imagem televisiva, inferimos que a maior força de sedução está nas imagens ligadas às primeiras necessidades básicas que, garantem a estabilidade do organismo, como ar, água, alimento, sexo. Neste sentido, não é por acaso que atualmente as grandes estrelas da Rede Globo de Televisão são a apresentadora e modelo Maria da Graça Meneghel – Xuxa[26], com forte apelo erótico[27], e Ana Maria Braga[28],

---

segurança, a terceira (social) é o amor, a quarta, estima e, finalmente, a auto- realização. Sobre a segunda necessidade e a motivação televisiva, tornou-se sucesso o recém-criado *Linha Direta*, programa da Rede Globo, apresentado no horário das 21:50h, que investe em questões de segurança, através de simulação e de depoimentos das pessoas envolvidas, mostra crimes que estão impunes ou aqueles cujos acusados estão soltos. Através de fotografias, os criminosos são apresentados ao público, com um apelo de que o mesmo pode ser denunciado de forma anônima, e que toda informação ficará em absoluto sigilo. Com isso a polícia tem conseguido prender alguns culpados apresentados. Em tão curto espaço de tempo, desde sua primeira apresentação, o *Linha Direta* está com 38 pontos de Ibope. Na mesma linha de segurança, ou de seu contraponto, que é a violência, *Cidade Alerta* é um dos programas mais assistidos da Record, com 14 pontos de Ibope, numa emissora onde a maior audiência está em média com 15 pontos.

[26] Xuxa, a primeira babá loira a fazer sucesso na televisão, modelo para as que vieram depois, mantém-se no ar fazendo sucesso há mais de 15 anos, tendo sido a babá responsável pela distração de crianças de várias gerações, que passaram com ela muitas manhãs de suas vidas; boa parte delas são hoje os adolescentes que ainda a têm como musa – a musa dos "baixinhos", como é conhecida. Em dezembro de 1997, esta musa, apesar de solteira, anunciou sua gravidez durante um dos programas de maior audiência na época – *Domingão do Faustão*. Recentemente, o caso voltou à mídia pela polêmica declaração do Ministro da Saúde José Serra, declarando que a "produção independente" da apresentadora é exemplo para as adolescentes. Na mesma semana (18/08/99), sobre a polêmica entre o Ministro Serra e Xuxa, Roberto Pompeu de Toledo, ensaísta da Revista *Veja*, escrevia que 700 mil meninas entre 10 e 19 anos deram à luz no ano passado em hospitais do SUS; dessas, 32 mil tinham entre 10 e 14 anos, excetuando nestes totais as que recorreram a hospitais particulares ou clínicas clandestinas. Segundo Pompeu de Toledo, a referência à Xuxa durante a declaração do Ministro foi pertinente, uma vez que ela é pioneira no fenômeno de erotização das crianças, hoje tão característico no Brasil, e há anos que Xuxa, consciente ou inconscientemente, vem dando aulas de sedução às crianças, merecendo ser considerada um símbolo da permissividade da televisão brasileira, tornando-se a solteira grávida e depois jovem mãe mais celebrada do país. Dados colhidos por uma pesquisa acadêmica de 98, promovida pela revista *Cláudia*, mostraram que em cada 29 minutos as crianças recebem um estímulo erótico e uma imagem preconceituosa ou deturpada sobre a mulher. *Folha de S. Paulo*, 29/10/98.

[27] O erótico *Strip Show* tornou-se fenômeno de audiência em São Paulo com apenas 13 dias de lançamento. O programa é exibido pela rede Bandeirantes, por volta das 4h30min da manhã, com o Ibope de 2 pontos, correspondendo a 160 mil espectadores e 30% dos televisores ligados no horário. É um programa de *striptease*, onde garotas de programa, que cobram até mil reais, recebem 300 reais por gravação para tirarem toda a roupa. Na CNT, por volta da 1h30min, é apresentado *Papo Gostoso*, produzido por agência de telessexo. O nome "papo gostoso", sem dúvida, une duas necessidades básicas: sexo e comida, relação esta que faz parte da linguagem cotidiana, quando se caracteriza a garota como "gostosa", "biscoito", e os rapazes como "gostoso", "pão", entre outros (TV Folha, 13/12/98). No mesmo filão erótico, surgiu no cenário televisivo a figura da Tiazinha, modelo que, mascarada, vestida de corpete e cinta-liga, depila na frente das câmeras os ídolos masculinos que não conseguem responder às perguntas de assuntos gerais que lhes são feitas. Em um ano a modelo Suzana Carvalho passou de um salário de mil reais para 100 mil reais por mês e bateu o record de vendas da revista *Playboy*, para a qual posou nua. É importante registrar que os números da revista esgotaram-se

cujo programa utiliza receitas culinárias como carro chefe e cujo complemento são piadas burlescas pronunciadas por um papagaio.

Baudrillard (1991: 47) confirma o apelo sexual na sociedade contemporânea:

rapidamente, provocando uma nova edição, esperada ansiosamente nas bancas pelos pais acompanhados de filhos menores. Pelo seu grande sucesso, ganhou um programa especial, *As aventuras de Tiazinha*, uma espécie de desenho animado no horário das 20h na rede Bandeirantes. Entretanto, não conseguiu o Ibope esperado porque a heroína aparecia muito vestida. Agora, o programa continua com um novo formato, onde a heroína volta às origens, quase sem roupa, para depilar desavisados. No programa *H*, onde despontou, Tiazinha foi substituída pela "Feiticeira" de Joanna Prado, na mesma linha sadomasoquista. Neste papel, Joana Prado já conseguiu uma tiragem para a revista *Playboy* de 1,2 milhão de exemplares, superando o record de sua rival. Um pouco antes de Tiazinha, quem ficou famosa foi Carla Perez, integrante do grupo "É o tchan", que conseguia elevar qualquer nível de Ibope com uma dança que era característica sua, em movimentos essencialmente sensuais e eróticos. Com o sucesso, ganhou uma parceira morena, Sheila Carvalho, escolhida em concurso nacional que elevou o Ibope do *Domingão do Faustão* por vários meses, sendo considerada, depois, a mulher mais sexy do pais. Com problemas no joelho, causados pelos movimentos da dança, Carla foi substituída por outra loira, Sheila Mello, também tendo sido escolhida em concurso nacional.

[28] Ana Maria Braga comanda *Mais Você*, um programa diário que vai ao ar às 13h45min, onde a culinária é assunto principal, completado com artesanato, beleza, consultório médico e sentimental, tentando segurar os 16 pontos de Ibope do programa *Video Show*, que lhe antecede. Antes de ser contratada pela Rede Globo – com intuito de diminuir a concorrência, Braga fez o programa *Note & Anote* na Record por seis anos, com as mesmas características do programa da Globo. Atualmente, o programa da Record é comandado por Cátia Fonseca, com 5 pontos no Ibope. Braga estreou em outubro de 99 com 24 pontos no Ibope. Os culinaristas que se apresentam nestes programas já conseguiram alcançar a fama e, além do salário que pode chegar a 7 mil mensais, ainda alavancam o sucesso de seus restaurantes e seus cursos de grastronomia. Diariamente, a TV brasileira exibe em média 12 horas diárias de programas dedicados exclusivamente a mulher – dona de casa. Exclui-se neste total a programação da TV Mulher, cuja grade é dedicada à audiência feminina. Uma pesquisa encomendada pela ONG Tver concluiu que se a programação feminina da televisão fosse a única fonte de informação para as mulheres, estas seriam hoje iguais às dos anos 50 – Amélias, aquelas que só se preocupam em lavar, passar e cozinhar, arrumar a casa e servir ao marido (TV Folha, 17/10/99). Em contrapartida, na mesma época da estréia de Braga na Globo, o programa *Jogo Aberto*, apresentado pela sexóloga Marta Suplicy – que é presidente do Tver, com uma proposta de auto-atualização da mulher – foi tirado do ar por uma audiência que não passava de 2 pontos, por falta de anunciantes (*Veja*, 27/10/99). Atualmente, a novela de maior audiência, *Terra Nostra*, que chega a 57 pontos de Ibope, usa como mote "marido se segura no estômago e na cama", mostrando freqüentemente italianas fazendo e servindo a boa "pasta" e o bom molho e, depois, sua "fogosidade" na cama. Com isso, as mulheres italianas ganham a concorrência com a "outra".

Somos a cultura da ejaculação precoce. Cada vez mais, qualquer forma de sedução, que é um processo altamente ritualizado, apaga-se por trás do imperativo sexual naturalizado, por trás da realização imediata e imperativa de um desejo. Nosso centro de gravidade efetivamente deslocou-se para uma economia libidinal, que só deixa lugar a uma naturalização do desejo destinado à pulsão ou ao funcionamento maquínico, mas sobretudo ao imaginário do recalque e da liberação. A partir de então já não se diz:

'Tens uma alma e é preciso salvá-la' mas:

'Tens um sexo e deves encontrar seu bom uso';

'Tens um inconsciente, e é preciso que isso fale';

'Tens um corpo e é preciso usufruí-lo';

'Tens libido e é preciso gastá-la', etc...

Essa obrigação de liquidez, de fluxo, de circulação acelerada do psíquico, do sexual e dos corpos é a réplica exata que rege o valor mercantil: é preciso que o capital circule, que não haja ponto fixo, que a cadeia dos investimentos e reinvestimentos seja incessante, que o valor se propague sem trégua – é essa a forma da realização atual do valor da sexualidade, o modelo sexual é seu modo de aparecimento do nível dos corpos."

Para Baudrillard, a sedução não é da ordem do real, e nunca é da ordem da força nem da relação de forças; neste sentido, não se justifica dizer que as imagens televisivas são repressivas.

É este o grande trunfo da televisão: maquiando o real, seduz, conquista sem reprimir.

O que é realidade, o que é fantasia na televisão?

Seja por interesses políticos ou econômicos, seja por excesso ou limitações

das técnicas, o meio televisivo continuamente, com imagens tênues demais para serem notadas, está ultrapassando e borrando as fronteiras entre real e imaginário. As fronteiras indefinidas transformam-se em espaços ilusórios e sedutores; mascarando a realidade, produzem zonas de poluição e possibilitam comportamentos participantes experimentados e vividos nas marginalidades.

Nas questões das relações com o outro, em seus papéis sexuais, as zonas de poluição têm sido apresentadas pela mídia televisiva com muita assiduidade e, por sua indefinição, transformam-se em causadoras potenciais de interpretações equivocadas. Como disse Douglas:"Alguns tipos de comportamento podem ser julgados errados e mesmo assim não provocarem crenças de poluição, enquanto outros, julgados não muito repreensíveis, são tidos como sendo poluitivos e perigosos." (1966:159).

Se a poluição for pensada como desordem cultural, reforçam-se as discussões de Barbero (1986), Cohen-Séat (s/d) e Kehl (1995), no sentido de que os fatos apresentados pela televisão não correspondem ao "em torno" cultural, proporcionando vácuos de definhamento da cultura espacialmente localizada por empobrecerem o nível da experiência.

A discussão sobre a relação entre realidade e fantasia usada pelos meios de comunicação não é fato recente. Marx e Engels, já em 1844, na *Sagrada Família*, denunciavam a função alienante dos folhetins populares causada pela indefinição entre o real e a abstração. Gramsci (1986), fazendo uma leitura dos romances – folhetins que apareciam nas revistas francesas e italianas, defendia a idéia de que o cotidiano *taylorizado* da existência cria a necessidade do sonho, da fantasia, da ilusão. Esta necessidade de sonhar com os olhos abertos é concomitante "à instauração da organização científica do trabalho com o taylorismo e da racionalização da produção com o fordismo". (idem, 1976).

Aliados às pesquisas feitas dentro das ciências humanas, os aparatos ins-

trumentais, buscados pela televisão na tecnologia de ponta, permitem todo tipo de interferência no real e na elaboração do imagético. Ao lado das múltiplas possibilidades do *video tape*, os recursos do *flow* - interrupções pelos comerciais na seqüência da programação, e do *zapping* que permite a mudança rápida e indiscriminada das imagens com a ajuda do controle remoto, produzindo imagens de efeitos surrealistas, levam o espectador menos avisado a aceitar o inexplicável como verossímil (Williams, 1975).

A interferência do *flow* pode produzir resultados inesperados. Após uma cena em que assistimos a um assassinato, onde a violência e a crueldade são impostas aos nossos sentidos de uma forma tão brutal, o comercial, intrusivo, apresenta uma cerveja que *"desce muito mais redondo, redondo..."* e o crime que estava incomodando transforma-se em potência de prazer. No meio de tantas más notícias dos jornais televisivos, para Mac Luhan (1989), os comerciais são as boas notícias.

Mais poderoso que o *flow*, é o *zapping* do controle remoto, que permite o trânsito da realidade para a fantasia de forma assustadora. Com um apertar de botão, do filme *Sexta-feira Treze*, passa-se para receitas culinárias; dos romances ingênuos nas ilhas do Pacífico, passa-se para as atrocidades comandadas por algum líder radical; dos banquetes no palácio de Buckingham transita-se para imagens de crianças nigerianas morrendo de inanição; aos desenhos do Super Homem, sobrepõe-se uma entrevista com presidentes.[29] Do *Jornal Nacional* para a "Tiazinha", apenas um *click*, e para fugir ao mar de lágrimas da italiana Juliana da *Terra Nostra* (novela da Globo) e entrar na mexicanidade de *Usurpadora* (no-

[29] Muito antes do controle remoto tornar-se um hábito no Brasil, a realidade e fantasia foram fundidas de forma inesquecível pelo *Jornal Nacional* – noticiário de maior respeitabilidade na época. Em pleno horário nobre, o repórter noticiava que naquela noite seria conhecido o assassino de Salomão Ayala, como se Salomão Ayala, personagem da novela das oito, fosse figura proeminente de nossa sociedade. A foto do ator Edwin Luisi, que fazia o papel de Felipe, assassino de Salomão, foi publicada em alguns jornais da época com o mesmo destaque dado a foto de João Batista Figueiredo, que era anunciado como próximo presidente da República (*O Astro* – novela da Rede Globo que foi ao ar entre 77/78). Mais recentemente, outra fusão proposital aconteceu na novela "Rei do Gado". Ao velório do fictício Senador, representado pelo ator Carlos Vereza, compareceram os reais e verdadeiros senadores Eduardo Suplicy e Benedita da Silva.

vela do SBT) não é preciso nem mesmo sair da poltrona, apenas muda-se o canal. Daí a alguns minutos, ou até mesmo no dia seguinte, liga-se a televisão e assiste-se à continuação da novela que havia sido desligada, mas, já num ponto mais dinâmico e satisfatório. Isso cria a sensação de que a vontade do espectador é soberana, pessoas mais frágeis e imaturas como as crianças perdem a noção da irreversibilidade e das conseqüências dos atos individuais. *"Cansei, não quero mais desligo"*, sensação de falso poder que pode ser transposta para a realidade. É temerário afirmar, mas atos de vandalismo e violência podem ter sido gerados dentro de contextos onde a televisão possibilita o desenvolvimento deste falso poder, desta simbiose entre ficção e realidade, entre o real e o imaginário[30].

Paralela à indefinição constante do real e da fantasia, apresenta-se a perda dos limites entre tempo e espaço como se fossem categorias sinônimas, imagens instantâneas que acontecem no mesmo momento dentro do mesmo espaço. Nem sempre as pessoas têm o discernimento suficiente para separar o verdadeiro do imaginado.

Entendo que, por isso, deslocada da realidade mas ao mesmo tempo inserida nela, a imagem móvel, com sua fluidez, sua precisão e seu dinamismo específico, converte-se cada vez mais em modelo de outras representações humanas. É no cinema e na televisão que se buscam e se encontram as matrizes e os protótipos de novas concepções de mundo.

---

[30] Caso que entrou para a história e que serve de constante exemplo de nossa indignação, foi a morte de um índio pataxó, em Brasília. O índio, que estava em um ponto de ônibus, foi cruelmente assassinado quando três jovens da classe média embeberam as cobertas em que ele se enrolava e atearam-lhe fogo. É lógico que a relação com a mídia não pode ser assim direta, que por trás deste falso poder existe também uma série de preconceitos. Mas, vale como reflexão. Mais recente ainda é o caso noticiado pela mídia de que um menino de 9 anos deu cerca de 20 facadas em uma vizinha de 7, enquanto assistiam à TV, por volta das 18 horas do dia 7 fevereiro de 2000, na cidade satélite de Santa Maria, no Distrito Federal. O garoto disse à polícia que agiu inspirado no filme *Brinquedo Assassino*, assistido pela televisão na semana anterior (*Folha de S. Paulo*, 9/2/2000). Sobre este caso, o suplemento TV Folha fez uma pesquisa entre seus leitores, perguntando se filmes de terror podem influenciar as crianças a cometerem agressões. Os leitores que responderam deram o seguinte resultado: 77,5% responderam que filmes violentos influenciam crianças, 18,6% disseram que não, e 3,9% não chegaram a conclusões. Entre os que responderam sim, prevaleceu o argumento de que as crianças imitam quase tudo o que vêem. Já os que responderam não, culpam os pais, a educação deficiente e problemas psicológicos (*Folha de S. Paulo*, 27/2/2000).

As imagens produzidas e apresentadas pelo cinema objetivam a função de entretenimento e ficção, onde o indivíduo que entra numa sala escura vai à procura de lazer, de entretenimento, de aventuras, romances e fantasias. A escuridão e o silêncio fazem parte do clima, terminado o filme, acendem-se as luzes, volta-se à realidade; na televisão, as coisas acontecem de maneira diferente, não existe o ritual, as imagens misturam-se com o cotidiano familiar sem nenhuma preparação ou expectativa, sem mudança de roupa ou compra de ingresso. E mais, ao filme passado na tela do cinema, geralmente assistimos uma única vez; às imagens televisivas assistimos repetidamente.

É este o outro grande trunfo das imagens televisivas - a repetição, que se reproduz por inúmeros canais, em vários programas e nos mais variados horários. Repetição garantida pelas imagens armazenadas, recortadas, montadas e reconstruídas pela técnica dos videos taipes que é também a grande ferramenta de maquiagem do real. O fato visto uma vez é assustador; duas vezes se torna insólito; três vezes é estranho; repetidas vezes se torna tolerável; e por fim acaba se tornando familiar, transforma-se em hábito. "O que representa apenas recolher imagens, sem permitir que elas façam o percurso do pensamento, da criação, da memória e da própria história? Por que, nas dimensões do tempo, a televisão nega aquilo a que Valéry chama as duas maiores invenções da humanidade, ou seja o passado e o futuro?" (Novaes, 1991: 87).

A televisão não é um observador passivo e pode determinar ativamente como o evento se desenrola e, assim, torna-se particularmente responsável pelo que acontece. Apesar de pretender ser um instrumento de registro, a televisão constitui-se um instrumento de criação da realidade, no sentido de que faz crer no que faz ver e ao apresentar subrepticiamente, em seus programas de entretenimento, seus filmes e propagandas, idéias e valores, recorre à sua forma parabólica, com a pretensão de formar a opinião pública em seus momentos cruciais. Seus inúmeros recursos dão-lhe também a capacidade de eliminar e diminuir o nível de frustrações, substituindo a necessidade individual, na medida em que ofe-

rece ao público, momentos de identificação com heróis que vivem nas histórias representadas as próprias pulsões do espectador (Eco, 1984).

Até mesmo pessoas envolvidas em sua produção não têm conseguido escapar ao seu encantamento, aos seus enredos e às suas tramas. Alguns de seus próprios atores não conseguem sair ilesos da interferência repetitiva de seus personagens e transferem para a vida real os romances televisivos, se apaixonando verdadeiramente pelos seus parceiros da ficção, passando a viver com eles na vida real o que viveram na fantasia. Existem mesmo casos de ciúmes reais por personagens imaginários, como foi o discutido caso "Daniela Perez"[31], onde o ator torna-se assassino da atriz por quem estava apaixonado na ficção. Tais fatos, divulgados pelos meios de comunicação, são reforçadores da apreensão da realidade dentro da ficção imagética.

Muitas vezes, enquanto telespectadores, concordamos com Lasch (1984), quando diz que os meios de comunicação se esforçam para nos contar quem somos, a que programas gostamos de assistir, que produtos gostamos de comprar, em que candidatos devemos votar, quantos de nós vão se casar, quantos pedirão divórcio, quanto tempo viveremos, quantos sobreviverão a uma guerra nuclear, se forem tomadas medidas cabíveis. Cada vez mais nossas impressões sobre o mundo derivam dos elaborados sistemas de comunicação. A informação que nos é passada tanto descreve atos de ricos e poderosos como simula descrever vidas

[31] O Caso Daniela Perez reporta-se ao assassinato da atriz Daniela, filha de Glória Perez, autora de novelas, entre elas *Corpo e Alma*, que foi ao ar pela Rede Globo de Televisão entre 92/93. Nesta novela, Daniela fazia o papel de Yasmin, par romântico de Bira, representado pelo ator Guilherme de Pádua. Na trama Yasmin briga com Bira; na vida real, Guilherme mata Daniela em 28/12/92. Guilherme de Pádua foi condenado em janeiro de 1997 a 19 anos de prisão e sua mulher Paula Tomás também foi condenada, por ter sido considerada cúmplice. Paula estava grávida e deu à luz enquanto presa. Guilherme, por ter tido bom comportamento na prisão e ter cumprido um terço da pena, foi libertado em 14 de outubro de 1999 em regime de liberdade condicional; depois de cumprir parte da pena, Paula Tomás continua presa. Outro exemplo que continua sendo explorado pela mídia é o caso da atriz Vera Fisher com o ator Felipe Camargo. Vera e Felipe interpretavam um casal edípiano na novela Mandala que foi ao ar pela mesma Rede Globo entre 87 e 88. Édipo (Felipe) apaixona-se por Jocasta (Vera). O envolvimento sai da ficção e vai para a realidade: Vera (36 anos) desfaz um casamento que durava 16 anos e vai viver com Felipe (26 anos), união que gera um filho que está sendo disputado pelos tribunais; Felipe alega que Vera não tem condições psicológicas para criá-lo.

dos homens e mulheres comuns, ficando difícil reconhecer a nossa própria experiência nessas representações hipotéticas da realidade. Ao retirar os acontecimentos de seus contextos e os converterem em imagens, a tecnologia das modernas comunicações, reorganiza de tal forma em novas combinações que facilita a aceitação do inaceitável. Como exemplo, pode-se tomar o programa *Você Decide* da Rede Globo. É um programa interativo, onde o espectador, através do telefone, dá sua opinião sobre os rumos do enredo e escolhe o final da trama[32]. Depois de assistir a ele, se existia uma opinião do espectador contrária ao que foi resolvido, fica a sensação de que talvez a razão não esteja com ele próprio, mas com a maioria - hipotética, uma vez que os votos são dados não por todos os espectadores, mas pelos que deram os telefonemas e escolheram o final.

2.1.1.3. Autoridade do meio

O terceiro eixo é a autoridade do meio, e este talvez seja o grande ponto de divergência entre os cientistas sociais. Sobre esta questão existem perspectivamente dois olhares: os apocalípticos e o integrados, como os denominou Eco (1990). Os apocalípticos são aqueles que culpam os modelos fabricados pela mídia como os responsáveis pelo enfraquecimento moral e ético da juventude, como Strasburger (1999), Postman (1999), Schwartz (1985), que chega mesmo a denominar a mídia como segundo deus. E os integrados, como Barbero (1985), Bordieu (1997), Althusser (1983), que colocam a televisão como mais um instrumento de comunicação, sob a dependência dos condicionamentos sociais e individuais responsáveis pelos resultados que poderão advir de seu consumo. Neste enfoque, o receptor das mensagens e imagens televisivas não é um mero e ingênuo consumidor, mas um decodificador ímpar.

Não é fácil decidir-se entre os apocalípticos ou integrados, uma vez que é

[32] Um dos episódios mais comentados foi "Seria trágico se não fosse cômico", de 98. Mostrava uma família liberal onde o filho podia dormir em casa com a namorada, sem problemas. A filha tenta fazer o mesmo, mas os pais não permitem. A decisão se a filha teria o mesmo direito que o irmão cabia ao espectador. Ganhou o

difícil quantificar metodologicamente a influência dos meios de comunicação[33] no comportamento das pessoas. Dentro das tentativas das ciências sociais, passou-se das pesquisas sobre os donos dos meios, para as mensagens propriamente ditas e, hoje, fica claro que é necessário observar que, além do poder dos meios que emitem sons e imagens, além das mensagens que são enviadas, existe um receptor com todo um envolvimento social, com uma identidade cultural e individual que recebe e decodifica tais mensagens.

Althusser (1983, p. 85), ao colocar a televisão como um aparelho ideológico do Estado, afirma que como tal ela age pela ideologia - no sentido de que ideologia "é uma representação da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência", mas também afirma que "é no mínimo irrealista pensar que uma mensagem é captada da mesma forma por todos os indivíduos". (Op. cit., p. 154).

Para Bordieu (1997), a televisão é um instrumento de comunicação, muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações de concorrência encarniçada, implacável até ao absurdo, que são também relações de conivência, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns, ligados à sua posição no campo da produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, sua formação ou não formação. Daí decorre que esse instrumento de comunicação aparentemente desenfreado, que é a televisão, tem freio e seus efeitos, embora não sejam sem precedentes, são inteiramente inéditos.

---

sim, com 106.035 contra 48.430 para o não. "O que pensa o brasileiro". In: *Cláudia*. São Paulo: abril Cultural, abr. 1999 .

[33] Uma pesquisa da Data Folha de 96 coloca a imprensa como a instituição de maior prestígio, com 68% das respostas; em 2° lugar vem a Igreja Católica, com 47%, seguida pelos empresários (40%), forças armadas (38%), bancos e financeiras (37%), sindicatos dos trabalhadores (35%), poder judiciário (35%), Presidência da República e Ministérios (32%), Congresso Nacional (19%) e partidos Políticos (19%). Dentre os veículos da imprensa, a televisão é considerada por 40% como a mais confiável, 46% como a que mais informa e 31% como a mais independente.

Se Althusser (op. cit.) deixa claro que as imagens não são captadas da mesma forma por indivíduos diferentes, Bordieu (op. cit.) na perspectiva de violência simbólica, diz que para que a televisão exerça poder e imponha suas "verdades" deve haver cumplicidade entre os que a sofrem e os que a exercem. É preciso que o espectador compartilhe do código usado pelo meio, receba e entenda a mensagem, submeta-a à sua inteligência, à sua imaginação e a seu gosto, usando-a para uma reflexão consciente, para um simples lazer que restabeleça o equilíbrio físico e intelectual, ou aceite-a e a assimile como uma forma pessoal de comportamento.

No mesmo enfoque de Althusser (1983) e Bordieu (1997), Barbero (1995), diz que o processo de recepção é um processo de negociação de sentido e estudar a comunicação através da recepção não é mais uma nova etapa metodológica - superando os estudos anteriores dos meios e, depois, das mensagens. A recepção "é uma espécie de um outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação". O enfoque sobre o receptor, diz Barbero, além de possibilitar ao cientista social rever e repensar o processo de comunicação em seus países, em suas culturas e na sociedade, vai de encontro aos objetivos do mercado, pois mais do que nunca a proposta capitalista é satisfazer as necessidades do consumidor. Depois de ter ultrapassado a fase de formação de idéias e hábitos na proposta de dominação cultural, diz ele, os meios de comunicação têm hoje a proposta de vender. A televisão busca acima de tudo gratificar o consumidor e, para isso, utiliza dos mais diferentes estímulos visuais, sonoros e móveis, numa dinâmica constante. Para atingir o grande universo de consumidores é preciso entender que não existe uma única história. É preciso ter sensibilidade para entender a multiplicidade, a heterogeneidade e a temporalidade na constituição dos "lugares" dos receptores. Falar de recepção é falar de um espaço de interação, afirma Barbero (1995).

Falar da apreensão do significado de um texto, no caso imagético, que é culturalmente construído, é falar de leituras também culturalmente construídas.

Quando a preocupação é com a leitura adolescente e a relação com seu comportamento, entende-se uma dependência de sua bagagem cultural que lhe dá o filtro para as possibilidades de identificações e de absorção ou não daquilo que é apresentado. Para que haja comprometimento com o meio é preciso que o adolescente se auto reconheça, que encontre nas mensagens televisivas significados para permitir que tais mensagens transformem-se em suas representações de mundo.

Na visão de Geertz (1989), a cultura não tem poder absoluto e não pode ser responsabilizada pelos acontecimentos sociais, comportamentos, instituições, ou pelos processos; ela é um contexto formado por sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. Na medida em que as imagens televisivas são entendidas como signos interpretáveis, e textos de modelação para o comportamento adolescente, a responsabilidade dos resultados não pode ser vista como unilateral.

A relação de poder entre o meio e o espectador é caminho de mão dupla e, apesar de transmitir a sensação de poder, a televisão mostra sua fragilidade no momento em que insere em seu processo sistemas de pesquisa, como o Ibope, para detectar a aceitação de seus programas pelo consumidor, e sua preocupação constante com o receptor, comprovada pela renovação constante das grades de programação das emissoras. Se, no início, a televisão brasileira, através da TV Tupi, apresentava textos como *Os Rinocerontes*, de Ionesco, em horário nobre, para um universo elitizado de espectadores sem risco de fracasso, hoje, com a maciça aquisição de aparelhos pelas classes C, D e E [34], para garantir consumo e

[34] Exemplo de programa voltado para as camadas populares é o polêmico *Ratinho Livre*. Este programa, que foi sucesso na Record, roubando audiência de programas tradicionais da Globo, teve seu apresentador contratado pelo SBT, com um salário mensal de 800 mil reais, isso sem ter nenhuma formação especial. Carlos Massa, o "Ratinho", diz que o seu segredo é mostrar coisas que o Brasil nunca viu na TV. Com este objetivo, com ares de improvisação, utiliza todos e quaisquer tipos de apelos, desde brigas conjugais a aberrações congênitas. O "mundo-cão" com forte apelo popular consegue índices de audiência surpreendentes, tendo chegado a 36 pontos no Ibope, que equivale a 2,9 milhões de telespectadores. Em 97, Ratinho tinha ganhos mensais de 250 mil reais, passando para 1,5 milhão em 99. Gugu Liberato, apresentador de programas populares de auditório, também do SBT, ganha em média 3 milhões de reais por mês, incluindo salários e *merchandising* (dados fornecidos pela revista *Veja*, 15/9/99). Sobre o polêmico "Ratinho", Miceli adjetiva como figura de mosqueteiro do bem, com esgares de escracho, de arauto da ordem, delegado de plantão, peitudo e enxerido,

anunciantes a programação volta-se para assuntos de maior apelo popular, demonstrando o poder do espectador.

O "lugar" dos receptores, tão bem colocado por Barbero, nos remete à Williams. Para ele, é "óbvio que sistemas diversos, em épocas diversas e em países diversos transmitem versões seletivas radicalmente diversas de conhecimento e de cultura" (Williams, 1992:183). Na maior parte das sociedades mais complexas, pode-se fazer diferenças sociológicas fundamentais, encontrando-se não só conjuntos de relações e interesses sociais estáveis como conjuntos dinâmicos. Neste sentido, faz-se necessário distinguir o residual, o dominante e o emergente.

As condições de dominação estão sempre mais evidentes na área de produção cultural, onde os que são dominados encaram esta dominação como natural e necessária, enquanto os que dominam não têm uma consciência nítida sobre isso. O residual, tanto quanto o emergente, dentro da produção cultural, é muitas vezes acessível como prática, que o dominante tenta absorver elaborando manifestações tidas como alternativas, mas que são apenas novas formas de garantir os espaços e ser bem sucedido. Neste sentido, não há como distinguir com precisão se as novas formas são realmente emergentes ou inovação do dominante e uma análise, para desvendar o que vai ser reproduzido ou não, é sempre muito complexa.

Se para Bordieu (1992) a reprodução se dá através da violência simbólica, entendendo-a como a imposição de um arbitrário cultural por um poder arbitrário, pode-se concluir que as informações passadas pela televisão podem ser impositivas e alienantes, no momento em que estão desvinculadas da realidade dos indivíduos que as recebem; neste sentido, "a televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da popu-

mescla de tira, boxeador e bufão. Ratinho tem os dotes requeridos para estabilizar sua posição no lucrativo mercado de programas de auditório – talento, inteligência e atilado senso dramático – faltando-lhe apenas ampliar a composição sócio-cultural de seu público e, nesse passo, atrair o patrocínio empresarial indispensável (Folha de S. Paulo 17/04/99).

lação" (Bordieu, 1997:23). Embora o poder arbitrário possa estar embutido nos sistemas econômicos, políticos e geracionais que se interrelacionam, tais sistemas não perdem suas significações específicas, por constituírem relações entre seres humanos conscientes, que se comunicam e continuam fazendo parte de um sistema de significação mais amplo e mais geral que é o sistema social.

Miceli (1972: 224), ao discutir as negociações de sentido, com o olhar voltado para os elementos dominantes, residuais e emergentes da cultura, diz que: "os programas de maior audiência são aqueles que, sem o saber, opõem as dificuldades mais sérias ao êxito da imposição das significações, conteúdos, autoridade e legitimidade da cultura 'dominante', expressão simbólica das relações de força vigentes."

Miceli não afirma com isso que a produção dos programas tem uma autonomia simbólica irrestrita, mas são produzidos pela imposição da matriz de significações que a coalizão dominante quer incutir. O problema não está nas instâncias de controle internas ou externas ao campo - Estado, Igreja, Escola, etc...muito menos na censura imposta a tais programas, diz ele, mas acima de tudo está no tipo de demanda simbólica a que são obrigados a satisfazer. A questão é complexa,

> devido à mistura de significações que caracteriza tais programas: transmitem ao receptor excluído a imagem de uma sociedade de consumo plenamente constituída, mas a constituição simbólica da indústria cultural às representações do mundo e dos homens que trazem do primeiro estágio de sua socialização, e não as representações que poderiam possuir... (Op. cit., 1972: 226).

As classes populares procuram compensar a escassez de capital cultural pela ingestão de certas práticas culturais que, em sua ótica, constituem o emblema da cultura dominante. Seria uma cultura de antecipação, na medida em que oferece um conjunto de bens simbólicos que saciam a demanda dos excluídos, oferecendo-lhes, através dos meios de comunicação de massa o ingresso vicário

à sociedade de consumo que se desenvolve no contexto urbano-industrial. Neste sentido, as telenovelas têm sido usadas como a porta aberta por onde todos entram para viver vicariamente todas as promessas do contexto urbano-industrial próprio do mundo capitalista, ao serem seduzidos pelas maravilhas do consumo.

Strasburger (1999) diz que a influência da televisão, na maioria das vezes, não é imediata e direta, mas indireta, sútil e cumulativa. Ao resgatar pesquisas sobre a televisão, Strassburger expõe os estudos de Bryant & Rockwell (1994), que atribuem à televisão os "efeitos de estalagmite", como depósitos cognitivos acumulados quase que imperceptivelmente, a partir da àgua eletrônica, de gota em gota. Sobre este modelo, Greenberg (1988) sugere que o gotejamento, ocasionalmente pode ser substituído pelo modelo da "enxurrada", onde programas de grande alcance popular podem substituir conceitos estabelecidos. Já Gerbner, Grons, Morgan & Signorelli (1994) mostram-se através dos estudos de Strasburger (1999) como defensores da hipótese do cultivo, cuja idéia principal é de que pessoas que estão mais expostas à recepção televisiva, têm maior tendência para acreditar que a televisão exibe o mundo real, ou até mesmo que o mundo real deve pautar-se pelas regras da televisão, mudando o modo como vêem seu próprio mundo.

Um olhar a nossa volta confirma todas estas hipóteses: como não aceitar que coisas que vão sendo repetidas, um dia após outro, gota a gota, não se tornam aceitas e até reproduzidas no cotidiano? Como não aceitar o fato de que um chiste de um show humorístico não seja introduzido na linguagem coloquial das pessoas, ou que um corte de cabelo de uma personagem de novela não seja o mais pedido nos salões de cabelereiro? Lógico também que pessoas solitárias, de parco convívio social, aceitem o mundo da ficção como verdadeiro pois, afinal, os atores e atrizes da fantasia estão muito mais presentes em suas vidas e lhes dão muito mais alegria que seus vizinhos ou parentes, que lhes trazem problemas e preocupações.

A televisão é informação, é companheira, é entretenimento, é emoção, é

fantasia e, por tudo isso, como foi discutido, de maneira alguma é neutra.

2.2. As telenovelas

Dentro da programação televisiva, as telenovelas transformaram-se em poderosos instrumentos de sedução e de garantia de audiência, e têm sido utilizadas não só para vender produtos, mas também idéias. As telenovelas nada mais são que novelas transformadas em imagens.

As novelas, diz Borelli (1985), fazendo parte dos gêneros ficcionais, são matrizes culturais universais, recicladas e transformadas na cultura de massa, aparecendo como elementos de constituição do imaginário contemporâneo e de construção da mitologia moderna. É uma reposição arquetípica, uma aclimatação do padrão originário a uma nova ordem e instrumento de mediação das projeções e identificações com o público receptor. Com suas tramas, personagens e temáticas reconhecidas pelo público receptor, são alternativas exemplares na constituição dos mitos que se transformam em verdadeiros modelos de cultura. A familiaridade com os temas e a identificação com os personagens podem redimir referências coletivas, restabelecer a "volta ao lar" e liberar o "homem da multidão". Os estudos de Leal levam à mesma conclusão de Borelli:

> Há eficácia na lógica interna dos significantes de uma mensagem quando esta coincide com o imaginário de um grupo social, validando, ao mesmo tempo, a mensagem e o imaginário. Imaginário é aqui entendido como aquilo que não é contingência, como desejo, como os espaços da onipotência do sujeito e do pensamento que potencialmente operam uma ruptura com o real. (Leal,1986, p.89).

A telenovela foi criada na década de 50, nos Estados Unidos, como peça de publicidade para que a Procter e Gamble ganhasse a concorrência na venda do sabão Oxydol. Com isso, passou a ser chamada de *soap opera,* transformando-se

rapidamente, ela também, em produto de grande consumo. E embora pese sobre os latino-americanos, principalmente os brasileiros, o grande fascínio pelas novelas, são os ingleses seus mais ardorosos espectadores.[35]

Ortiz e Ramos (1991) afirmam que a telenovela é caracterizada pela produção em escala industrial, um tipo de ficção voltado para as razões da indústria, sendo marcada pelas fortes determinações empresariais e econômicas que a envolvem. Na busca de um padrão científico de qualidade, seus produtores buscam um constante aperfeiçoamento e, neste sentido, os receptores são os fornecedores de material quantitativo estatístico, como também fontes de material qualitativo na reelaboração do produto.

Para Michele Matelard (1981), a telenovela é um tipo de ficção melodramática mais dedicado aos padrões e expectativas do universo feminino. Todavia, isso não impede que os homens façam parte de seu público assíduo. O conteúdo das telenovelas é o mesmo das rádionovelas ou dos folhetins e caracterizam-se por uma trama onde o foco principal é uma situação amorosa. Amor quase sempre impossível pela desigualdade de classe social ou pela diferença de idade dos envolvidos. À trama central mesclam-se patologias sociais, lares desfeitos, doenças incuráveis, filhos naturais, alcoolismo, promiscuidade, colocando-se ênfase sobre determinados valores femininos convencionais. O importante do enredo é que no final o amor sempre vence (M. Matelard, 1981). Na América Latina, diz M. Matellard (1973), as novelas trazem uma mensagem normativa, obedecendo a uma estrutura maniqueísta com a recompensa para os bons e virtuosos, onde o sacrifício e a abnegação maternos são atitudes sempre reforçadas.

Há uma preocupação em tornar a novela um *simile* da realidade, quer através da representação do real, quer na explicação desta realidade, exercendo a

[35] Uma pesquisa feita em 30 países por Roper Starch Worldwide listou os dez países que mais vêm novela, mostrando que em primeiro lugar está a Inglaterra, com 67% da população acompanhando-as sistematicamente; em seguida vem o Brasil, com 64%, China com 58%, África do Sul com 56%, Coréia com 53%, Venezuela, 51%, Taiwan 51%, Holanda, 38%, Canadá, 36% e México, com 35% (revista *Veja*, 22/03/2000).

função de reproduzir as condições da formação social e colocando a mulher em condições de aceitar a explicação natural de sua dominação. "A novela, é pois, instância legitimadora e legitimada, que na sua natureza de bem simbólico da indústria cultural, que é consumido por sujeitos socialmente diferenciados, busca conciliar o velho e o novo." (Leal,1986: 86).

As telenovelas são os espaços de cristalização ideológica, onde se confirmam os sentimentos e as concepções de mundo e ao mesmo tempo onde são diluídos os elementos que rompem as regras e introduzem a desordem. A televisão, diz M. Matellard (1973), não pode converter-se em um meio de vanguarda, é necessário proteger e manter a ordem social e isto se faz mantendo um conservadorismo seguro a serviço da sociedade estabelecida. Para ela, a novela carrega uma carga muito grande de ideologia e os *mídia* que fazem novela produzem um conjunto de valores que correspondem aos interesses de um sistema de poder, pensando que os receptores reagiriam a eles como os animais condicionados por Pavlov. Todavia, hoje, os *mídia* já não são mais tão ingênuos e esta visão de Matellart parece-nos um tanto fora de contexto.

Nos países latino-americanos, continua M. Matellard (1973), as produções nacionais coexistem com séries importadas que, em sua maioria, apresentam universos simbólicos de um mundo altamente industrializado, com valores que refletem a emancipação relativa de uma mulher incorporada à vida profissional em um terreno de igualdade com o homem, que não correspondem aos valores nacionais. Sobre esta coexistência, no Brasil de hoje, este processo não ocorre da mesma maneira, uma vez as novelas brasileiras fogem aos padrões tradicionais latino-americanos, mostrando uma classe média urbano-industrial mais liberal.

A história da telenovela brasileira está ligada à história da televisão em nosso país, instalada nos anos 50, usando como modelo a televisão americana, sendo gerada em relação íntima com a publicidade. Em treze anos de existência - 51-

63, a televisão brasileira já havia apresentado 160 novelas[36], em exibições de duas ou três vezes semanais. O primeiro lançamento de novela diária foi feito pela TV Excelsior – *2-5499 Ocupado* – em junho de 1963[37], trazendo com ela o hábito do espectador brasileiro.

Gabriela, de Walter George Durst, adaptada da obra homônima de Jorge Amado e exibida no horário das 22 horas, foi a primeira exportação da novela brasileira, exibida em Portugal em 1975. Com a inclusão dos países africanos de língua portuguesa, abriu-se um novo mercado de bens culturais, ampliado depois com os países latino-americanos e toda a Europa. Agora, são consumidores deste mercado a China, Japão e o resto do mundo.

Na década de 70, Lauro César Muniz, com *Espelho Mágico*, através das imagens da Rede Globo, tentou trazer ousadia e inovação, numa metanovela que pretendia desvendar os próprios bastidores da Rede Globo. Não foi entendido e muito menos aceito pelo público. Esta foi uma das primeiras demonstrações de que não há espectador se não houver auto-reconhecimento, não há audiência se não houver compreensão de sentido. Nesta época, a Rede Globo começa a investir no horário das seis com novelas adaptadas de obras dos grandes autores da literatura, que registram o passado romântico, numa tentativa de suprir e agradar o espectador que quer refugiar-se no sonho, esquecer os problemas cotidianos e esconder-se da difícil realidade.

---

[36] A primeira telenovela brasileira, *Sua Vida Me Pertence*, de Walter Forster, foi lançada em 51. A primeira novela a fazer real sucesso e marcar época no Brasil foi, sem dúvida, *Direito de Nascer*, colocada no ar pela TV Tupi em 7 de dezembro de 1964, durando até 13 de agosto de 1965. A renovação de temas e costumes veio com *Beto Rockefeller*, transmitida de 04 de novembro de 1968 a 30 de novembro de 69, ainda pela TV Tupi. Também com enfoque sobre a realidade brasileira, a Globo lança *Véu de Noiva*, de Janete Clair, anunciada como novela-verdade. Janete Clair torna-se a grande autora do horário nobre das novelas da Globo. Só na década de 70 são apresentadas dez novelas de sua autoria. Suas novelas foram: *Irmãos Coragem* (1970), *O homem que deve morrer* (1971), *Selva de Pedra* (1972), *O Semideus* (1973), *Fogo sobre Terra* (1974), *Bravo* (1975), *Pecado Capital* (1975), *Duas Vidas* (1976), *O Astro* (1978) – a única do horário das 7 – e *Pai Herói* (1979). Cf. Temer e Monteiro, 1997.

[37] Esta novela foi ao ar de julho a setembro de 1963, no horário das 19 horas. Com texto e diretor argentinos, tinha como atores Glória Menezes, Tarcísio Meira, Lolita Rodrigues, Neusa Amaral, entre outros (Reimão, 1997).

A institucionalização do *merchandising* dentro das novelas como parte do enredo, acontece nos anos 80 nas novelas *Dancing Days* quando a atriz Sônia Braga vende através de sua personagem a marca *Staroup*; depois em *Água Viva* a atriz Bety Faria vende *Ustop*. A partir daí o *merchandising* toma conta da cena. Os fabricantes que não querem ou não podem pagar a exposição de seu produto têm seus rótulos e logotipos camuflados ou retirados.

A reconhecida hegemonia das novelas da Rede Globo foi ferida no início da década de noventa com a novela *Pantanal*, da Rede Manchete, exibida no horário das 21h30min, onde o autor Benedito Ruy Barbosa desenvolve uma temática erótico-ecológica ambientada no pantanal matogrossense.[38]

Na guerra para manter-se como hegemônica, a Rede Globo lança no horário das oito (20:00h) a *Rainha da Sucata*, com um elenco de estrelas de primeira grandeza como estratégia de manter o público no horário seguinte, que apresentava a minisérie *Riacho Doce* na mesma linha erótico-ecológica de *Pantanal*. A Manchete responde com *Canto das Sereias* gravada em Fernando de Noronha e a busca de audiência apela para temas e cenas que garantem a sedução discutida por Baudrillard (1991). O resultado deste exagero é o excesso de nudez, provocando a interferência do Governo Federal.[39]

Atualmente, fazendo concorrência com as novelas da Globo, entraram no ar, pelo SBT , A *Usurpadora*, exibida em 98 no México, uma representação da caracterização verdadeira feita por Matellard (1981) e o autêntico resgate dos folhetins franceses do século XIX. É um romance clássico típico de histórias de Cinderela, onde os diálogos primários reforçam as ilusões e sonhos dos espectadores. A novela foi vendida a 120 países, traduzida para 25 idiomas e, no Brasil, alcança um índice semanal de audiência de 19 a 21 pontos no Ibope, sendo substituída,

[38] Ao gravar esta novela, a rede Manchete investiu 7,5 milhões de dólares, esperando atingir um máximo de audiência de 15% a 20%. Para surpresa de todos, atinge picos de 46% em São Paulo (Tondato e Carrara, 1997).

em seu horário, por *Privilégio de Amar*, dentro das mesmas características que alcançaram sucesso com *A Usurpadora*.

Segundo o jornalista Augusto Marsagão, que trouxe a primeira novela mexicana para o Brasil, em 1981, "as novelas mexicanas estão mais próximas da realidade do sentimento popular, mexem com a emoção, comovem, a exemplo da 'Usurpadora'".[40] Para Marsagão, as novelas brasileiras pecam pelos excessos: sexo, luxo ostentatório, violência, não só a violência física como também de linguagem, na defesa de interesses perversos e sádicos. Em sua maioria, as novelas brasileiras arranham a assimetria moral da população.[41]

Apesar de continuar com uma audiência cativa, a telenovela brasileira já passou por sua época áurea quando, na década de 80 novelas como *Roque Santeiro* chegou a 90 pontos no Ibope. Hoje, quando chegam a 40 pontos considera-se um excelente índice. Essa rejeição pode ser justificada pelo conservadorismo que caracteriza o espectador brasileiro. Caso recente foi a novela *Torre de Babel* que trazia personagens com comportamentos considerados patológicos e heréticos dentro da cultura brasileira, como drogados e lésbicas[42]. A queda de audiência e a indignação do público forçaram uma mudança na trama e todos os renegados desapareceram junto com a explosão de um *shopping center*.

O que leva um público como o brasileiro a rejeitar tais imagens? Muniz Sodré (1994: 17)) ao comparar a televisão com o espelho de Narciso diz:

[39] Com a Portaria nº 733, o Ministro da Justiça Jarbas Passarinho pressiona as emissoras a controlarem o nível de violência e erotismo veiculado nas programações (Tondato e Carrara, 1997).
[40] A primeira novela mexicana a entrar no Brasil foi *Os Ricos também choram*, produzida pelo chileno Valentin Pimstein, o mesmo produtor de *A usurpadora* (*Folha de S. Paulo*, TV Folha, 5 set. 1999).
[41] Augusto Marsagão foi diretor da Televisa, no México, por 18 anos (1971-1989), foi assessor dos presidentes Jânio Quadros, José Sarney e Itamar Franco e consultor de Fernando Henrique Cardoso.
[42] A primeira novela a introduzir o homossexualismo feminino foi do diretor Gilberto Braga, exibida também pela Rede Globo em 1988. *Vale Tudo*, que tinha como tema de abertura a música de Cazuza "Brasil mostra tua Cara". Na trama, as atrizes Cristina Prochaska (Laís) e Lala Deheinzelin (Cecília) viviam um relaciona-

> Assim, Narciso pode ser também considerado como aquele que mata a verdade de si mesmo (sua realidade, como indivíduo concreto) e morre em sua própria imagem, o seu duplo. Aqui se dispensam as hipóteses de interiorização profunda do sujeito (da qual vive toda psicologia), de existência de aparelho psíquico, em favor da concepção de um jogo de sedução: o aparecimento do duplo (a imagem de si mesmo) desafia o real do sujeito (a unicidade, a singularidade, a originalidade) a existir, afastando-o de sua verdade, arrastando-o para o jogo ilusório das aparências.

Sem dúvida, a aceitação ou não de uma telenovela serve como termômetro das rejeições, inquietações, angústias e das identificações de um público receptor espacial e culturalmente localizado, que quer esquecer o triste e feio cotidiano. As constatações são dadas através de índices muito baixos de audiência de algumas novelas apresentadas ao longo da história da televisão brasileira, que não conseguiram a identificação e a empatia com o espectador.

Todavia, as rejeições e aceitações ou não das imagens do espelho não são definitivas, podem mudar no tempo e no espaço. Como afirma Ortiz (1994), é possível transcender as territorialidades através das dimensões dos meios de comunicação; em suas palavras, "somos todos cidadãos do mundo", e mesmo quando não nos deslocamos, através dos meios de comunicação, o mundo chega até nós. Na era da globalização e da mundialização, os meios de comunicação têm um poder considerável, onde as imagens exercem papel fundamental e se o aparato tecnológico desses meios não é causa da mudança social, é sem dúvida uma fonte potencializadora.

Neste sentido, as colocações de Ortiz (1994) levam a reflexões de que se as imagens televisivas são potencializadoras de transformação, é potência ainda maior se este meio é visto e se esta mensagem é recebida pelo adolescente, idade privilegiada da potência e da mudança.

---

mento amoroso. As cenas das conversas entre as duas personagens sobre as discriminações que sofriam foram vetadas por Raimundo Mesquita, da Censura Federal.

Quando se fala de um mundo que não é mais polarizado, não é mais história única, mas multifacetado, plurisignificativo e fragmentado, estamos falando também de uma população multireferenciada. Neste sentido, não é possível olhar o receptor como um simples receptáculo, um "vaso" que recebe e guarda todas as mensagens que lhe são comunicadas. E a televisão, sem dúvida, passa a ser um dispositivo constituinte da cultura, um importante espaço de construção social da realidade. (Alves, 1995).

É preciso vislumbrar a relação que se estabelece entre a televisão e o espectador, enquanto um "pacto comunicativo" que permite examinar como, por um lado, este veículo tende a reproduzir a interação da vida cotidiana, em suas formas de conversação, conselho, confidência e, por outro lado, de que maneira ao repropor e repetir esses rituais cotidianos, ele – o espectador - os tem convertido, por sua vez, em etiquetas e modelos de comportamento idealizados e codificados (Vilches, 1996).

Como foi dito, anteriormente, é difícil quantificar a influência da televisão sobre o comportamento dos indivíduos; mais difícil ainda se torna, se o indivíduo receptor se caracteriza, como foi visto, por uma personalidade moratória, que está sendo construída e que, apesar de atitudes ainda infantis, está sendo exigido como adulto. O caráter híbrido dá, à identidade não cristalizada do adolescente, uma capacidade de absorção muito maior de qualquer tipo de mensagem recebida.

Dentre as telenovelas, a novela *Malhação* é o texto a ser interpretado como significante para o comportamento adolescente, no estabelecimento dos papeis masculinos e femininos em representações de arranjos familiares futuros. Neste sentido, passamos a discutir sobre papéis, numa tentativa de entender as implicações históricas e os determinismos culturais envolvidos nas posições estabelecidas dentro da família.

3.1. A Mensagem – Os papéis

Na busca de estudar a novela *Malhação* como uma possível fornecedora de mensagens, ou mais propriamente de *scripts* para o comportamento adolescente, utilizando a Teoria de Goffman (1996) de que ações sociais são ações teatrais, e que o comportamento dos indivíduos pauta-se pela representação de papéis, torna-se importante esclarecer o que seja papel. Na introdução de sua teoria Goffman (1996: 24) posiciona-se: "Definindo papel como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, podemos dizer que um papel social envolverá um ou mais movimentos, e que cada um destes pode ser representado pelo ator numa série de oportunidades para o mesmo tipo de público ou para um público formado pela mesmas pessoas."

Para Goffman, existe no momento da formação de grupos, ou da inserção de um novo elemento, uma busca recíproca de informações que servirá para definir a situação e antecipar as práticas a serem desenvolvidas naquela situação.

No momento em que entemos o adolescente como um indivíduo moratório, indeciso, cheio de dúvidas mas, mais do que ninguém, precisando de aprovação, é coerrente que lance mão de todos os recursos possíveis para obter as informações necessárias para ser socialmente aceito. Estas informações são tanto mais valiosas, por se referirem aos papéis sexuais no momento em que também a identidade sexual está sendo construída e testada.

A representação sobre sexualidade é a mensagem a ser estudada, dentro da telenovela, no sentido de entender até que ponto o comportamento adolescente está ou não sendo estruturado pelo texto imagético. O olhar sobre as mensagens estarão sob a ótica de Maslow, citado por Puente (1982) sobre as necessidades humanas; na perspectiva de Baudrilard(1991) de que se vive em torno da economia libidinal; e na perspectiva de que é na adolescência que o desejo sexu-

al pelo outro se mostra com toda sua força (Hall, Erikson in Alves,1989). É com este olhar que busco nos autores preocupados com o assunto, o desvelamento do que vem acontecendo com o masculino e o feminino, na tentativa de explicar o comportamento atual do adolescente.

Os avanços tecnológicos, a microbiologia, a microeletrônica, a energia nuclear, a multiplicação das indústrias, o abandono do campo, os inchaços das cidades, imanentes do mundo capitalista, provocaram mudanças de comportamento em todos os níveis, principalmente no que se refere aos papéis sexuais, mostrando novas maneiras de se viver a relação homem/mulher e de se construir novos arranjos familiares. Arranjos estes que estão sob a ação de vários elementos, que interagem na constituição de seu processo dinâmico, cujas modificações, embora não se dêem de forma tão rápida, estão bastante visíveis.

A abertura do mercado de trabalho, que ajudou a precipitar as mudanças na família e na relação homem/mulher, pode ser reconhecida em duas posições diferentes: a necessidade da mulher trabalhar fora para contribuir com a renda familiar (motivo puramente econômico) e o motivo psico-emocional, com a ampliação dos limites do espaço doméstico que se abre para a possibilidade da realização pessoal, mostrando que o "mundo lá fora" pode ser visto com os próprios olhos e não mais através do crivo do olhar masculino.

As conquistas no campo profissional e pessoal, somadas às descobertas científicas, geraram novas categorias de relações, principalmente quando o controle de natalidade libertou a mulher da relação sexo e prole, tirou-lhe a carga de ser exclusivamente reprodutora e mostrou-lhe novas formas de prazer. A mulher pode, então, manter relações sexuais sem correr o risco de engravidar, pode optar pelo número de filhos, pelo espaçamento entre eles e até mesmo optar por não tê-los[43]. E, acima de tudo, a separação entre sexo e prole foi concretizada através

[43] Os dados do IBGE mostram que na década de 50 as mulheres tinham em média 6,2 filhos; na década de 70 a média era 5,8 filhos; na década de 80, a média era de 4,3 filhos e em 97, a média caiu para 2,4. A queda nas

dos investimentos com pesquisas na área de reprodução humana, dando à maternidade a independência do relacionamento físico com o homem, num quase enunciado da androgenia, onde o "bebê de proveta", ficção de décadas atrás, transformou-se em corriqueiras produções independentes, tornando-se motivo desequilibrador do poder masculino.

As questões da relação homem/mulher, e mesmo o conceito do que é masculino e feminino, envolvem uma série de discussões e constituem-se em espaço privilegiado de discussões e reflexões dentro das Ciências Sociais.

Durante séculos, a história tem mostrado que, nos desenlaces, coube à mulher, quase sempre, a culpa das desgraças dos homens. Até para o sábio Platão: "Os homens covardes, que foram injustos durante a sua vida serão provavelmente transformados em mulheres quando reencarnarem". Na era cristã, Santo Tomás de Aquino afirmava que "a mulher é um ser acidental e falho. Seu destino é viver sob a tutela do homem". E assim, por séculos, o olhar masculino assinala a mulher como perigosa e enganadora. Esta suspeita talvez justifique o fato do homem tentar manter a mulher reclusa e sob vigilância, não permitindo que se manifeste fora dos limites a ela reservado - sua casa, seu lar. Situação e localização ricamente mostradas por Bordieu na casa kabilla.[44] A mulher, como todos os grupos oprimidos, faz sua resistência e tenta subverter a ordem. As histórias, mitos e lendas estão cheias de exemplos. Entre os índios americanos, são comuns as lendas com situações em que homens e mulheres mentem ou usam de disfarces.

---

taxas de fecundidade vem acontecendo em todo o país, embora a média ainda seja maior no norte e nordeste (para mais detalhes: www.ibge.gov.br).

[44] Um mundo dentro do mundo, uma casa que, ao abrir suas portas e construir suas paredes, através de suas luzes e sombras, representa o mundo de fora totalmente às avessas. Casa que é divida em parte alta e baixa, parte escura e iluminada. A parte íntima, escura, é reservada às coisas da natureza, lugar específico da mulher, do sexo, da procriação. A parte iluminada é reservada aos objetos e ações culturais, como tecer e receber os hóspedes. O homem fica dentro da casa o mínimo possível, só à noite, e isto em tempos de inverno. É degradante para um homem permanecer na casa depois que se faz dia. Quanto à mulher, é só o que lhe resta. Ficar dentro de casa. Seu trabalho está destinado a permanecer obscuro e escondido. Entre os Kabilla existe um ditado que diz "A mulher só tem duas moradas: a casa e a tumba." (Bordieu,P. A Casa ou o Mundo às Avessas. In: Correa, Mariza(org.).Texto Didático. IFCH.N.16, Março/ 1995: 85-107).

Sexo, mentira e ciúme são constantes nas uniões e separações.[45]

Apesar das mudanças, o tempo de dominação masculina é muito longo para ter sido totalmente desraigado em apenas quatro décadas. Afinal, a grande mudança no espaço feminino só foi provocada na década de 60[46], quando o *Se-*

[45] Exemplo disso, um mito que acho particularmente interessante, é o do sol e da lua, encontrado entre os índios Jivaro. "O Sol e a Lua, que eram humanos, viviam antigamente na terra e dividiam a mesma casa e a mesma mulher. Ela se chamava Aoho, isto é, Engole-vento, e gostava do abraço quente do Sol, mas tinha medo do contato com Lua, cujo corpo era muito frio. Sol resolveu fazer ironias sobre essa diferença. Lua humilhado, subiu para o céu agarrando-se a um cipó, e ao mesmo tempo soprou sobre Sol, eclipsando-o. Quando os dois maridos desapareceram, Aoho se sentiu abandonada. Tentou seguir Lua até o céu, levando um cesto de argila que as mulheres usam para fazer cerâmica. Lua percebeu, e para se ver livre dela de uma vez por todas cortou o cipó que unia os dois mundos. A mulher caiu com o seu cesto, a argila se espalhou sobre a Terra, e hoje pode ser encontrada em vários lugares. Aoho se transformou no pássaro que tem o seu nome, e cada lua cheia, pode-se ouvir o seu lamento, chorando pelo marido que a abandonou. Mais tarde, o Sol também subiu para o céu, usando um outro cipó. Mas, mesmo lá no alto, Lua continua a fugir dele, os dois nunca caminham juntos e não podem se reconciliar. Por isso o Sol só pode ser visto de dia, e a Lua de noite."(Lévi-Strauss, 1985:23). Não me furto também da oportunidade de transcrever, a título de ilustração, outros dois mitos. O primeiro dos índios Cavina da Bolívia: *dá a um homem uma esposa Sucuri, bonita e trabalhadora. Mas uma mulher Sapo também amava esse homem, e , por ciúmes as duas brigaram. A Sucuri perdeu e retornou ao lago de onde viera. Sapo tomou-lhe a forma e se fez passar por ela. Mas era tão preguiçosa e desatenta que o homem percebeu, matou-a e saiu à procura de sua primeira esposa.* (Lévi-Strauss, 1985:57). Um mito kayapó: *é um marido malvado que tenta tratar a mulher como escrava, e proibi-a de comer carne e de tomar água. Durante a noite, ela sente uma sede terrível. Sente vontade de aproveitar enquanto o marido dorme e ir ao lugar onde as rãs coaxam, sinal de que lá deve haver água; mas teme que o homem descubra a sua ausência. Então ela tem a idéia de se dividir em dois pedaços; o corpo ficaria ao lado do marido, e a cabeça voaria, usando os longos cabelos como asas, para matar a sede. Mas o marido acorda, percebe o truque da mulher e espalha as brasas da fogueira. A cabeça não consegue encontrar o caminho de volta para casa, agora às escuras. Voa a noite toda em busca de seu corpo, enquanto o marido o assa. Continuando a voar, transforma-se em Engole-vento.* (Lévi-Strauss,1985:60).

[46] Dos séculos XV ao XVII as mulheres resistem às imposições da Igreja e praticam rituais de cura, sendo consideradas bruxas e queimadas pela Inquisição. No século XVII difundiu-se a idéia de que a mulher iria conseguir a igualdade através da educação; a igualdade não veio. No século XVIII inicia-se a luta pelo direito ao voto em países como os Estados Unidos. Em 8 de março de 1857, 129 operárias de uma indústria têxtil nos EUA são assassinadas pelos patrões por terem feito greve por melhores salários e redução de jornada de trabalho, que na época era de 14 horas. Em 1910, é criado o Dia Internacional da Mulher, no 2° Congresso Internacional das Mulheres, realizado em Copenhague. No Brasil, somente em 1932 é que, pela luta incessante de Berta Lutz, as mulheres conquistaram o direito ao voto; mas já em 1929, Alzira Soriano era eleita prefeita da cidade de Lages (RN), isto porque, adiantando-se ao resto do país, Juvenal Lamartine, governador do Estado do Rio Grande do Norte, concedeu às mulheres o direito de votarem e serem votadas. Em 1949 é lançado o "Segundo Sexo", de Beauvoir. Em 1954, as mulheres cariocas protestam contra a carestia. 1968 desencadeia na França a chamada revolução cultural, envolvendo as chamadas minorias políticas – mulheres, negros, índios, homossexuais, ecologistas. O movimento feminino adota a palavra de ordem "O corpo é nosso", com a afirmação de que podem fazer sexo por prazer e ter filhos quando e quantos quiserem. A ONU promoveu o ano 1975 como o Ano Internacional da Mulher; um plano de ação para eliminar as discriminações contra a mulher é aprovado. São criados diversos grupos de discussão sobre a questão feminina e é dada voz ao movimento pela anistia, iniciado por mulheres. Em 1978, acontece em São Bernardo do Campo (SP) o Congresso da Mulher Metalúrgica, intensificando no Brasil a luta por creches, direitos trabalhistas, salários iguais ao dos homens. Em 1985, em São Paulo, surge a primeira Delegacia da Mulher e cresce os número de serviços voltados para a mulher, como SOS Mulher e Serviço de Orientação à Família. Em 1990, multiplicam-se as

gundo Sexo de Simone de Beauvoir, foi difundido entre as intelectuais e se tornou tema polêmico dentro das famílias da classe média. O livro, proibido para as "moças bem comportadas", forjou a frase célebre "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" e provocou muitos protestos e discussões, abalando a indiscutível relação assimétrica entre homens e mulheres.

Fica claro, entretanto, que as idéias de Beauvoir não teriam tido ressonância se não houvesse um contexto proporcionado pelas outras tantas mudanças estruturais causadas pelo próprio capitalismo opressor.

A alteridade [47], tema central do discurso de Beauvoir, explica a condição feminina vigente na época. A mulher, diz ela, se concretiza pelo e para o homem, de quem é o outro. Em Beauvoir, lemos que a história mostra a predominância da detenção do poder pelos homens, que desde os primeiros tempos do patriarcado julgaram útil manter a mulher em estado de dependência. Seus códigos estabeleceram-se contra ela, e ela constituiu-se então concretamente como outro, sentindo-se como outro desde sua infância, não só como outro para o outro propriamente dito, como para si mesmo. Não se reconhecendo, vivendo a vida do outro, num constante faz-de-conta.

O homem é sujeito de sua história, é substantivo, é essencial. A mulher é objeto, é inessencial. Não é sujeito, porque suas condições de existência já lhe são traçadas, a ela só resta o estado de dependência, o recato, a renúncia, o resto lhe é proibido: ousadias, desafios e conquistas... Para a menina, ao contrário do menino, sempre resta esconder-se, submeter-se; quanto mais se afasta do que realmente é, mais é admirada, porque só aí demonstra ser realmente feminina. A

ONGs voltadas para o atendimento à mulher (Cf. Zuleika Alambert, Mulher, uma trajetória épica, *Folha de S. Paulo*, 8 mar. 1999). Uma destas ONGs é a Tver, iniciada em 97 por um grupo de intelectuais como reação à crescente violência apresentada nos programas de televisão. Em pesquisa recente (1999), a Tver concluiu que a TV ainda se remete à mulher dos anos 60 para a dona de casa. É uma imagem irreal, de acordo com 79% das mulheres entrevistadas no Estado de São Paulo (*Folha de S. Paulo*, 6 mar. 1999).

[47] Alteridade é a existência própria de outrem, de qualquer um que não seja a própria pessoa (Cf. Lagache, In: Piéron, Henri, *Dicionário de Psicologia.* 7ª ed., Rio de Janeiro: Globo, s/d). Sobre alteridade, ver Levinas, Emmanuel, *Entre nós – Ensaios sobre a alteridade*, Petrópolis: Vozes.

mulher deve "encerrar-se numa subjetividade abstrata", o mundo define-se sem ela.

Além de Beauvoir, também Bety Friedan, tem parcela de responsabilidade nas mudanças que acorreram ao escrever, na década de sessenta, *The Feminine Mystique* (1963), onde estimula as mulheres até então resignadas a aceitarem os limites das próprias vidas, a questionarem suas condições e a possibilidade de mudá-las. A autora provocou polêmicas, movimentos, discussões, passando a ser considerada a fundadora do feminismo moderno.

Depois das reivindicações feministas de primeira hora, depois dos ânimos abrandados, depois de a mulher ter conquistado posições substantivas no mercado de trabalho, e quando o homem despe-se em clubes de mulheres, posa nu para revistas e torna-se também ele objeto de consumo, parece existir um desconforto mútuo. O homem passa pela crise de masculinidade e a mulher ressente-se em uma posição tão duramente conquistada, dando indícios de que está querendo voltar para o espaço "sacrossanto" do lar, e não são exceções, as mulheres, excelentes profissionais, que fazem opção por abandonar a carreira para permanecerem em casa junto do marido e dos filhos.[48]

Motivadas pelas modificações dos comportamento de homens e mulheres, quais serão as tendências nas relações do masculino e feminino que poderão ser vislumbradas para o futuro?[49] Como o adolescente pretende desempenhar os papéis masculinos e femininos dentro de arranjos familiares futuros?

A discussão sobre dominação e submissão, sobre jogos de sedução, sobre

[48] "Super Mulher, super executivas, trocando carreira por avental", Saia Justa. *Folha de S. Paulo*, 23 abr. 1995.

[49] O que homens e mulheres valorizam mais? Foi a pergunta feita pela LPM em junho de 97. As mulheres das classes A e B valorizam mais no homem suas dimensões de honestidade (62%), caráter (43%), respeito/consideração (22%), gentileza/cavalheirismo (16%), inteligência/cultura (13%). As mulheres das classes C e D valorizam capacidade de trabalho (44%), caráter/decência/dignidade (31%), responsabilidade (14%). Os homens das classes A e B valorizam nas mulheres: a sinceridade (34%), inteligência e cultura (28%), educa-

relações sexuais passa, sem dúvida, pelos corpos biológica, tecnológica e culturalmente construídos. Há que se destacar que este trabalho é culturalmente localizado na sociedade brasileira, mundialmente reconhecida como desinibida. Isso se deve, principalmente, como destaca Freyre (1983), à afirmação feita em 1660, por Gasper von Babeus, de que não existe pecado ao sul do Equador. A tropicalidade do clima é a facilitadora natural de uma desinibição que vai construindo um imaginário social povoado por corpos desnudos, que vai sendo revigorado por passistas e sambistas em *tournées* internacionais, e registrando cada vez mais a marca da mulher brasileira.

Os estudos de Heilborn (1999) remetem ao contexto específico - cidade do Rio de Janeiro, que é o o *locus* utilizado como cenário da telenovela *Malhação*. Neste sentido, as análises posteriores serão facilitadas e melhor compreendidas. As comclusões de Heilborn (1998) falam do uso menos contido dos corpos no Brasil, tornando-os mais permeáveis ao contato físico e à prática amorosa. A presença da praia, do carnaval e do turismo fazem do Rio de Janeiro uma cidade propiciadora de uma sexualidade desinibida e voltada para a sedução. Os relatos masculinos sinalizam para uma intensa atividade do corpo como olhares, sorrisos, carícias nos primeiros contatos. Contatos quase mecânicos, automáticos, entretanto imprescindíveis para a aquisição de uma identidade viril, porque fugir à atividade febril do corpo é colocar em dúvida a verdadeira masculinidade. Já os discursos femininos alegam que o diálogo entre os parceiros é muito restrito, tentando uma aproximação mais sentimental e menos física. Apesar das queixas das mulheres cariocas de que os homens exercem exagerado controle sobre suas atividades, na verdade são elas que controlam o início dos contatos sexuais mais íntimos, entendendo-se também a penetração vaginal e, neste sentido, a mulher aparece como "civilizadora" enquanto delineadora de gestos e palavras. É a mulher que escolhe os parceiros e os momentos para conceder uma intimidade sexual, "manejando seu capital simbólico de honra e afastando a possível pecha de

ção/paciência/diplomacia (16%). Os homens das classes C e D valorizam mais nas mulheres sua capacidade de trabalho (20%) e ser trabalhadora (18%). In: *Listening Post*, n° 74, Standard Ogilvy e Mather. 1997.

mulher fácil".(Heilborn,199:105).

Dentro desse panorama, como se constituirão as relações sexuais onde os opostos – masculino e feminino, se completam? A necessidade do outro, enquanto biologicamente diferente, é legítima? Onde localizar o homossexualismo?[50]

Ao comparar as regras de namoro entre as camadas populares conservadoras e as camadas médias tidas como mais modernas, Heilborn (1999), conclui que, nas camadas populares, o controle social exercido pelos parentes sinalizavam para valores em torno da honra feminina, da importância da virgindade e do próprio casamento, tanto para rapazes quanto para moças, quando o namoro acontecia preferencialmente na soleira da casa, sob a vigilância do grupo familiar, fronteira que só era ultrapassada com o compromisso de casamento; é um panorama que, segundo a autora, tem se modificado com o passar dos anos. Já nas camadas médias, a sexualidade e os novos arranjos conjugais caracterizavam-se por uma moral comprometida com a singularidade e liberdade individuais, de recusa de distinção hierárquica entre os sexos e de aceitação da homossexualidade, onde a família e a descendência não eram consideradas, tanto como o casal como unidade primordial.

Sem dúvida, hoje os jovens têm vivido seu corpo como instrumento de conquistas. As academias de ginástica, as indústrias cosméticas, os "spas", as cirurgias plásticas, constituem-se como um verdadeiro arsenal a serviço da sedução. Na vivência dos corpos, natureza e cultura se aproximam e por vezes se fundem, retirando normas e preconceitos. Os jovens estão o tempo todo dizendo

[50] Nos anos 60, uma pesquisa mostrava que 10% da população mundial era homossexual e embora se saiba que o homossexualismo não é declarado no momento do preenchimento das fichas de identificação, mesmo porque só aparecem duas opções: sexo masculino ou feminino, tem-se dados confiáveis através do relatório Kinsey feito sobre pesquisas na sociedade americana. Tal relatório, feito na década de 40, declara que 4% a 5% da população masculina adulta americana foram homossexuais durante toda a vida e 13% são predominantemente homossexuais, mas se relacionam com pessoas do sexo oposto; as manifestações de "orgulho gay" chegam a reunir em Nova Iorque 1 milhão de pessoas. No Brasil, existe uma população cada vez maior de homossexuais manifestos, provocando uma onda de produtos e serviços específicos para tal consumidor, como boites, restaurantes, Spas, cursinhos, entre outros. O desfile do "orgulho gay", no ano passado, reuniu 35 mil ativistas; neste ano esperava-se reunir 100 mil (como aconteceu) (*Veja*, 16 fev. 2000).

"Eu sou o meu corpo". As garotas não querem se esconder atrás de calças compridas para se igualarem aos homens, como fez patrioticamente Joana D'Arc, intelectualmente George Sand, como tantas outras mulheres o fizeram ao longo da história, como magistralmente registrou Guimarães Rosa, em *Grandes Sertões Veredas*, com seu personagem Diadorim.

As garotas parecem estar continuamente dizendo "olha, sou mulher e não quero esconder este fato. O tempo dos corpos "tábuas" da modelo Twiggy ficou para trás. O símbolo da moda hoje, é a brasileira Gisele Büdchen, magra o suficiente como cabide para qualquer loucura estilística, mas com seios fartos, definindo claramente sua posição de fêmea. Assumindo seu sexo, a mulher se contrapõe ao homem, que sente a necessidade de também assumir o dele. Corpos malhados, tórax musculoso, corpos esculpidos com anabolizantes e freqüência assídua às academias. É a era do que os jovens chamam de "corpos sarados". "O que é bonito deve ser mostrado", dizem elas e eles, e os corpos, quer sejam masculinos ou femininos, são estrategicamente utilizados dentro de sua própria identidade.

As estratégias utilizadas nem sempre são bem sucedidas, fogem ao controle e provocam riscos; dentre eles, um dos mais controversos é a gravidez[51], que é tida como um evento aleatório, podendo ou não acontecer, e no imaginário das pessoas envolvidas, principalmente das camadas populares, parece não haver relação direta entre ela e os métodos preventivos e contraceptivos. É importante destacar, entretanto, que o termo "pegar filho" é o mesmo utilizado para pegar doença, como se fora um sofrimento, uma espécie de contágio. Neste sentido, essa vitimação justifica o aborto[52] como escolha racional e, a este serviço,

[51] Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde do Ministério de Saúde, de 1996, mostra que 18% das adolescentes entre 15 e 19 anos já haviam ficado grávidas, taxa que sobe para 54% entre as adolescentes sem escolaridade. 1 entre 3 mulheres de 19 anos já são mães ou estão grávidas do primeiro filho. 1 entre 10 mulheres de 15 a 19 anos já tinha 2 filhos; destes, 49,1% foram indesejados. 45,9% das jovens sexualmente ativas não usam nenhum método anticoncepcional (www.ibge.gov.br).

[52] Pesquisa Naconal de Demografia e Saúde de 1996 mostra que o número de partos entre adolescentes de 10 a 15 anos passou de 661.915, em 1994, para 689.612 em 1995, e 707.750 em 1996. Enquanto isso, o número de abortos foi, respectivamente: 62.060, 58.785 e 53.215. As causas apontadas para a gravidez foram: desconhecimento dos métodos, os métodos eram conhecidos mas não praticados, uso incorreto ou falha do método,

existe uma grande variedade de métodos. No imenso receituário abortivo de domínio popular estão as lavagens, os chás, o cytotec, as clínicas clandestinas e até mesmo a introdução vaginal de objetos ponteagudos. (Leal, 1998).

Apesar dos riscos, a gravidez é uma das estratégias utilizadas, como constatou Leal (1998), por ser considerada como elemento para constituição de promissoras alianças matrimoniais ou redes sociais[53]. A gravidez como estratégia de aliança aparece principalmente entre as adolescentes desejosas de redefinirem seus *status* e suas residências.

As alianças forçadas e precipitadas, em muitos casos, caracterizam-se por serem breves, uma vez que os valores sobre o casamento estão em mudança. Como concluem Ribeiro e Ribeiro (1994), a dissolubilidade do casamento, para o nicho feminino, está de alguma forma ligada à ideologia do amor romântico, segundo o qual deve-se procurar outro casamento com o fim do amor. Para o nicho masculino, a referência é feita ao conflito como causa e justificativa para o divórcio.

> Na dimensão das "novas formas de relação afetivo-sexuais" confirma-se a presença "feminina" na composição daqueles nichos referentes à aceitação ampla das formas práticas não institucionalizadas de união entre sexos, vigentes na sociedade brasileira. As "mulheres" aprovam – mais do que os homens" os seguintes formatos: "mulher e homem morando juntos sem casamento religioso e civil; mulher e homem morando juntos sem casamento civil". (Ribeiro e Ribeiro,1997:305).

O resultado das uniões desfeitas aumenta o número de novos arranjos familiares, como também acentua o número de famílias matrifocais[54], uma vez

como pílulas e camisinha, baixa eficácia do método, como o "coito interrompido" ou "tabelinha", confiança na sorte, rejeição de pensar no risco e vontade de casar logo

[53] A mídia feqüentemente tem mostrado ações nos tribunais de modelos e fãs que tentam provar a paternidade de nomes famosos para seus filhos. Isso aconteceu com pilotos da fórmula 1, jogadores de futebol, ídolos da música sertaneja, políticos, e até mesmo com ídolos da música internacional. Paternidades que são confirmadas ou não com a ajuda da biotecnologia, que trouxe popularidade aos exames de DNA.

que, culturalmente falando, cabe à mulher o cuidado dos filhos. A proporção de famílias chefiadas por mulheres, que tradicionalmente estavam ligadas à situação de pobreza, hoje tornaram-se presença em todos os segmentos sociais. Isto deve-se ao conjunto de elementos constituintes da sociedade contemporânea, que redefiniram os papéis sociais que deram autonomia à mulher pela crescente profissonalização. Capazes de independência financeira, separadas ou viúvas, as mulheres mantêm a guarda dos filhos em arranjos familiares próprios, não mais retornando aos lares paternos. Para Oliveira (1998: 57),

> O crescimento do número e da proporção de arranjos familiares comandados por mulheres resulta de uma série de eventos, começando pelas separações, divórcios e pela viuvez, passando pela guarda materna dos filhos, pela "produção independente", pelo não recasamento feminino e pela manutenção por parte das mulheres de esquema de vida doméstica independentes de uma figura masculina (seja pai ou marido).

Justificando a mudança dentro da família ou, mais propriamente, as mudanças nos papéis de homens e mulheres, Giddens (1992) fala em um processo histórico, provocado pelo deslocamento do centro do sistema de produção do lar para a fábrica. À medida que aumenta o controle das mulheres sobre a criação dos filhos, a família centraliza-se na afeição maternal e não mais em torno da autoridade patriarcal, a imagem de esposa e mãe reforça o modelo de "dois sexos" - o da atividade e o do sentimento. Neste ponto, o amor romântico envolve a sexualidade e ao mesmo tempo rompe com ela, e a virtude passa a ter um novo significado para ambos os sexos. [55] Para a mulher, a plasticidade da sexualidade, onde desejos reprimidos e sublimados são libertos, mostra possibilidades plurais que fogem aos papéis estabelecidos.

Assim, as pesquisas vêm demonstrando que existe um novo cenário nas

[54] Em 1985, o número de famílias matrifocais correspondia a 18,2%; em 1990, a 20,3% e em 1995, a 22,9% dados do IBGE sobre a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde de 1996

[55] Para os homens, as tensões provocadas pelo *amour passion*, em oposição ao amor romântico, eram resolvidas em espaços diferentes – o amor romântico no espaço doméstico e o *amour passion* com as prostitutas.

relações familiares e novos e inesperados arranjos estão sendo construídos. A perspectiva de família, que serve de pressuposto para a análise das representações dos papéis sexuais, retirados do texto imagético, absorvidos pelos adolescentes e projetados em arranjos familiares futuros, é a perspectiva de Morgan (1995) de que a família é elemento dinâmico.[56]

Sobre modelos de família, Correa (1994), ao analisar estudos clássicos da sociedade brasileira, de Freyre e Antonio Cândido, constata que existe uma tentativa de inserir nos modelos das camadas senhoriais toda a população que constitui a formação social do país. Mas, para a autora: "A 'família patriarcal' pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira." (1994:27).

Como tem sido utilizado, o conceito de família patriarcal, diz Corrêa (op. cit.), só tem contribuído para achatar as diferenças, na tentativa de acomodar uma sociedade multifacetada, móvel, flexível e dispersa, formada por artesãos, lavradores, civis e militares, religiosos e leigos, nordestinos, paulistas, nortistas e mineiros, migrantes e imigrantes, dentro de estreitos limites do engenho e da fazenda, lugares privilegiados da sociedade brasileira.

Em suas pesquisas sobre o tema, Goldani (1993) reafirma que o modelo da família patriarcal é o referencial para as questões criadas em torno do enfraquecimento e da crise da família, que historicamente foi estimulado pela sociedade brasileira e reforçado pela igreja Católica e pelo Estado. Tomando-se, por princípio, que as famílias não apenas acompanham as transformações sociais, como também as promovem, torna-se difícil para os estudiosos sobre o assunto inter-

Este padrão duplo não era possível às mulheres, que fundiam os ideais do amor romântico e da maternidade, desenvolvendo novos domínios de intimidade.

[56] Para Morgan (apud Engels, 1995), a família é um elemento ativo, nunca permanece estacionária, passando de uma forma inferior a uma forma superior, à medida que a sociedade evolui de um grau mais baixo para um grau mais elevado. Assim, como acontece com outras instituições e outras formas de relações sociais, não é possível encontrá-la com uma mesma configuração nos diferentes tempos e espaços.

pretarem as mudanças nas estruturas familiares no tempo, diz Goldani (1993), mesmo porque os modelos extraídos das classes dominantes rurais e das classes médias urbanas já não abarcam a realidade brasileira, deixando à margem as camadas populares.

> Os discursos sobre as transformações da família, bem como sobre as condições que os originam, variam bastante. Por um lado, nas pesquisas de opinião pública, observa-se em relação a família uma percepção paradoxal: instituição de grande confiabildade e instituição em desagregação/crise. A percepção "negativa" – que associa as mudanças na família à idéia de perdas em geral – aparece reforçada pela degradação das condições de vida, pelas estatísticas recentes sobre violência, tráfico de crianças, menores abandonados, crimes passionais, bem como é estimulada pela mídia televisiva que trata de mostrar o amplo leque de estilos alternativos de vida. (Goldani,1993: 68).

Os estudos de Goldani (op. cit.) mostram que, paralelo ao modelo patriarcal, surge, na sociedade industrial, o modelo "classe média urbana"centrado ao redor das funções reprodutivas, com a criança ocupando um lugar de destaque onde são relevantes o individualismo, a privacidade e as relações afetivas entre os membros. Os arranjos nas camadas médias urbanas não são ligados diretamente a questões econômicas, mas à insatisfação com o modelo hegemônico dentro de um contexto rico em opções e estilos de vida. Neste sentido, aumentam as experiências de vínculos afetivo-sexuais com moradias separadas, a maternidade fora de uniões formais, opção pelo celibato, e tornam-se mais igualitárias e menos numerosas no intuito de garantir melhores condições e qualidade de vida para seus membros. Sendo este o modelo explorado pela mídia em novelas e propagandas.

Sobre os arranjos domésticos das camadas populares, Sarti (1996) conclui que, para os pobres, a família é o meio de sua sobrevivência material e espiritual e seu elo afetivo mais forte. É o instrumento com o qual viabilizam seu modo de vida e o próprio substrato de sua identidade social. Como fator de identidade social, o trabalho – ligado à rua, confere ao homem a sua auto-imagem, autonomia

pessoal e seu importante papel de provedor, marca da própria dignidade e do respeito de todos. O papel da mulher, ao identificar-se com a casa, é subalterno. Mesmo assumindo, com seu trabalho, a função de provedora, nunca admitirá tal situação, numa demonstração clara de assimetria do casal.

Mas, acima da realidade, ainda há no Brasil um modelo hegemônico de família que o imaginário das pessoas constrói, onde predomina um modelo dominante de relações de autoridade - do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos, dos mais velhos sobre os mais novos, como foi constatado por Alves (1995: 21) quando utilizou os comerciais de televisão para encontrar o conceito de família elaborado pela mídia:

> Não é a realidade que está presente naquele café da manhã que tem até o cachorro "nestor", nem mesmo naquela cozinha onde os dois irmãozinhos preparam o lanche para os pais cantando 'Oh happy days, muito menos naquela família que sai saltitante para começar um novo dia, 'ah! Que vida boa', muito menos naquela onde os amigos do filho têm a liberdade de abrir a geladeira. São promessas... e na compra dessas promessas sente-se que a família que habita o imaginário, tem pai carinhoso e presente, mãe preocupada que cuida do bem estar de todos, filhos sadios e obedientes, mesa bem arrumada e farta, casa confortável sempre aberta para os amigos.

O citado estudo conclui que a mídia construiu na materialidade o imaginário de uma família ideal, onde ainda estão presentes elementos quase que inexistentes na realidade, mas que continuam seduzindo e por isso mesmo são apelo de consumo.

Dentro do panorama revisto, onde os adolescentes detêm seus olhares? A cultura adolescente está livre do machismo registrado por Freyre e Vianna? Pesam ainda a virilidade e a virgindade enquanto valores positivos? Estariam os adolescentes preparados para aceitar a bissexualidade, ou o homossexualismo?[57]

[57] A pesquisa feita pelo Datafolha em 98 constatou que dentro dos valores morais apresentados pelas gerações 70-90, 77% consideram muito grave um filho namorar um homem, e 74% consideram muito grave uma filha namorar uma mulher, 85% consideram muito grave um pai fazer sexo com homens e 83% muito grave uma

UNICAMP BIBLIOTECA CENTRAL

Quais os sonhos da jovem adolescente em suas idealizações com o outro?

Seguindo os discursos emancipadores, a jovem adolescente quer realizar-se profissionalmente e ser "dona de seu próprio nariz", postergando o casamento e a prole e até mesmo rejeitando-os? Quer continuar casando cedo, tendo filhos, sendo dependente do marido rico?

Como será que as vozes e as discussões de Beauvoir e Friedan, que foram ouvidas e atendidas pelas mulheres da década de 60, estão ecoando agora, ano 2000, entre as adolescentes? As adolescentes, hoje, podem ser consideradas inessenciais, objetos, contidas e resignadas, ou são essenciais, sujeito, desinibidas e combativas? Por que no exercício de sua liberdade e de seus desejos são cobiçadas, admiradas, violentadas, transformadas em "gatas", "deusas" ou "galinhas" e "marias gasolina"? O que mudou? Qual a parcela de responsabilidade da televisão, sobre tais mudanças?

mãe fazer sexo com mulheres (*Folha de S. Paulo*, 20/09/98). O preconceito com relação à homossexualidade é muito grande entre os jovens brasileiros. No dia 18/10/99, foi feita uma denúncia por um adolescente de 14 anos, através do Folhateen, de que ele seria expulso de uma escola particular de classe média paulistana por ter manifestado tendências homossexuais. A direção da escola não vê preconceito contra o estudante; segundo o diretor, o adolescente havia causado constrangimento ao colega ao declarar-se apaixonado por ele, transformando-se em motivo de gozação dos outros alunos da escola. A reportagem provocou a mobilização de grupos defesa de homossexuais, que pediram à Câmara dos Deputados, em Brasília, que tomasse providências no sentido de evitar novas situações como aquela. Na mesma semana, o deputado federal Nilmário Miranda (PT–MG) protocolou um projeto de Lei que define o preconceito contra homossexuais como crime (*Folha de S. Paulo*, 25/10/99).

Capítulo 2 – O texto Imagético

2.1. A novela Malhação

Assim caminha a humanidade

(Lulu Santos)

"Ainda vai levar um tempo,
prá fechar o que feriu por dentro,
natural que seja assim,
tanto prá você quanto prá mim,
ainda leva uma "cara",
prá gente poder dar risada,
assim caminha a humanidade,
com passos de formiga e sem vontade,
não vou dizer que foi ruim,
também não foi tão bom assim,
não imagine que te quero mal,
apenas não te quero mais, não mais, nunca mais."

Com esta música[58] de Lulu Santos como tema de abertura, a novela *Malha-*

[58] A letra da música da abertura da novela não deixa de ser uma caracterização do público a que se destina: apático, lento e indeciso. "Assim caminha a humanidade, com passos de formiga e sem vontade. Não vou dizer que foi ruim, também não foi tão bom assim".

ção estreou no dia 24 de abril de 1995, mantendo-se no ar até hoje – maio de 2000, estando no seu quinto ano de apresentação. Durante estes cinco anos, tem passado por reformulações de enredo e de personagens, flexibilidade e mobilidade constantes que caracterizam também o próprio público-alvo.

Essa novela foi escolhida como instrumento de estudo, por se tratar de um produto específico para o público adolescente, envolvendo em sua trama problemas de sua vida cotidiana como drogas, virgindade, aborto, aids, preconceitos, intrigas, namoro, gravidez precoce ou indesejada.

É importante ressaltar que o texto imagético referencia-se à cidade do Rio de Janeiro, reconhecida *locus* de uma população alegre e desinibida, como já foi discutido através dos estudos de Heilborn (1999). Justifica-se portanto que nos quatro primeiros anos o corpo foi o grande personagem, o *leit motif,* tema central da telenovela, totalmente adequado para esta faixa etária perplexa pelas modificações físicas pelas quais está passando e pelas inseguranças com que lida com elas.

Os corpos apresentados são jovens, saudáveis, sensuais, suados, malhados, molhados - é o grande apelo erótico. As garotas, bonitas, coloridas e bronzeadas, em trajes excessivamente sumários, são apresentadas em *close* como ligação para todas as tomadas e segmentos da trama, assim como garotos musculosos, em poses, "caras" e "bocas", com olhares diretos para a câmera e, conseqüentemente, direto para o receptor ou receptora.

No atual formato, o corpo não é personagem tão incisivo, insinua-se mais do que se mostra, os momentos de exposição restringem-se mais às aulas de educação física e aos treinos do time de *water polo*, sem deixar, entretanto, de ser preocupação de garotas e garotos, que começam o ano fazendo um concurso da

garota mais gostosa da escola.

A *Malhação*, onde o título é o próprio tema, começa contando a história de uma academia de ginástica e aeróbica – para jovens de classe média alta da cidade do Rio de janeiro, que é seu universo centralizador. Não existe um enredo único, as histórias vão sendo geradas nos relacionamentos que acontecem nos intervalos entre as aulas e os exercícios, marcados pelos encontros e desencontros próprios da idade, como paixões não correspondidas, traições amorosas, envolvimento com drogas, preconceitos...

A *Malhação*, em princípio, não obedece às características próprias das telenovelas estabelecidas por M. Matelard (1981), quando as coloca no mesmo nível das novelas de rádio e dos folhetins, isso porque não existia em *Malhação* um amor impossível e frustrado; nela, as desigualdades sociais quase nunca se fazem presentes e os jovens que a freqüentam parecem ser do "mesmo bairro". Quanto ao impecilho amoroso por diferença de idade, também não existe, são quase todos jovens, e se aparece alguém mais velho, seja homem ou mulher, quase sempre tem um corpo malhado e desejado. "A mulher pode ter muita quilometragem, mas o chassis tem que estar inteiraço" – é a justificativa de um personagem adolescente, ao se apaixona por uma mulher bem mais velha.

As patologias sociais, como o alcolismo e as drogas, são apresentadas como doenças em busca de curas e soluções e, por isso, são efêmeras na trama, assim também os casos de AIDS. Sobre os lares desfeitos, pelas conversas dos personagens dos primeiros formatos, infere-se que eles existem; entretanto, são questões de segunda ordem e não são apresentados seus responsáveis, apenas seus frutos – os filhos que continuam vivendo, ninguém sabe onde moram, como se mantêm, enfim, poucas vezes apresenta-se o personagem em sua convivência familiar. Em *Malhação*, as trocas de pares amorosos e de paixões fazem parte da rotina e, portanto, não existe o esperado final de que o amor sempre vence, mesmo porque não há grandes obstáculos a serem vencidos.

O primeiro formato gira em torno das atividades físicas proporcionadas pela academia e as conseqüentes amizades, paqueras, desencontros do público adolescente que a freqüentava. Mostrava em exaustão os corpos em constante exercícios: judô, natação, aeróbica, barras, aparelhos, demonstrando a importância do corpo bem esculpido por esforços físicos e regimes atrozes numa procura de imitar e corresponder aos modelos padronizados de beleza e saúde. Preocupação que se repete nos outros formatos e que pode ser ilustrada pelas falas de personagens: "Acha que algum homem merece este sacrifício todo?" – Diz a gordinha Duda (Gisele Policarpo) para as amigas esbeltas que estão sempre malhando e fazendo regime.

Servindo ao objetivo do corpo "sarado", a lanchonete da *Malhação* mostra uma constante luta dos mais gordinhos em controlar o apetite para tornarem-se aceitos e amados, como se somente o corpo importasse. A lanchonete transforma-se inclusive em "sushi bar", numa referência a alimentos mais saudáveis e menos calóricos. É significativa a fala de um dos responsáveis na lanchonete, ao negar-se a servir um sanduiche para Duda: "Duda, perde o que te sobra para ganhar o que te falta" (O que estava sobrando eram os quilos e faltando, no caso, era um namorado).

Na primeira trama, a família tradicional, com pai, mãe e filhos, não está presente, aparecem sim famílias monoparentais numa quase totalidade de chefes mulheres, viúvas ou separadas, que têm a responsabilidade na criação dos filhos, seja na família da classe média alta da dona da academia ou da camada popular, caso da faxineira – que é negra, mostrando que a *Malhação*, neste sentido, não foge ao estereótipo da novela brasileira, que reforça os preconceitos contra negro, pobre e gordo.

A gravidez da mãe solteira é apresentada pela liberada e extrovertida Magali - Daniela Pessoa, que, ao tentar esconder seu relacionamento com um dos professores da academia, declara que o pai de seu filho é um ET.

A virgindade, uma constante nos diversos formatos, na primeira trama, é representada pelos personagens Luiza (Fernanda Rodrigues), personagem "certinha", querida, admirada e cobiçada, e Érickes (Danton Mello), "certinho", introvertido, misterioso para as meninas, e injuriado pelos garotos.

Já o clássico garanhão, Dado (Cláudio Heinrich), é louro, bonito, sensual, comunicativo, queridíssimo pelas garotas, inclusive pela virgem Luíza, namora muitas, inclusive a "coroa" representada por Lucinha Lins[59].

Em sua primeira reformulação, a academia deixa de ser o universo centralizador, sendo apenas um cenário, e se expande por externas com mais aventuras, por terra, céu e mar e invade pistas de corrida, pega ondas, voa de asa delta. A praia de Mucuim e o restaurante Radical são os pontos de encontro.

Existe nesta trama uma demonstração de que o relacionamento não é feito só de um amor e uma cabana. O par ideal é formado por Flávia (Daniela Valente), bonita, esperta, prepotente, mimada, que tenta comprar todos a seu redor, e seu noivo Rui (Hugo Gross), ambicioso e oportunista, que vê a namorada como a mulher ideal: rica e linda. Rui e Flávia vivem uma relação de conveniência, em traições recíprocas e justificadas.

O corpo continua exposto nos incontáveis encontros da turma na praia do Mucuim. A virgindade permanece presente com Cacau (Juliana Baroni), uma adolescente magra, loira, bonita, apaixonada por Barrão: adolescente, inseguro, gago, rico e atrapalhado, também virgem.

---

[59] Os autores da primeira fase foram Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn, André Martorolli, Glória Barreto, Marcelo Gonçalves. Equipe de Criação: Charles Peixoto, Eliana Garcia e Lilian Garcia. Roteiro Final de Charles Peixoto. Supervisão de Carlos Lombardi. Direção: Flávio Colatrello Jr. e Paulo Silvestrini. Os atores foram Sílvia Pfeiffer, John Herbert, Francisco Cuocco, Nívea Maria, Mário Gomes, Luana Piovani, Renata Fronzzi, Marcos Frota, Bianca Bayton, Carolina Dichmann, Cláudio Heinrich, galã adolescente que conseguiu fama com seu personagem Dado, Lucinha Lins, Luigi Barichelli, Fernanda Rodrigues, Danton Mello, Thiago Lacerda, Daniela Pessoa, André Marques – Mocotó, personagem quase constante nos vários formatos, Bruno de Lucca, entre outros.

O garanhão aparece modificado: é Escova (Mário Frias), também louro, alto, bonito, sensual, namorador, sem nenhum remorso em deixar as garotas que se apaixonam por ele, que revoltadas pelo abandono, unem-se para dar-lhe uma grande lição. Nas conversas chamam-no de "galinha". Um olhar mais atento mostra que existe aí uma grande transformação, quando o garanhão, símbolo de força reprodutiva, apesar de continuar como objeto de desejo, é chamado de galinha, volúvel e covarde, sendo passível de críticas, deixa de ser um valor.

O sexo é assunto constante das conversas de todas as "galeras", a manifestação do desejo sexual – a "fissura" é banal e sem subterfúgios, como também é constante e manifesta a preocupação com a prevenção da gravidez e da AIDS, em alusões constantes à camisinha.

Os arranjos familiares são a repetição dos apresentados na trama anterior, mulheres chefes de família e, principalmente, muitos adolescentes, filhos de pais ausentes que não aparecem e nem mesmo são citados; em alguns casos, suas referências emergem pelas necessidades da mesada.

Nota-se na trama uma preocupação da produção em representar, através de seus personagens, as tribos adolescentes classificadas pela The Brain Waves e referenciadas no capítulo 1: A patricinha Alice (Cássia Linhares); o internauta Puruca (Caio Junqueira); o metaleiro Paulinho Kelé (Marcelo Novaes); os lutadores, com o apaixonado Robson (Alexandre Frota), o briguento Sérgio Garcia (Luciano Zafir); os *clubbers*, com o elétrico Tide, professor de dança. A tribo dos novos *hippies* estava representada por diferentes professores e frequentadores e, ainda, os *skatistas* em personagens efêmeros.[60]

Apesar de Charles Peixoto definir este segundo formato como de alto astral, bom humor, engraçado, leve, com muita emoção e adrenalina, incluindo redatores

[60] Os principais atores deste formato foram Jonas Block, Marcelo Novaes, Cecil Thiré, Castrinho, Lavínia Vlaslak, Hugo Gross, Rodrigo Faro, Samara Felippo, Caio Junqueira, Juliana Baroni – a virgem, Mário Frias – o galinha, Jonas Torres, Daniela Valente, Cássia Linhares, Totia Meirelles, Luiza Mariani.

como Maria Mariana[61], Denise Bandeira e Marcílio Morais, a novela-seriado não "decolou" como pode ser constatado pelas falas dos adolescentes desta pesquisa:

- ✓ "eu né, assistia mais a outra, do que esta nova. Ela relata a vida dos adolescentes de uma faixa mais alta, que é realmente o que a TV sempre mostra, não mostra a classe baixa, a não ser quando há interesse de alguém e consegue mexer com a cabeça daquelas pessoas que não têm tanto envolvimento com a realidade, que vai pelos outros." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Eu acho que foi a época da *Malhação*. Os primeiros anos da *Malhação* acho que foram mais assim. Esses últimos anos dela, não estão com nada, eu acho que eles tinham que colocar mais a vida do jovem em si com seus problemas de existência." (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "A outra tinha, tentava passar um ar mais sério. Essa aí é mais brincadeira. Na outra tinha uma história, apesar que a *Malhação*, a história da novela em si não tem muita lógica, não tem muito nexo." (Menino, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Seria mais ou menos, uma coisa que está vendendo o corpo, vivendo hoje não em nível de Brasil, a gente tá mostrando o corpo sem pensar em nada. Lá pode perceber que é difícil quem pára para pensar. Antes quando começou tinha um pouco mais de cultura, de saber alguma coisa, agora você assiste ou prá ver as meninas bonitas, quem é mulher, para ver os meninos bonitos." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "A *Malhação*, ela passa que a vida do adolescente, na verdade é, ela dá libertinagem não a liberdade em si, mostra o sexo com todo mundo, a hora que você quer, a hora que você bem entende, a novela gira em torno disso, não tem

[61] Maria Mariana, hoje com 26 anos, é autora do livro *Confissões de Adolescente*, lançado em agosto de 92, que fez grande sucesso, tendo sido transformado em peça teatral por seu pai, Domingos de Oliveira, que rodou quase todo país encenada pela própria autora, por Patrícia Perrone, Ingrid Guimarães e Carol Machado. Tranformou-se também em série para TV, tendo sido apresentada na TV Cultura, onde tinha a participação de Luís Gustavo, como pai, e de Débora Secco, como uma das quatro filhas adolescentes.

uma história." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "É esporte demais, não é realidade, não tem ninguém que pratica esporte 24 horas por dia." (Menino, 16 anos, escola particular).

Na tentativa de reanimar a audiência, em seu terceiro formato, a *Malhação* passa a ter estrutura de programa ao vivo onde o cenário é fixo e a céu aberto[62]. Começa a ser exibido em setembro de 1998, voltando a ter a academia como personagem central. A *Malhação*[63], neste momento, vai abordar dificuldades financeiras e os outros problemas adolescentes. Os capítulos são recheados de convidados importantes que fazem palestras sobre religiosidade, drogas, violência, preconceitos. Uma das convidadas foi Valéria Piassa Polizzi[64], portadora do HIV, para falar sobre AIDS; em outro momento, a palestra foi dada por um dos filhos da família Grace, famosa por seu *jiu jitsu*, defendendo a paz e a não violência. A discussão de temas emergentes e polêmicos como aborto, gravidez indesejada, separações de casais, morte dos pais, *hackers*, envolvimento dos jovens com a política, fumo, são temas recorrentes no atual formato, ao redor dos quais estabelece-se a trama.

Cacau permanece com sua virgindade, apenas muda de par: agora é o experiente Mocotó (André Marques), que tenta por todos os meios convencê-la a ir para o motel com ele, mas Cacau permanece firme em seus propósitos; quer continuar virgem e só ir para cama com alguém depois de casada. Com tantos desejos, recíprocos e reprimidos, resolvem se casar, resultando num relacionamento

[62] Se chover, vai chover também na *Malhação*, afirmou o roteirista Miguel Paiva; o que se pretendia era tirar o máximo da espontaneidade dos atores, em sua maioria bastante jovens e novatos. O objetivo era provocar uma conversa em tempo real com os personagens pela Internet, que serviria também de termômetro para os rumos da trama. A redação final deste formato foi de Charles Peixoto e a direção de Luis Felipe Sá e Flávio Colatrello Jr., mas no desenrolar dos capítulos aparecem outros nomes como o de Yoya Wursh, na redação final, e Edson Espinello ao lado de Luís Felipe.

[63] Atores apresentados: Maria Zilda Betlen, Stephan Nercessian, Alexandre Frota, Luciano Szafir, André Marques, Carolina Casting, Jonas Torres, Juliana Baroni – a virgem, Mônica Carvalho – "a galinha", participações de Laura Cardoso, Lúcio Mauro, Cissa Guimarães, entre outros.

[64] Valéria Piassa Polizzi é autora de *Depois daquela viagem*, um relato de sua convivência e seus dramas enquanto soropositivo. Seu livro, recentemente lançado, já ultrapassou a.15ª edição.

cheio de problemas econômicos e emocionais.

A garota fácil e vulgar é representada por Verônica (Mônica Carvalho), reconhecida como "tremendo avião", mau caráter, tentando sempre levar vantagens. Suas roupas e atitudes ousadas fazem-na caracterizada como a verdadeira "galinha".

O pseudo garanhão é Tadeu (Alexandre Balilari), boa vida, "boa pinta", sempre tem uma conversa envolvente para conquistar as garotas, vive citando provérbios e frases célebres, mas não é cobiçado, apenas usado: é o "galinha". Tadeu é convidado a posar para uma revista e, empolgado, passa por uma série de fotos sem saber que a revista é para o público *gay;* desta forma é desqualificado enquanto homem, sofrendo todo tipo de zombarias. Fato que insinua o "pavonismo" volúvel do galinha e que principalmente reforça a marca do preconceito que existe entre os adolescentes sobre o homossexualidade. Preconceito reforçado pela rejeição de Sílvia, professora de dança – lésbica, cuja passagem pela *Malhação* é meteórica, a partir do momento em que se declara para outra mulher; as vertigens freqüentes durante as aulas, resultantes de uma gravidez, é o motivo apresentado para afastá-la de suas atividades e, conseqüentemente, da *Malhação*. Sem dúvida, dentro do contexto, uma solução totalmente inesperada para matar um personagem e acabar com o desconforto do espectador.

A *Malhação* tenta também tangenciar a espiritualidade, com a entrada em cena de um trio de falsas freirinhas cantoras, que provocam uma série de reflexões sobre religiosidade, inclusive uma palestra muito concorrida. O assunto é reforçado pelo aparecimento de anjos protetores que se materializam para cuidar dos personagens em perigo.

Apesar de estar conseguindo um bom índice de audiência nesse horário, a mudança na trama e no cenário é uma tentativa de não só segurar o público adolescente, como conquistar seus pais, principalmente mães que se vêm envolvidas

com problemas de gravidez na adolescência, violência urbana, desemprego dos maridos, preço das mensalidades escolares. Enfim, um público específico de mães de adolescentes que responderam às muitas chamadas para a nova *Malhação*.

O Colégio Múltipla Escolha, que foi instalado nas antigas dependências reformadas da academia, é o polo centralizador do atual formato,[65] que saiu da academia e incluiu ambientes como as salas de aula, o pequeno restaurante "Guaca Mole" e o apartamento onde reside uma família tradicional, com pai, mãe, filhos e empregada.

O assunto, agora, envolve a vida adolescente não só em seus problemas de relacionamento com seu corpo e com o outro sexo, a constante virgindade, como também problemas escolares e familiares: alunos rebeldes, suspensões, relacionamento amoroso entre aluna e professor, machismo, separação dos pais, desemprego, preconceitos. Apenas três personagens permanecem, Mocotó – agora separado de Cacau, sua irmã Marina (Natália Lage), e a gordinha Duda (Gisele Policarpo). Samara Filippo e Mário Frias, atores que desempenharam papéis anteriores na trama, agora aparecem em novos personagens, o que não deixa de ser uma grande invasão na trama. Também significativo foi a substituição da música de abertura:

"Vou te levar, vou te levar daqui, vou te levar, vou te levar daqui, o yeah!

A família de Tatiana, antes tão tradicional e bem estruturada passa por transformações quando se descobre que o pai Rubem (Paulo Gorgulho), tem uma amante e ainda por cima fica desempregado. A esposa Cláudia (Lília Cabral), sensibilizada, aceita-o de volta colocando condições no relacionamento. Nas en-

[65] É escrita por Emanuel Jacobina, Patrícia Moretzsohn, Cláudio Torres Gonzaga, Ricardo Hofstatter e Maria Elisa Barredo, tem a direção geral de Ricardo Waddington e Flávio Colatrello Jr. tendo como atores Paulo Gorgulho, Lília Cabral, Maria Padilha, Nuno Leal Maia, Goivanna Antonelli, Licurgo Spínola, Felipe Camargo, Priscila Fantin, Mônica Torres, Heloiza Mafalda, Natália Lage, Samara Felippo, Robson Nunes, Paulo

trevistas para recolocação, Rubem é preterido por uma garota recém-formada. Diante do fato, ele se justifica dizendo que apesar de ser o melhor candidato, a garota tinha outros "atributos", numa alusão clara ao preconceito contra a mulher profissional. Com problemas financeiros, Cláudia (a mãe) resolve trabalhar fora, mas o machismo do marido mostra-se totalmente contra. Apesar de Rubem ter abandonado a amante com quem foi flagrado pela filha, continua sofrendo os assédios de Alberta (Maria Padilha) – prima de sua mulher, com quem teve um caso antigo – dentro de sua própria casa. Rubem, evidentemente machista, é um personagem desarticulado e antipático.

A dominação masculina não é apresentada como positiva e quase nunca está presente na *Malhação;* quem realmente "dá as cartas" são as mulheres, que estão constantemente tomando atitudes e fazendo com que os homens satisfaçam todos os seus desejos. Na atual trama o papel de conquistador, que vinha sendo desempenhado por Beto (Felipe Camargo), tem vida curta. Era um professor de literatura que fazia de suas aulas momentos para discussão de poemas eróticos, deixando todas as alunas apaixonadas por ele. Foi despedido por assédio à virgem Tatiana.

Com exceção da família central, as outras que aparecem são monoparentais, já com diferenças visíveis dos outros formatos; em duas delas os chefes são homens: um professor e o outro o zelador negro da escola, numa continuação do preconceito. A menina mais rica da escola, Helô (Fernanda Souza), órfã de pai, com uma mãe preconceituosa, apaixona-se pelo filho negro do zelador, Sávio (Robson Nunes), e são proibidos e castigados pelos dois lados. Com a ajuda dos amigos, enfim, o amor vence, e eles passam a namorar.

O casamento não aparece como um valor, mas como instrumento ainda necessário para legitimar as transas das garotas mais puras e ingênuas. Prova disso é uma das falas de Mocotó, que se casou com Cacau para finalmente levá-

Pompéia, Mário Frias, Sílvia Pogetti, Daniel Oliveira, Márcio Kieling, Roger Gabeth.

la para a cama: "Ainda bem que não tenho mais aquela argola no dedo que me prendia, agora estou livre": É a confirmação de que o casamento com Cacau durou muito pouco.

A virgindade de Cacau, perdida com o casamento na trama anterior, é reencarnada em Tatiana (Priscila Fantin), branca, alta, bonita, boa menina, educada e preocupada com os outros, é a personagem central da história. É amiga de todo mundo, a mais querida por todos, inclusive pelo professor de literatura que a assedia sob todas as formas. É apaixonada por Rodrigo (Mário Frias), que também é louco por ela, mas sofrem com as intrigas da velha amiga Érica (Samara Fillipo), ainda apaixonada pelo ex-namorado Rodrigo, formando um triângulo amoroso que se torna um *moto perpetuo* na trama.

Apesar do valor virgindade ser defendido tão valentemente por Tatiana, não acontece o mesmo com Marina, que na primeira oportunidade entrega a sua quando, no meio da noite, se esgueira por debaixo dos lençóis do namorado, Marquinhos (Daniel Oliveira), irmão de Tatiana. Depois disso, o sexo entre eles passa a ser uma rotina e a única preocupação que ficou foi que na primeira vez não fizeram o uso da camisinha, fato totalmente condenado pelos amigos. Mas é Marquinhos quem acusa a namorada de não se prevenir, afinal, isso é responsabilidade da garota. Uma visita ao ginecologista, a título da prevenção, constata que Marina está grávida. É interessante notar que a gravidez acontece com a "jeca", com a "caipira" que não sabe se cuidar. Notável também a frase colocada na boca de Marina durante sua conversa com o ginecologista:

"Depois que começa a transa a vida fica mais complicada".

Paralelo ao problema vivido por Marina, uma das professoras propõe um trabalho sobre controle de natalidade, gerando uma discussão acalorada em defesa do aborto, liderada por uma das meninas que, soube-se depois, já o havia praticado.

A tia Alberta, madrinha de Marquinhos, única a saber da gravidez, pressiona Marina para fazer um aborto. No dia marcado, antes de encontrar-se com Alberta e ir para a clínica, Marina vai à igreja e conversa com o padre, que a convence a ter a criança. Entregando-lhe uma roupinha de bebê, que naquele momento havia sido doada por uma paroquiana, o padre diz à Marina que ela deveria seguir o exemplo de Maria que, apesar de tantas humilhações, respondeu ao anjo: "eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra". Foi uma cena muito delicada, de rara beleza plástica e de grande apelo emocional. Marina sai da igreja decidida a não fazer o aborto. Mas depois volta atrás, porque acha que está causando problemas demais para o namorado. Depois de tantos desencontros, Marquinhos e toda a família tomam conhecimento da gravidez, ficando resolvido que a melhor solução seria o casamento, que se realiza em uma bela cerimônia na Igreja, cujo padre tornou-se conselheiro do jovem casal. A mensagem clara está dizendo que os relacionamentos sexuais precoces são antecipações de problemas, que na maioria das vezes são exclusivamente deixados sobre a responsabilidade da mulher. Tanto as discussões dos alunos, quanto as palavras do padre tentavam mostrar que os meninos também são responsáveis e que eles querem enfrentar tais problemas juntos, e que juntos encontrarão uma solução, mas o aborto não é a melhor saída. Sem dúvida, o aborto é apresentado como um crime, uma violação contra a vida, um ato que permanece como transgressão.

Sob outro aspecto, pode-se notar que a atual trama corresponde aos discursos colhidos entre os adolescentes – é mais real; os adolescentes vão à escola, enfrentam problemas familiares, os pais têm amantes, casais se separam, filhos precisam decidir com quem ficar, pais ficam desempregados, mães ficam viúvas, amigos roubam namoradas, alunas se apaixonam pelo professor.

Ao apresentar amores impossíveis, traições conjugais e triângulos amorosos, pode-se perceber a tentativa da *Malhação* em fazer uma visível modificação em sua estrutura, entrando imperceptivelmente para o formato das novelas tradicionais. Esta nova paginação liga-se ao fato de que o público-alvo agora não é

apenas o público adolescente, envolve também suas mães.

Não há como negar que todas suas reformulações foram provocadas pelas oscilações de audiência e resultaram das constantes pesquisas atualizantes feitas junto a seus espectadores, numa demonstração de cumplicidade (Bordieu, 1997) e uma negociação de sentido (Barbero, 1986) entre o meio e o espectador, que continuam garantindo a audiência. Cumplicidade e negociação que não são desconhecidas pela mídia e nem tampouco totalmente desconhecidas do espectador, que espera sempre um *happy end*. Segundo Morin (1997: 94), "a pressão do *happy end* é tão forte que chega ao ponto de metamorfosear o fim dos romances" [66].

Quer seja na *Malhação* ou em qualquer outro programa, as negociações de sentido estão sempre acontecendo, como insinua a fala adolescente:

- ✓ "Todo mundo fala que tem muita violência, muito sexo na televisão, aí o Jornal Nacional, começou a mudar, conta história de família, de vovó que torcia para não sei quem, tinha mensagens, todo mundo: que 'babaca', vou mudar 0 900[67] que é melhor." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Na verdade o que é bom ou mal, aparece como sendo ideal, é uma novela assim que você chega certa hora em casa, é gostosinho de você assistir, uns momentos só que pelo menos para mim, eu separo, vejo, não tem nada a ver uma novela que não passa a realidade, sei que é uma história, um conto de um livro que é gostoso você assistir, só que é tão real o modo, o cenário que eles

[66] Recentemente, a novela *Terra Nostra*, o atual sucesso das oito, teve sua trama alterada por insistência dos espectadores que, com telefonemas, cartas e *e-mails*, pediram que a vida de Maria do Socorro, vivida por Débora Duarte, fosse poupada. As cenas onde a esposa do fazendeiro morre em consequência de um parto tardio feito no meio do mato, já haviam sido gravadas e contadas pela imprensa. A rejeição ao desenlace foi tamanha que o capítulo foi reorganizado e mostrou quase uma ressureição. A personagem, depois de ter se despedido do marido e da filha que estava em prantos, fica alguns minutos desacordada, depois abre os olhos e diz: voltei. Essa exigência do espectador provocou uma reformulação não só nos capítulos seguintes, mas na própria trama.

[67] Referência às telemensagens, tele-sexo, tele-sorte, telepiada, que estavam sendo muito divulgadas pela mídia e muito procuradas pelos consumidores. Crou-se inclusive um mote "ligue já", numa referência a um dos comerciais de tele-sorte que apresentava os superpoderes de Valter Mercado.

montam que fica na cabeça de muita gente, que aquilo é verdade, que aquilo é que está acontecendo no Brasil." (Menino,16 anos, escola particular).

Sem dúvida alguma, ao atender o imaginário adolescente e agora a representação do cotidiano da mãe deste mesmo adolescente, a Rede Globo acertou; prova disso são o números, 30 pontos no Ibope[68] de março de 2000, bem superiores ao índice registrado em julho de 99, que era de 22 pontos[69], caracterizando–se como produto de sucesso, no canal onde, no horário considerado nobre, o *Jornal Nacional* registrava 41 pontos e a novela *Terra Nostra* registrava 45 pontos. O que fica claro é que, com negociações de sentido ou não, o público adolescente tem garantido a audiência num horário considerado muito difícil para a mídia. É relevante destacar que uma audiência que vem se mantendo entre 20 e 30 pontos, durante 5 anos, é bastante significativa para esta análise, principalmente porque o público que assiste à televisão neste horário, final de tarde, é quase que exclusivamente um público adolescente.

[68] Nos meses de janeiro e fevereiro de 2000, a *Malhação* tem dado uma média de 27 a 30 ponto no Ibope, contra os 18 e 20 em média nos formatos anteriores; isso não só fez com que a programação fosse mantida, retirando-se a proposta de um programa no horário com Serginho Groisman, como também alavancou a audiência da novela que vem em seguida, *Esplendor*, com 27 pontos onde a média era em torno de 23. É importante lembrar que o Ibope não abre suas pesquisas para terceiros, sendo assim, foram utilizadas fontes secundárias (*Folha de S. Paulo*, 10/03/00).

[69] Cada ponto do Ibope corresponde a 80 mil espectadores.

Capítulo 3 – Ensaios

3.1. Discussão exploratória sobre as cenas e atores

Este capítulo estará tratando dos elementos colhidos nas discussões dos grupos exploratórios. São as representações dos adolescentes sobre as cenas da *Malhação* selecionadas por mim e apresentadas a eles durante os encontros que aconteceram aleatoriamente nos meses de novembro de 97, julho de 98 e março de 99, datas diferentes que previam a discussão de momentos distintos da novela, tanto nas cenas discutidas como no envolvimento dos espectadores.

Os grupos exploratórios foram formados com alunos de ambos os sexos de 8ª série e 1º, 2º e 3º colegiais, em cidades de pequeno, médio e grande portes, na perspectiva de que os contextos culturais provocados pelas relações de produção não constituissem viéses na elaboração futura de um roteiro mais confiável.

As cidades escolhidas foram Santo Antonio do Pinhal – estância ecológica e cidade com um pouco mais de 5 mil habitantes, situada no Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo, divisa com o Estado de Minas Gerais, cuja economia gira em torno de uma pequena produção agrícola e de um desordenado turismo gerado, mas não absorvido, por Campos do Jordão. A maioria da população é au-

tóctone, vive na zona rural. Com a recente chegada dos artesãos, está sendo construída uma convivência com forasteiros, vindos principalmente da Argentina. Santo Antônio do Pinhal foi sempre reconhecida como passagem e pouso de tropeiros que saíam do Sul de Minas Gerais a caminho do vale. Hoje, os tropeiros transformaram-se em romeiros e continuam fazendo o mesmo trajeto, nos lombos de cavalos, rumo à Aparecida do Norte, para pagarem alguma promessa ou pedirem alguma graça. O sotaque e o costume de sua gente não negam suas origens caipiras, um "bocadinho" mineira e outro "tantinho" paulista. Santo Antonio do Pinhal não possui escolas particulares de ensino fundamental. Não existe também ensino médio público no período diurno. As famílias que procuram escolas particulares levam seus filhos para as escolas do vale, como Taubaté e São José dos Campos, ou sobem a serra para as escolas de Campos do Jordão. Os adolescentes que participaram desta pesquisa são alunos da 8ª série do período matutino, de uma das escolas públicas localizadas no centro da cidade, que a população continua chamando de vila. O grupo foi formado com 8 adolescentes, com idades variando de 13 a 15 anos, com exatamente o mesmo número de meninos e meninas. Dos grupos pesquisados, tanto na primeira, quanto na segunda fase, foi o que se mostrou mais falante, mais participativo com colocações muito pertinentes e maduras.

Americana, cidade industrial com quase 200 mil habitantes, também no Estado de São Paulo, tem uma população bastante heterogênea. Inicialmente, suas lavouras de algodão e café trouxeram mão de obra estrangeira, depois sua industrialização tornou-se promessa para a população de outros estados, principalmente da região Nordeste e do Paraná. Os grupos em Americana foram formados em escolas públicas e particulares. Na escola particular, foram formados três grupos, com alunos do primeiro, segundo e terceiro colegial, com idade variando de 14 a 18 anos. O primeiro grupo contava com 7 adolescentes, alunos do segundo colegial, todos com 16 anos, sendo 4 meninos e 3 meninas. O segundo grupo formou-se com alunos de segundo e terceiro colegial, variando a idade de 15 a 18 anos, com 7 meninas e um menino. O terceiro grupo, alunos de primeiro,

segundo e terceiro colegial, idades entre 14 e 18 anos, com 4 meninas e 3 meninos. Foram grupos bastante combativos; não havia acanhamento em colocar pontos de vista ou mesmo interromper ou discordar do colega que estava com a palavra. Os grupos da escola pública, em número de três, foram formados com alunos de oitava série matutino, uma vez que dificilmente encontramos nas escolas públicas cursos médios no período diurno.

Importante ressaltar que esta escola localiza-se em um bairro de periferia, considerado especialmente violento e, na época desta pesquisa, sofria constantes depredações, sejam a suas instalações ou aos carros de seus professores. As brigas entre alunos e ex-alunos também eram freqüentes, registrando-se muitos casos de meninas que brigavam pelos namorados. A situação, felizmente, está se revertendo com um trabalho efetivo da comunidade educativa. Foram três grupos, com idade variando entre 13 e 18 anos. O primeiro grupo contou com 4 meninos e 2 meninas, o segundo grupo formou-se exclusivamente com meninas, em número de 7, com idade entre 13 e 15 anos, e o terceiro grupo, com 3 meninos e 4 meninas, tinha idades variando entre 13 e 17 anos. Neste segmento, encontrei nos grupos mistos meninos mais contidos, cuidadosos em seus pontos de vista, sem muita segurança em suas afirmações, ao contrário das meninas, muito positivas e defendendo bravamente suas idéias. O grupo feminino foi o que conseguiu penetrar mais profundamente nas questões propostas; não havia censura em seus discursos, manifestavam-se como se estivessem falando com suas amigas confidentes. O resultado deste grupo reforçou a decisão de que os grupos comparativos deveriam ser compostos por adolescentes do mesmo sexo, já que a ausência de colegas do sexo oposto era um elemento facilitador das discussões.

Campinas, com população aproximada de 1 milhão de habitantes, carrega toda uma carga de região metropolitana. É um cadinho de raças e de povos de quase toda parte do mundo, que alí chegam por causa de suas indústrias com tecnologia de ponta, suas universidades, seus hospitais e seus *shoppings*. Os grupos de adolescentes foram formados em uma das inúmeras escolas particula-

res da cidade, com alunos do primeiro e segundo colegial, com idade variando entre 14 e 18 anos. O primeiro grupo formou-se com 4 meninos e 7 meninas, todos do primeiro colegial; o segundo grupo, todos alunos do segundo colegial, formou-se com 5 meninos e 6 meninas. Estes grupos caracterizaram-se pela maturidade das reflexões, extrapolavam as perguntas e entravam por discussões sobre o consumismo, a propaganda, a família, e a situação da mulher. Pareceu-nos que esta maturidade e inserção nos problemas sociais são o resultado de uma vivência de discussões e debates em sala de aula, proposta metodológica da escola.

Como já foi dito, a primeira fase da pesquisa serviu de laboratório para que houvesse uma clareza maior sobre a limitação etária dentro do universo – estudantes, como também para análise e seleção das cenas mais significativas a serem exploradas numa discussão mais pontuada.

As cenas apresentadas na primeira fase foram escolhidas pelo apelo imagético às situações que pretendíamos discutir e não foram as mesmas para todos os grupos; assim, aqui, apresento apenas aquelas que demonstraram uma maior riqueza de representações por parte do público pesquisado.

Nesta fase, a primeira cena objetivou a discussão da relação realidade e fantasia dentro do texto mediático e apresenta uma festa organizada pela turma na casa de um adolescente rico – Barrão, cuja família está sempre viajando para o exterior. Mostra Flávia (Daniela Valente) com um vestido muito provocante, dançando em cima da mesa com gestos sensuais, ao som da música de Vinny "mexe as cadeiras". Sobre a cena, alguns depoimentos confirmaram a existência de tais festas na vida real, outros negaram:

- ✓ "Existem casos, bastante casos destes, de festas de pais que vão viajar, aí rola tudo, mais é uma minoria." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Acontece isso aí. Claro que acontece, mas não é muito comum, o pessoal fala

que acontece, é aquele negócio de falar, não, eu sou machão, eu fiz isso, eu fiz aquilo, mas na verdade, não acontece muita coisa, eu já fui em festa assim, já fiquei sabendo de histórias, e nunca aconteceu isso daí. Na real história começam a brincar um pouquinho, ou pai chega, ou o pai tá na festa e fala: pode parar com essa bagunça que aqui na minha casa não é assim não. Normalmente é assim que acontece." (Menino, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Uma festa só para os amigos acontece...na hora junta os amigos, vamos fazer uma festa, vamos fazer uma reuniaõzinha. E acaba fazendo uma festa. Tem festa de adolescente que o pai sai para deixar o adolescente ficar... não que vai fazer uma festa sem o pai saber. No caso do Barrão, o pai vai viajar e ele faz a festa." (Menino, 16 anos, escola particular).

Entremeando as falas, alguns adolescentes contrapõem a questão que pretendíamos discutir: realidade e fantasia:

- ✓ "Eu acho que eles não mostram a realidade, bem a realidade..." (Menino, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Não sei se não é a realidade da gente, mas a gente gostaria que fosse...", "Você assiste ou para ver meninos bonitos, ou para ver meninas bonitas, história que chega a ser um mundo "ideólogo", um mundo fantasiado, para a maioria das pessoas, embora um mundo "ideólogo" influencie muito a vida das pessoas." (Menino, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Talvez porque ali tem o meu mundo, que eu tenho na minha cabeça, o mundo dos meus sonhos, é a utopia que tenho, talvez eu veja ali a realidade dos meus sonhos. E eu fico fantasiando aquele sonho." (Menino, 16 anos, escola particular).

✓ "Eu acho que todo mundo sonha em ter tudo o que eles tem..." (Menino, 16 anos, escola particular).

São falas que demonstram que o sonho é um elemento permanente na vida do jovem, seja do século XX, seja do século XVIII, como pode ser reconhecido nas palavras de Charlotte, a personagem de *Werther*, romance escrito em 1774.

> Quando eu era mais jovem, nada me fascinava tanto como os romances. Só Deus sabe quanto eu me sentia feliz, aos domingos, recolhendo-me a um cantinho para participar, de todo coração, da felicidade ou do infortúnio de qualquer Srta. Jenny. Não nego que este gênero de leitura ainda encerra algum encanto para mim; mas acontece, porém, que são tão raras as vezes em que posso agora abrir um livro, que me tornei mais exigente na escolha. O autor que eu prefiro é aquele em que encontro meu mundo costumeiro e os incidentes comuns no meu círculo de relações, de sorte que sua narrativa me inspire um interesse tão cordial como o que acho na minha vida doméstica, a qual embora não seja um paraíso, me oferece uma fonte de felicidade inexplicável. (Goethe, 1971: 30).

Nos discursos adolescentes estão contidas as comprovações das idéias de Morin (1997: 80), quando afirma:

> O imaginário é o além multiforme e multidimensional de nossas vidas, no qual se banham igualmente nossas vidas. É o infinito jorro virtual que acompanha o que é atual, isto é, singular, limitado e finito no tempo e no espaço. É a estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana.

Em outro sentido, os discursos continuam demonstrando que a novela tem desempenhado uma função modeladora:

✓ "Porque tem um monte de gente que vê na TV exemplos de vida. Como exemplos de vida busca soluções para ela, porque tudo que passa lá, para ela mesmo que não seja verdade, é difícil de estar acontecendo, ela assume como

dela, que aquilo é dela, não para para pensar, se falou na televisão então é verdade então vou fazer, eu procuro fazer, pode ser que eu não faça, mas procuro fazer." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Daí a televisão vai dar exemplo para os meninos que querem ser garanhão e as meninas que querem ser galinha, então ela vai fazer que nem aquela atriz, daí sim vai dar certinho, ela quer ganhar tal menino, é só fazer desse jeito..." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Mas, muita gente vê *Malhação* e é influenciada pela novela. Muita gente mesmo, tem gente que diz que não liga prá novela, pode ter certeza que liga e concorda e é influenciada..." (Menina, 16 anos, escola particular).

Existe sem dúvida a sedução discutida por Baudrilard (1991) e a necessidade de sonhar de olhos abertos defendida por Gramsci (1986). Nesta aparente incoerência entre realidade e fantasia, pode-se perceber um pacto comunicativo, como foi apresentado por Vilches (1996), como uma tentativa de reproduzir, por um lado, a vida cotidiana e, de outro, converter tais rituais em modelos de comportamentos ritualizados e codificados.

Embora a cena descrita tenha tido um objetivo específico, não impediu que os adolescentes, através dela, manifestassem outras preocupações e leituras, com diálogos gerados das discussões sobre cenas que não eram mostradas, numa demonstração da memória de um grupo que acompanha assiduamente a trama e retira dela assuntos para reflexão.

Reportavam-se principalmente a outra cena passada com o objetivo de discutir as transas antes do casamento e a virgindade, onde Cacau vai para o quarto com Escova, que tenta transar com ela. Cacau grita e todos acodem para defendê-la.

✓ "Eu não gosto da Cacau, é meio metida, sabe?" (Menina, 14 anos, escola pública).

✓ "Eu também não gosto. É muito metida." (Menina, 15 anos, escola pública).

Por que as meninas estão rejeitando a personagem que é símbolo da virgindade? Será que é o mecanismo da "raposa e das uvas"?

Na psicologia, dentro da teoria de Festinger (1975), a fábula de Esopo da raposa e das uvas é explicada dentro da dissonância cognitiva, quando conhecimento e comportamento não são consonantes e o indivíduo, impedido de alcançar o objetivo, tenta desmerecer o estímulo que lhe move. Pode-se concluir que ao rejeitarem a virgem Cacau, justificam a incapacidade de garantir sua própria virgindade, e desmerecem quem a tem. São manifestações de que o ideal da virgindade não corresponde ao possível e, por isso mesmo, a sensação de desconforto e de desprezo.

✓ "A Cacau é burra." (Menina, 16 anos, escola particular).

As discussões se sucedem, os assuntos se misturam, e pelo discurso adolescente tem-se a comprovação de que a novela está sendo fonte de modelos. Sem querer, a adolescente dá índicios de que a *Malhação* serve de exemplo para o comportamento de garotas como ela.

✓ "É um pensamento meio idiota da menina porque acho, tipo assim, tem gente que até conheço tal que vê isso daí, nunca pensou nisso daí, quer fazer ciúme para o cara, depois que vê essa novela vai querer fazer igual, isso daí, é tiro e queda para acontecer. Um cara vê na novela, ah! Um fez ciúme para o outro tal, vou fazer igual e ver o que dá. É normal acontecer isso." (Menina, 16 anos, escola particular).

Este discurso é uma manifestação evidente de que a televisão está interferindo no cotidiano das pessoas.

- ✓ "Neste capítulo, o outro deixou a menina grávida." (Menina, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Mas ela não estava grávida, é, ele queria fazer, é... aquele teste de paternidade, não foi?" (Menino, 15 anos , escola pública).

- ✓ "Não tem aquela de pensar em engravidar, não tem aquele negócio, você está aproveitando aquele momento, entendeu... você engravidou porque não pensou que precisa usar pílula, camisinha." (Menina, 16 anos, escola particular).

Aqui fica visível que o caminho da gravidez não é o da desinformação, mas o do desejo, que com os contatos físicos mais íntimos permitidos pelo namoro fica incontrolável, não existindo espaço para prevenir ou pensar nas conseqüências.

- ✓ "Então, eu acho legal assim, ele foi legal procurou saber se era isso mesmo, só que no final das contas a menina não estava grávida nada, né. Eu acho assim, se ela tivesse grávida dele mesmo, eu acho que ele assumiria numa boa". (Menino, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Como para toda menina foi um choque para Cacau e para as amigas saber que ela estava grávida. Porque já conheci várias meninas daquí de... não só daqui como de outras cidades, amigas minhas que engravidaram assim, na adolescência, que olha, sinceramente para você, não acho legal, porque eu acho que a gente tem que ter amor, amor próprio, porque acho legal você fazer amor com uma pessoa que você goste, na hora certa, sabe, não assim chegando e pá, tem hora prá tudo..." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Agora, é muito fácil o cara engravidar a menina, 'ter filho, é só pagar uma

pensão e ficar no sossego.'" (Menina, 14 anos, escola pública).

Maria Inez – E na realidade os meninos assumem?

- ✓ "Exceções. Eu acho que são exceções sempre. Ah, eu duvido que isso aconteceu. Ah, Eu? Não é assim! Ah, eu? Até parece! Agora, a gente conhece um, um amigo nosso, da nossa classe, que assumiu numa boa". (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Eles não casaram, se casar agora, iria ser complicado para os pais, porque ia começar aquele negócio casou... tem filho para cuidar, tem que trabalhar, fazer isso, fazer aquilo, vai ser prejudicial, para os dois, agora mais tarde, se o relacionamento dos dois não der certo vai ser prejudicial para criança, mais que para os dois". (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Casar? Não acho, já fez 'burrada' na vida vai fazer mais uma? Sofre preconceito, ora, se ela quer ter um neném, tudo bem, mas se ela casar, vai ter que aguentar, sabe..." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Eu estava conversando com a minha prima, esses dias ela estava falando, eu queria casar, no primeiro momento eu não casaria, eu daria um tempo para ter certeza se é isso que eu quero, porque gente, eu acho assim, casamento na igreja é uma responsabilidade enorme." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Eu quero casar com 28 anos, depois de estudar, ter minha profissão, aproveitar a vida, viajar." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Pensando hoje, por enquanto, eu não penso nisso. Eu por enquanto quero curtir. Eu tô falando, você hoje, eu não penso nisso, penso em outras coisas, são tantas coisas que o casamento nem existe no meu dicionário." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Eu acho que casamento não é tudo, então eu se tiver um relacionamento que eu ame "p'ra caramba", não vai ser obrigatório eu casar prá mim o que interessa é ter ele junto, para mim não vai ser uma palavra eu falar na igreja, na frente de todo mundo, que vai provar que eu gosto dele de verdade. E também a idade para mim tem que passar por etapas, tem que ser a etapa que eu estiver trabalhando, eu já estiver concluído os estudos, e que eu tiver certeza que eu quero ter um filho com ele e que este filho será desejado." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Casar beirando os trinta mais ou menos, porque antes a gente tem que fazer a vida, deixar a vida pronta prá quando a gente casar ter tudo feito..." (Menino, 17 anos, escola pública).

- ✓ "Não acho que deve casar porque, acho que filho não segura ninguém, se segurasse não existiria mães solteiras, eu acho que para você ter um filho, sei lá, seria bom se você casasse... assim na adolescência não é legal, porque a criança precisa de um tempo lá só dela, só do filho..." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Fica inventando que estava grávida para fazer ciúme paro o outro, não tem nada a ver com a história." (Menina, 15 anos, escola particular).

São conclusões e demonstrações de que o casamento não é um objetivo a ser alcançado e muito menos um valor a ser conquistado com tanto empenho, como pregavam as regras para as meninas de boa conduta da época do patriarcalismo (Freyre, 1983).

Os discursos mostraram, que a gravidez, para estes adolescentes, não é estratégia para garantia de um bom casamento, como constatou Leal (1998). Antes de chegar ao casamento, as meninas querem estudar, ter uma profissão, via-

jar, aproveitar a vida. Com este olhar, o casamento parece ser um mal necessário, uma prisão onde os passos serão limitados e as vontades reprimidas.

No que diz respeito especificamente, às opiniões sobre as influências da *Malhação* sobre suas próprias vidas, retiramos alguns discursos adolescentes significativos:

- ✓ "A gente assiste para ter inspiração depois." (Menino, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Eu acho, sei lá, quem tem a personalidade muito fraca se deixa ser influenciado pela *Malhação*." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Com certeza a televisão é manipuladora de massa né..." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "A televisão ela... a televisão é um meio que eu acho que pode ser empregado tanto pelo lado bom, como pelo lado mau, e às vezes... eu vejo isso, a concorrência acabou com a televisão, com a qualidade total da televisão, eu acho que a televisão que tem qualidade como a Cultura e não tem propaganda, excelente qualidade, eu particularmente gosto, a TVE do Rio de Janeiro, a Rede Vida, é católica, p'rá mim, sou muito desse meio então, e todas as emissoras que não têm um fundo econômico, eu acho que são bem superiores as outras." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Tanto que o Ratinho e o Faustão trabalham com a televisão na frente deles mostrando o Ibope e se eles falam alguma besteira e aumenta o Ibope eles vão segurando - a violência vai aumentando, vão se aproveitando da violência."

- ✓ "Eu acho que o povo gosta..." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Tem hora que a gente fala, ah, esse programa é prá gente simples, não sei que, mas meu tio assiste, meu vô assiste..." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Eu acho que não tem nada a ver com classe social, tem hora que tenho até ódio, todo mundo fala do Ratinho..." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Sabe, porque tem tanto programa legal, se não tem cultura precisa ver o Ratinho, não é, é que eles gostam mesmo, e a gente tá ajudando a continuar com essa audiência." (Menino, 16 anos, escola particular).

Os adolescentes vêem *Malhação* para saber o que está "rolando", acontecendo e, como tal, tem sido fonte de modelos, podendo ser também instrumento de manipulação.

Maria Inez – Quando vocês dizem que a televisão manipula, qual é o objetivo que vocês acham que tem a *Malhação*?

- ✓ "Moda." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Vender." (Menino, 15 anos, escola particular).

- ✓ "É bem isso vender, é verdade... realmente... imagem, propaganda." (Menino, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Tanto que não tem uma história a *Malhação.*" (Menino, 15 anos, escola particular).

Embora os discursos adolescentes sobre a manipulação parecessem ensaiados, houve uma demonstração de que existe uma consciência do poder da mídia em suas vidas, poder que, segundo eles, varia de acordo com a "cabeça de cada um", numa clara evidência do pensamento de Althusser (1983), de Bordieu

(1997) e Barbero (1995), quando afirmam que é irrealista pensar que todos recebem as mensagens da mesma maneira, na medida em que há o envolvimento de cada um com seu em torno cultural.

- ✓ "Ah, você está assistindo a novela, aí você vê a roupa daquela menina, aí no outro dia você tem uma festa prá ir, aí você fala, nossa vou querer uma roupa igual a dela." (Menina, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Que nem aquelas presilhinhas que a Isa usava, eu também comecei a usar... tá todo mundo usando." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Que nem na novela Zazá, a Letícia Spiller usava umas saias lá no pé, meia, todo mundo é bonito vou usar, todo mundo, se não aparecesse na televisão, talvez houvesse uma certa vergonha, um certo medo do falatório, 'uma maria mijona.'" (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Igual a Selena... botinha. As vezes você acha ridículo, não suporta, mas usa porque está todo mundo usando." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Porque você não tem uma personalidade tão forte assim, para aguentar o mundo inteiro falando olha essa menina ridícula, olha que 'brega' essa roupa, e aí você copia a novela". (Menina, 16 anos, escola particular).

Pode-se notar, em falas bastante espontâneas, que os adolescentes, são unânimes na afirmação de que a novela dita a moda. Pela insegurança própria da idade, isso é não só normal como confortável. O adolescente, como todo ser humano, precisa ser aceito - é a comprovação da necessidade que Maslow (2000) chama de amor, necessidade de pertencimento a algum grupo, de aceitação. No momento que copiam roupas, calçados e bijuterias estão confiando no modelo, tentando ser como o herói ou a heroína da novela. Copiando quem é admirado, escapam ao deboche, não correm riscos de ficarem envergonhados, e até caírem

no rídículo. Isso não quer dizer que a cópia precisa estar vinculada à realidade, mas deve sim estar ligada ao simbolismo do bom e do *fashion*.

Uma outra cena mostrava a personagem Carla, vestida de urso, fugindo de sua família, sem dizer de onde vinha, sendo recebida na *Malhação* como desconhecida. O objetivo foi detectar os motivos que levam o jovem a abandonar a família. O motivo para a fuga seria a violência doméstica divulgada nos meios de comunicação?

- ✓ "Gosto da Carla porque fugiu de casa, muitas vezes a gente tem vontade de fugir de casa, só que não tem coragem." (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "É super proteção, querer liberdade." (Menina, 14 anos, escola particular).

- ✓ "Talvez a rebeldia, nossa todos nós temos um pouco de rebeldia, uns poucos, outros mais e essa rebeldia nossa talvez nos leva a estar fazendo isso aí, tá saindo de casa, tá indo morar fora, tá indo vê com nossos próprios olhos o mundo lá fora, porque geralmente você vê com os olhos de seu pai, da sua mãe, e sempre falam bem com ar de protetor de super herói, para a criança, para o adolescente, o pai e a mãe..." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "que pode acontecer é que o pai prende muito e ele pode querer conhecer um mundo fora do pai e da mãe, e acaba gostando tanto dessa realidade, dessa nova vida que está tendo, começa a sentir que não é nada disso que meu pai passou para mim. A vida não é só isso, tem outras coisas também. Quando você só conhece um lado da coisa, quando você vê o outro, você não sabe o que fazer." (Menino, 15 anos, escola particular).

Pelos discursos colhidos, a fuga da personagem Carla não acenou para a violência doméstica, as causas apresentadas foram muito brandas e às vezes mesmo sem sentido.

Nesta primeira fase da pesquisa, pode-se também distinguir claramente, dentro dos discursos adolescentes, a presença dos preconceitos e valores herdados da família patriarcal, como o homossexualismo, a virgindade, a dominação masculina e o casamento formal. Valores e preconceitos, retratados por Freyre (1983) e Vianna (1949) são visíveis nos recortes seguintes:

- ✓ "Não é que a televisão está passando o preconceito. Já existia o preconceito, achava assim que acabou o preconceito, que não tem mais, só que não é verdade, pode ter diminuído o preconceito racial por exemplo, porque não acabou de tudo, tem gente que ainda tem preconceito, só que ficaram outros que nem esse. Então não acho que a televisão está passando uma coisa nova, ela tá mostrando para gente o que já tinha. Querendo dizer que não acabou o preconceito, que ainda tem..." (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Se a menina não é virgem, é 'galinha', se for um cara é 'garanhão'. Se a menina é virgem é 'santinha', se é menino é 'bicha', é 'frutinha.'" (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Namorar 'galinha', tá louco, 'sabonete', já passou de mão em mão aquela lá, eu até parece que vou ficar com sabão no dedo." (Menino, 14 anos, escola pública).

- ✓ "No caso do Éricles, que ele é virgem, só vai casar por amor, tal, aí... só que eles tiravam o 'saro' que era virgem..." (Menino, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Nossa se for homem, ninguém assume que é 'virgem'". (Menino, 15 anos, escola pública).

É interessante destacar que os garotos virgens apresentados pela *Malhação*, são esteriótipos: inseguros, tímidos, introvertidos, gagos e desajeitados, como Barrão e Éricles.

- ✓ "Quando o Tadeu foi tirar aquelas fotos como modelo de uma revista gay , ele não sabia que era revista gay, e aí todo mundo 'gozou' com a cara dele." (Menino, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Sei lá, é o sonho de todo mundo, casar de noiva, véu e grinalda." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Eu vou estar pronto para casar quando eu tiver minha casa, uma mulher certa... que seja legal, fiel..." (Menino, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Ah, ele tá afim dela porque a Cacau é virgem - eu quero uma virgem..." (Menino, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Namorar um 'garanhão' ah! É difícil... [risos] porque eu queria um só prá mim..." (Menina, escola pública).

- ✓ "O Tadeu é um garanhão. No bom sentido." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "O fato da menina 'galinha' eu acho assim que a gente identifica mais, porque o menino perante os de seu mesmo sexo é destaque. Eu fiquei, eu posso, eu sou 'gostoso.'" (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Eu acho que elas preferem garanhão, porque eu conheço um camarada, as meninas sabem que ele zoa com elas porque que elas dão em cima dele, eu notei isso, porque eu cai nessa, sabe que ele vai zoá com você, porque você vai lá, normalmente sai com um monte, eles chegam, jogam o chaveco e ela cai". (Menina, 14 anos, escola pública).

A presença do garanhão e da virgem aparecem, na novela e na vida real, como residuais de uma cultura que está em constante movimento, ao lado de valores emergentes, como relações sexuais antes do casamento, sexo para o prazer não só masculino, mas também feminino, como comprovam outros discursos:

- ✓ "Se as pessoas perguntarem, você é virgem?, vou falar não, mas você é." (Menina, 15 anos, escola pública).

Quanto à homossexualidade, existem indícios de que o preconceito, apesar de continuar existindo, já não é o mesmo. Aparecendo entre os adolescentes discursos muito significativos:

- ✓ "É que perdeu a graça... porque tem tanto homossexual? Não é questão de genética não, é mais interessante conquistar por exemplo outro homem do que conquistar uma mulher, que estão se jogando aos seus pés." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Mas é falta de identificação, por exemplo, tem homem que não vai te entender nunca, mas tem mulher que vai te entender... e aí você vai ter relação com uma mulher." (Menina, 16 anos, escola particular).

Com relação às famílias extensas do passado, não existem dúvidas, o ideal do patriarcalismo não faz parte do imaginário dos adolescentes pesquisados. Eles querem uma família muito pequena, com um ou dois filhos, às vezes mesmo nenhum... Têm a consciência de que a educação dos filhos dá muito trabalho, muita preocupação e, acima de tudo, muita despesa.

- ✓ "Queria um filho." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Dois tá bom." (Menino, 16 anos, escola pública).

- ✓ "Uma menina, é mais fácil." (Menina, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Um é pouco. Mais de dois é muito." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Um é pouco, dois é bom, três é demais." (Menino, 17 anos, escola particular).

- ✓ "É o tempo. As mudanças do tempo. As meninas estão indo de acordo com o tempo. Agora as meninas estão futurando no tempo." (Menina, 14 anos, escola pública).

Interessante, significativo e emergente o verbo "futurar" na linguagem adolescente. De submeter-se e resignar-se para futurar é, sem dúvida, um grande avanço.

Quanto à virgindade, sua importância já não é mais unanimidade, quer entre meninos quer entre as meninas.

- ✓ "Não, ela precisa saber alguma coisa né, não pode ser muito assim... dada, mas segurar até o casamento acho que não, hoje em dia não tá mais compensando não." (Menino, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Eu sou a favor do seguinte: eu não sou a favor de transa só depois do casamento, prá mim, se o namoro está fixo, existe aquele amor mesmo entre os dois, não precisa casar prá transar. Já nisso deveriam ter o sexo deles..." (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Tem a menina não usada, a meio usada e a usada. Eu prefiro a mais ou menos, nem muito pouco, nem demais. Porque experiência é sempre bom né." (Menino, 14 anos, escola pública).

A ruptura entre a relação sexual e a reprodução, naquilo que Giddens (1992) chama de sexualidade plástica, que é a libertação da relação sexual da necessidade de reprodução, parece definitiva, passando a ser uma constante nos discursos adolescentes.

- ✓ "Acho que as meninas, elas estão mais fáceis, sei lá." (Menino, 15 anos, escola particular).

- ✓ "Os meninos chegam mais rápido ao que querem." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Não tem mais aquele romantismo todo de namorar para se conhecer pra depois... entra aquela coisa..." (Menino, 16 anos, escola particular).

- ✓ "Elas acham que tem que ter direitos iguais, se eles podem ficar com três porque eu não posso ficar com três, sabe...". (Menino, 16 anos, escola particular).

As meninas estão dominando o campo das conquistas numa demonstração de ser sujeito de seus desejos, mas elas próprias se contradizem ao criticarem-se mutuamente, como no discurso a seguir:

- ✓ "A mulher quer ser tanto igual ao homem que está se tornando ridícula." (Menina, 17 anos, escola particular).

- ✓ "Antes as meninas esperavam os meninos falar com elas, pedir em namoro, hoje não é assim. Pelo contrário, agora as mulheres fazem o que querem, chega vai direto, pede para amiga." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Quando a menina quer ela vai lá e fala. Eu tô afim." (Menina, 14 anos, escola pública).

O aborto já deixou de ser tabú e as adolescentes convivem com ele com uma naturalidade surpreendente, comprovando as estatísticas sobre o aumento do número de abortos entre adolescentes brasileiras.

- ✓ "Na *Malhação* teve caso de gravidez que abortou. A Flávia, o filho era do Rui..." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Transar não segura namorado, fica grávida, tem umas que tiram, aborta. Na *Malhação* teve caso de gravidez que abortou." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Eu acho que a maioria das meninas transa por amor. Depois elas abortam." (Menina, 13 anos, escola pública).

- ✓ "Tá muito fácil de abortar, hoje em dia em farmácia, as meninas compram remédio que abortam, ou elas mesmo procuram ajuda até de outras meninas que fizeram por outro método, parteiras, agulha..." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Muitas meninas estão ficando grávidas. Ficam sozinhas, se casam, se separam rápido, outras abortam. Tem bastante meninas que abortam. A melhor solução é ficar sozinha porque depois pode encontrar alguém, casar, separa aí fica difícil, e aborto acaba com a vida dela." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Se a gente usasse toda informação, muita gente não ia ficar grávida, não ia abortar, não ia espalhar a AIDS, como está se espalhando, destruindo." (Menina, 15 anos, escola pública).

- ✓ "Tiram filho. Na escola tem bastante...". (Menina, 15 anos, escola pública).

Os discursos adolescentes confirmam as conclusões de Leal (1998) de que embora não haja aprovação ao aborto e não haja também a confirmação de tê-lo praticado, as práticas e procedimentos abortivos são conhecidos pela população; no caso específico desta pesquisa, constatou-se que também a adolescência domina tal conhecimento. Os discursos, também confirmam Heilborn (1999) que o corpo não se esconde e está sendo vivido pelos desejos.

- ✓ "Porque olha, normalmente eu acho que os meninos na realidade de hoje, eu

acho que os meninos eles vem mais a parte externa do que interna, porque eles não querem saber se a gente é legal, se a gente é sincera, eles não querem saber. Eles só querem saber esse negócio de corpo, como é que tá, se tá tudo em cima, isso acontece, muito, muito mesmo." (Menina, 14 anos, escola pública).

- ✓ "Ah! Tá é desse jeito, vou ter que rebolar mais um pouquinho, usar aquelas sainhas curtinhas, feito a Sandrinha da novela. Tirar a camiseta de vez em quando, quando estiver na frente das meninas e ficar mostrando meu abdomem." (Menina, 15 anos, escola pública).

Sem dúvida, na realidade e na fantasia, o corpo está estrategicamente sendo vivido, esculpido, mostrado e usado para transformar-se em prazer. Os modelos ficcionais são freqüentemente citados, usados como justificativas do cotidiano.

- ✓ "A liberação que tá hoje a televisão com a concorrência está desvirtuando o sexo, que é a coisa tão... e as pessoas acham normal. Porque estão aproveitando o máximo de liberdade possível e não estão respeitando, querem aproveitar o momento, a hora, usando o máximo da liberdade." (Menina, 15 anos, escola pública).

Pudemos constatar que, sobre a influência da novela *Malhação*, os discursos adolescentes, em alguns momentos, são contraditórios. Uns acreditam em sua grande influência sobre os valores pessoais, outros, que a influência está na dependência de cada um aceitar ou não os modelos televisivos. Acreditam entretanto que existe uma relação de mútua dependência entre o meio e o receptor, uma vez que a televisão mostra aquilo que o espectador deseja ver.

Os jogos de sedução mostrados na novela são imitados pelos adolescentes, numa demonstração de que, por falta de modelos reais, a fantasia tornou-se referencial para os comportamentos adolescentes. E a moda é seguida, indepen-

dente das diferenças físicas e contextuais dos personagens, provando a autoridade do meio e de seus heróis ou heroínas. Neste caso, as influências da novela podem vir em forma de enxurrada, citada por Strasburger (1999), que alaga rapidamente, para dissipar-se em seguida perante a estética apresentada pela nova heroína, de um outro contexto ou de uma próxima atração.

Esta fase exploratória serviu de suporte para a fase conclusiva, onde a linguagem foi atualizada de acordo com a semântica adolescente. Foi útil também para especificar o adolescente mais identificado com a *Malhação*, que no caso mostrou-se como o aluno da 8ª série do curso fundamental. Como também mostrou-se significativa para a escolha das cenas mais apropriadas para gerar as discussões pretendidas.

Assim, definidos os procedimentos mais adequados, passamos para os estudos comparativos que nos levaram às conclusões.

Capítulo 4 – Os Receptores

4. 1. Localização dos Receptores

Para o estudo comparativo, obedecendo aos procedimentos metodológicos e na tentativa de eliminar a primeira variável, que seria o local de residência dos sujeitos, optei pela cidade de Americana como ponto de convergência dos grupos.

As pesquisas em Ciências Sociais mostram que os resultados são mais significativos na contextualização socioeconômico-cultural dos sujeitos pesquisados, pois são condicionantes relevantes dos resultados; sendo assim, apresento a cidade de Americana como *locus* dos sujeitos da pesquisa.

4.1.1. Americana – Espaço dos Receptores

Americana - Princesa Tecelã, está a 124km da capital do Estado de São Paulo, fazendo parte integrante da região metropolitana de Campinas, com uma população de 171. 035 habitantes, sendo 99,9% na zona urbana. Ocupa uma área de 133,9 km^2. Possui 1.309 estabelecimentos industriais – 48,5% no ramo têxtil e 22% no ramo de confecções; 4.582 estabelecimentos comerciais e 8.450 de prestação de serviços. Americana nasceu na Fazenda Salto Grande, terras que originalmente pertenceram a Domingos Costa Machado; banhada pelos rios Ja-

guari e Atibaia, seguia rumo a Vila de São Carlos, hoje cidade de Campinas. Em 1799, Manoel Teixeira Vilela adquiriu tais terras e construiu o solar como sede de uma das mais importantes fazendas de cana de açúcar da região. Em 1870 a fazenda é desmembrada e passa a ser de propriedade do major Francisco de Campos Andrade, que desenvolveu a cultura do café e trouxe as primeiras famílias de imigrantes italianos para a região. Data importante em sua história é a criação da estação da estrada de ferro que servia aos habitantes de Santa Bárbara e Piracicaba; o movimento e comércio criados em torno de tal estação, pela grande presença de americanos, provocam sua denominação de Vila dos Americanos, que vai crescendo e em 1904 passa à categoria de Distrito de Paz de Vila Americana. Parte remanescente da fazenda foi comprada em 1907 por Franz Muller, proprietário da Fábrica de Tecidos Carioba, que implementou a produção de algodão, sementes de arroz, milho e feijão, construindo na fazenda a primeira usina hidroelétrica para ampliar sua indústria têxtil. Esta usina fornecia luz elétrica para Americana e cidades vizinhas. Neste período, a fazenda destaca-se recebendo vários prêmios por sua produtividade.

A Fábrica de Tecidos Carioba – pano branco, é considerada o berço da industrialização de Americana. Carioba não se destacou apenas por sua produção trazida pela mão de obra de imigrantes, principalmente italianos, mas por sua vila de rara beleza natural e arquitetônica, que oferecia educação, lazer, e uma intensa movimentação cultural. Tem-se notícia de que em 1904 funcionava uma escola italiana em Carioba, onde o professor Caetano Cresppi dava aulas para 50 alunos. Em 1908, também em Carioba, funcionava o primeiro cinema "Cine do Povo" inaugurado por Salvador Giordano. O valor do nome Carioba era tão respeitado que Franz Muller acrescentou Carioba a seu nome de família - Franz Muller Carioba.

Na década de 40, as tecelagens e tinturarias, pela necessidade de água, estabeleceram-se às margens do rio Quilombo. Posteriormente, na década de 70, foi criado o distrito industrial para a transferência das indústrias que, com o

desenvovimento urbano, atravancavam o centro da cidade. O distrito industrial, que abriga grandes indústrias como Goodyear, Santista, Ripasa e outras, localiza-se às margens da Rodovia Anhanguera, na área correspondente à primeira ocupação territorial no século XVIII.

A população de Americana é composta, em sua maioria, por descendentes de imigrantes. Em 1866 recebe, através de Santa Bárbara D' Oeste, município do qual se origina, imigrantes norte-americanos resultado da guerra civil, liderados pelo coronel Willian Hutchiinson Norris – ex-senador pelo Estado do Alabama. Era o programa de incentivo do governo imperial com o objetivo de impulsionar o progresso do interior do país. Os americanos vinham para cá para plantar algodão e trazer técnicas modernas para a agricultura. Em 1887, chefiados pelo italiano Joaquim Boer, chega à Fazenda Salto Grande uma comitiva de imigrantes italianos para substituir o braço escravo na lavoura de café que depois se multiplicaram na indústria, no comércio e nas artes (Gobbo et allii, 1999).

Hoje, pelos sobrenomes de seus filhos, constata-se que Americana é muito mais italiana.

4.2. Seleção dos Receptores

Os adolescentes que formaram os grupos focais da segunda fase da pesquisa eram, especificamente, da oitava série de escolas públicas e particulares da cidade de Americana.

Os procedimentos para a formação dos grupos comparativos, entretanto, não foram exatamente os mesmos da primeira fase da pesquisa. Se os grupos exploratórios foram formados aleatoriamente, levando em conta apenas o desejo manifesto de participar, os grupos comparativos foram selecionados através

de um questionário[70] (anexo), com o objetivo de mesclar o máximo possível as características dos participantes, possibilitando assim uma aproximação maior com o perfil do público-alvo.

A escola pública pesquisada nesta segunda fase localiza-se em um dos bairros periféricos da cidade. Sua clientela é bastante heterogênea, reunindo alunos vindos de diversas camadas da população que habitam os diversos bairros da circunvizinhança, atendidos por ela. Ao contrário da escola pública pesquisada na primeira fase, esta não tem sofrido o processo de violência tão comum nas escolas de periferia. Na época da pesquisa estavam matriculados 1.200 alunos de 5ª série a 3° colegial, nos períodos matutino, vespertino e noturno.

A escola particular localiza-se em um dos bairros centrais, com uma clientela pertencente à classe média. Escola considerada, para a cidade, de grande porte, com 1.600 alunos que freqüentam a pré-escola, curso fundamental e médio, em funcionamento. Os cursos são distribuídos pelos períodos diurno e noturno.

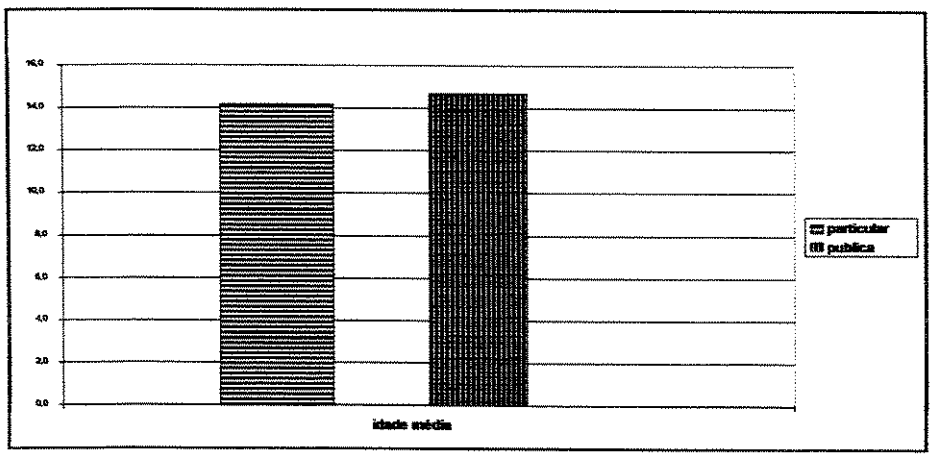
A aplicação do questionário, que serviria de parâmetro para a formação dos grupos focais seguiu dois procedimentos diferentes. Na escola pública, a própria pesquisadora os aplicou, em contato direto com os alunos; na escola particular, os questionários foram entregues a uma das professoras, da turma para aplicá-los. É importante registrar que tivemos uma conversa anterior com a referida professora com as devidas explicações sobre os objetivos do trabalho tendo se mostrado bastante receptiva e pronta a colaborar.

No total, foram respondidos pelos alunos de 8ª série do ensino fundamental da escola pública, 146 questionários e 59 pelos alunos da mesma série da escola particular. O resultado destes questionários pode ser observado através dos gráficos que foram elaborados com suas respostas.

[70] O referido questionário foi elaborado sob a orientação de Paula Miranda Ribeiro.

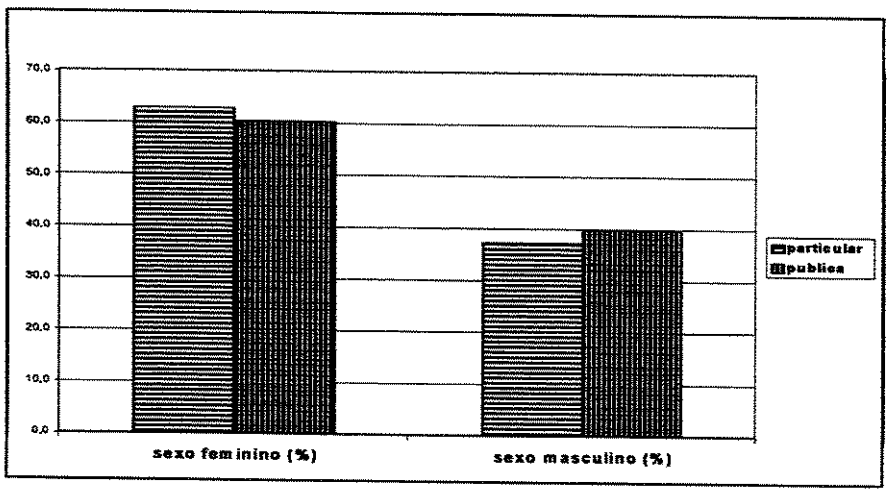
4. 4. Graficos explicativos dos alunos pesquisados

Gráfico 1 – Idade dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



A idade média dos alunos da escola pública é ligeiramente superior aos alunos da escola particular. Este fato já havia sido constatado nos estudos exploratórios, quando foram encontrados, na escola pública, alunos de 18 anos frequentando a 8ª série, enquanto na escola particular alunos de 14 anos estavam no colegial. A diferença de idade é significativa em algumas respostas. O aluno da escola pública, por ser mais velho, tem maiores possibilidades de uma vida sexual ativa do que o aluno da escola particular, bem mais novo.

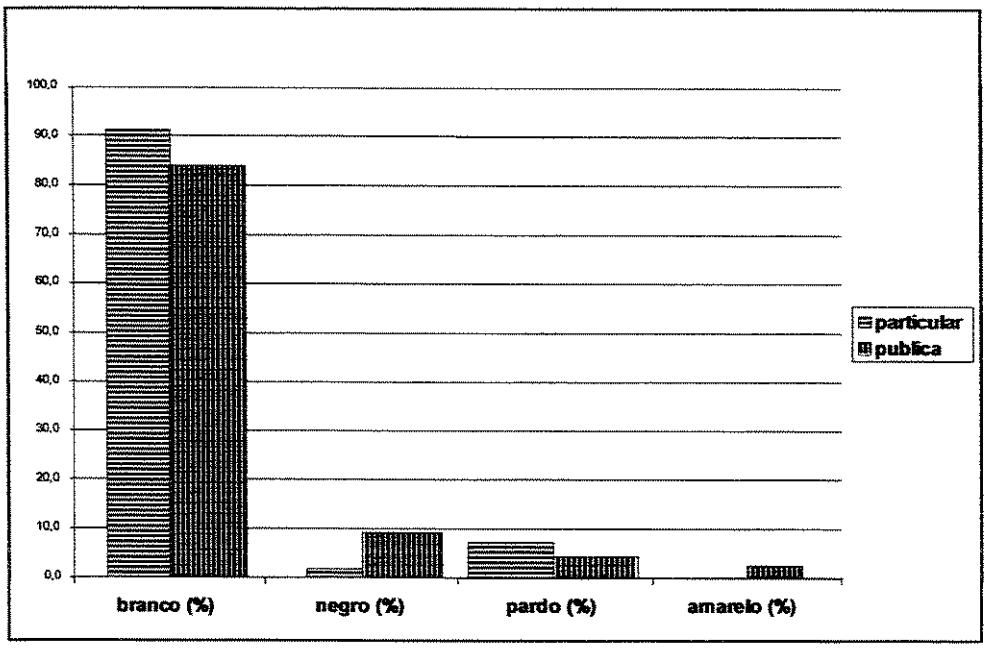
Gráfico 2 – Sexo dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



A porcentagem maior de meninas na sala de aula corresponde às estatísticas do IBGE, que mostra a maioria da população brasileira como sendo do sexo feminino. Outro fato a ser considerado é que os meninos entram no mercado de trabalho mais precocemente que as meninas; este fato é relevante na escola pública onde a idade dos alunos da oitava série já os empurra para o trabalho. Na escola particular pesquisada, encontrou-se também significativo número de alunos trabalhadores, acabam frequentando cursos noturnos que não foram alvo desta pesquisa. Outro fator, ainda a ser considerado, é a resistência dos meninos aos estudos, que acabam abandonando os cursos regulares para conseguirem um diploma via curso supletivo.

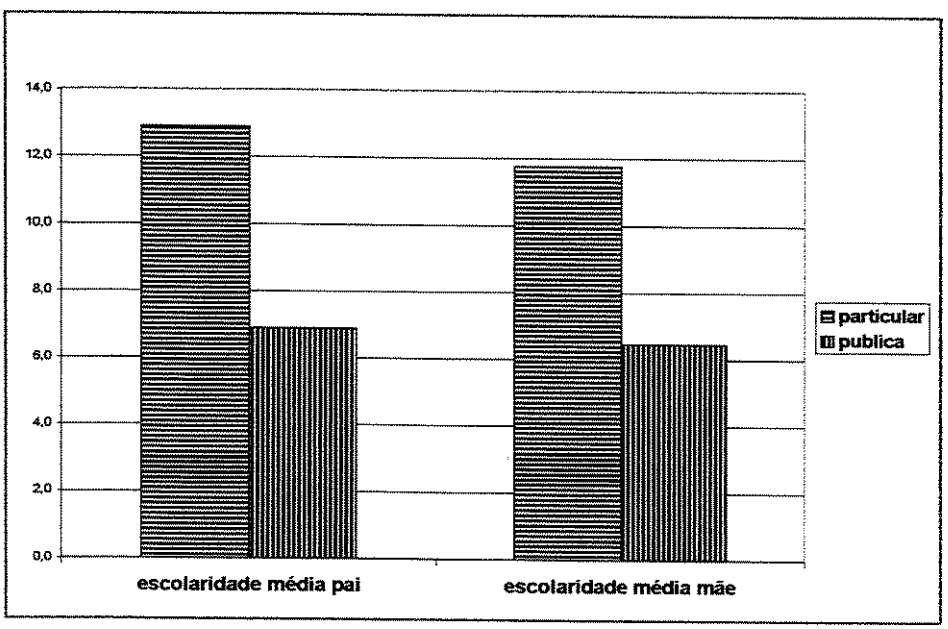
O sexo neste questionário foi a variável principal na composição dos grupos focais comparativos, uma vez que o objetivo era separar os adolescentes por sexo, para que eles tivessem maior liberdade e espontaneidade em suas discussões, como havíamos constatado nos grupos exploratórios.

Gráfico 3 - Raça dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



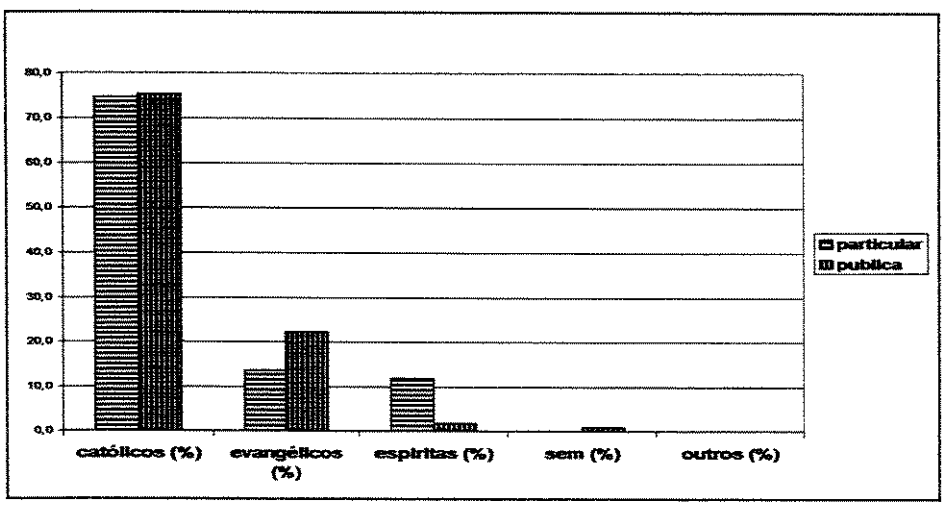
Os brancos são a maioria, entretanto, na escola pública, onde pudemos acompanhar o preenchimento dos questionários; notamos que alunos evidentemente negros se caracterizaram como brancos e alguns negros deixaram o espaço da raça sem ser preenchido. Na escola particular, alguns alunos deixaram também o espaço em branco e apenas um negro manifestou-se. Não podemos dizer se havia mais alunos negros na escola particular uma vez que não participamos na aplicação do questionário. Pela baixa freqüência de alunos de outras raças, que não a branca, não houve possibilidade de considerar a variável raça como significativa nesta pesquisa.

Gráfico 4- Escolaridade dos pais dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



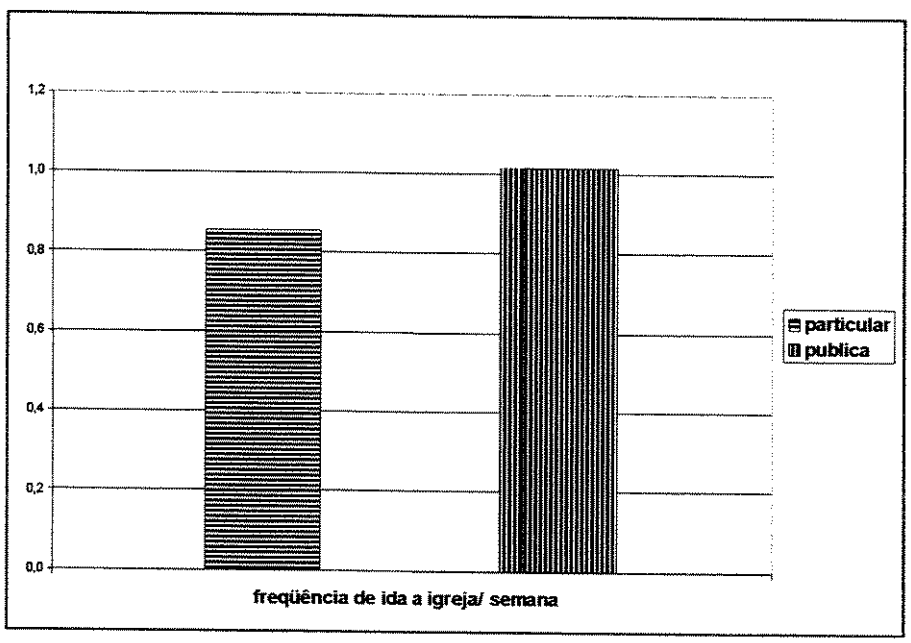
Incontestável o desnível de escolaridade entre os pais dos adolescentes da escola pública e os da escola particular. Este desnível, muito significativo, vai interferir sem dúvida em algumas respostas, pois está diretamente ligado não só à questão do capital econômico como cultural. A baixa escolaridade dos pais dos alunos da escola pública dá à televisão a autoridade para transformar-se em fonte confiável de informação para aqueles que não têm facilidade de acesso a outras fontes de esclarecimento.

Gráfico 5- Religião dos alunos dos dois universos pesquisados (escola pública e particular)



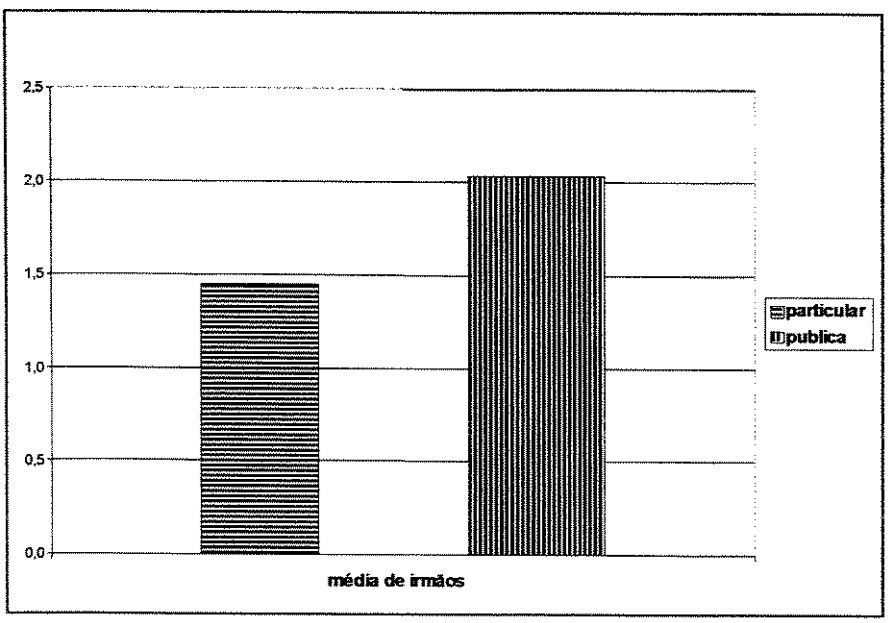
A religião católica predomina, com uma ligeira superioridade na escola pública; por outro lado, o que é quase nulo na escola pública, o espiritualismo emerge na escola particular. Os espiritualistas são vistos pelo senso comum como pessoas de poder aquisitivo alto. Entretanto, não encontrei nenhuma pesquisa que comprovasse este fato. Os evangélicos se mostraram com mais freqüência na escola pública, principalmente as Testemunhas de Jeová, enquanto que na escola particular não foi registrado nenhum adolescente que seguisse essa religião. Pelo gráfico, a religião não pode ser considerada variável significativa, pois houve um predomínio acentuado de católicos, deixando a pesquisa sem elementos para um estudo comparativo.

Gráfico 6 – Freqüência à igreja pelos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



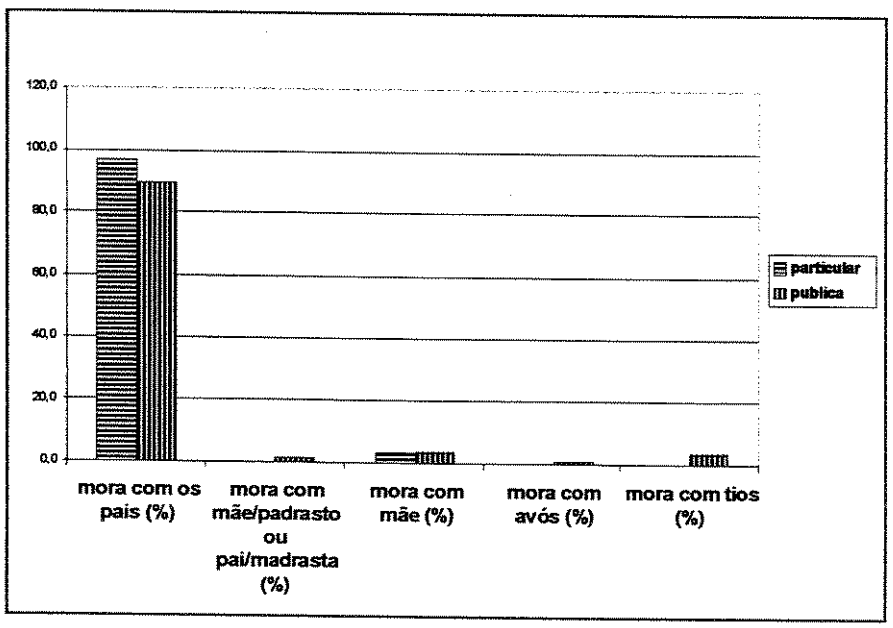
Fica evidente, pelo dados, que os adolescentes de uma forma em geral não são assíduos freqüentadores de suas igrejas. Desta forma, fica difícil afirmar que a Igreja é um agente socializador relevante. Este gráfico reforça o fato de que a Igreja deixou de ser um agente socializador importante e formador de opinião efetivo, como aconteceu durante longo período da história.

Gráfico 7- Número de irmãos dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



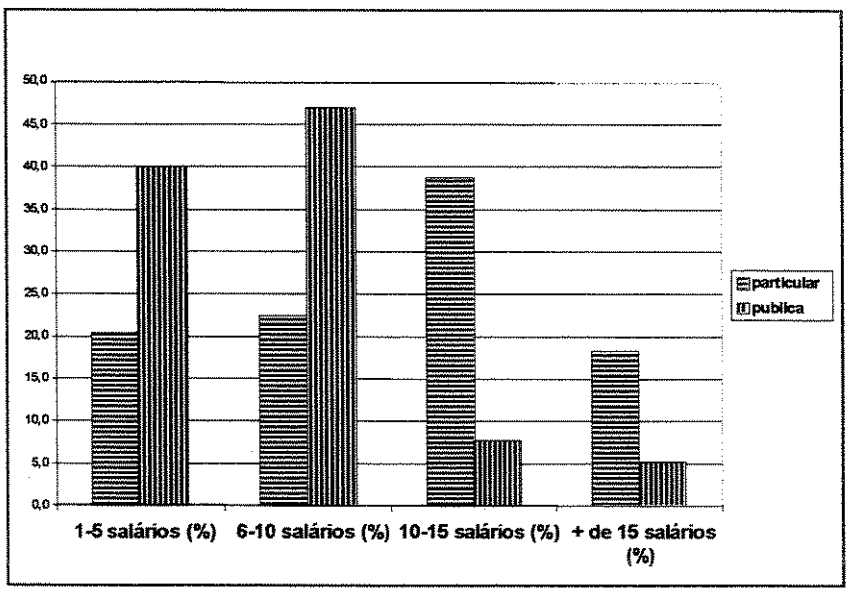
O número médio de irmãos dos alunos da escola pública é superior ao dos alunos da escola particular. Somando a este número o próprio adolescente, vemos uma família relativamente pequena se comparada às famílias extensas do passado. Esta variável é significativa, pois a família de orientação, sem dúvida, é um modelo para as famílias de procriação destes adolescentes. Somados os números de filhos, as mães dos alunos da escola pública estão acima da taxa de fecundidade das mulheres da região Sudeste, que é 2,1 filhos, e acima também da média nacional, que é de 2,4 filhos.

Gráfico 8- Arranjos familiares dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



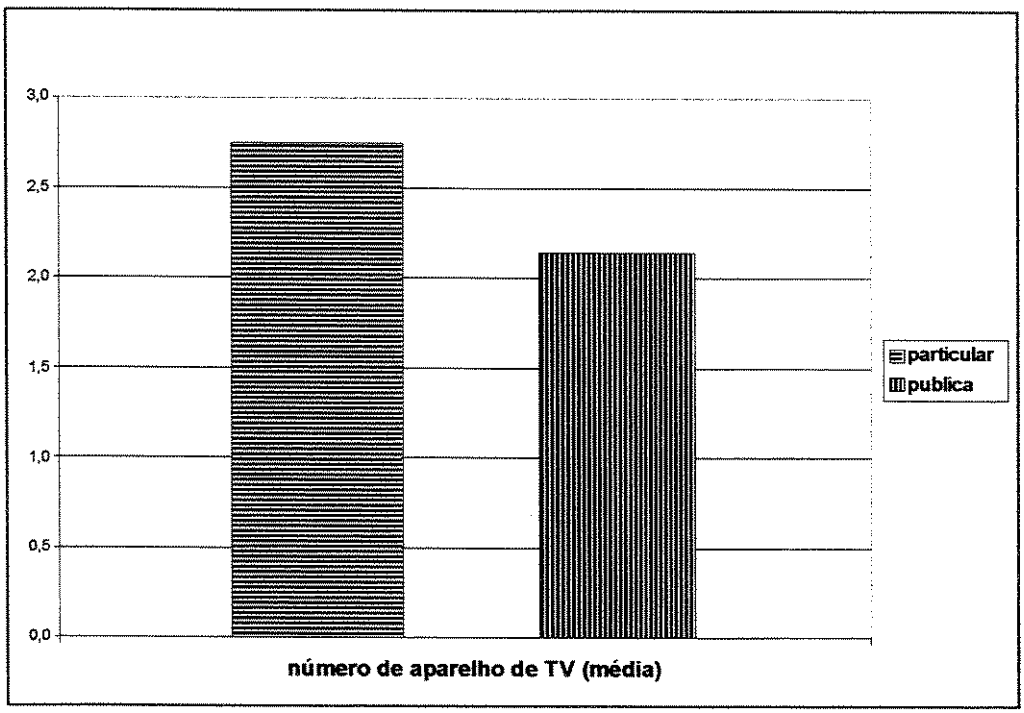
Os arranjos familiares se mostraram tradicionais, com a maioria composta por pai, mãe e filhos. Fato que na escola particular registra quase 100% das famílias e, na escola pública, ligeiramente abaixo. Estas respostas não comprovam as estatísticas de aumento de arranjos familiares monoparentais registrado em todo Brasil, mas justificam as respostas mais liberais dos alunos da escola pública, mais abertos para uniões menos duradouras.

Gráfico 9- Renda Mensal Familiar dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



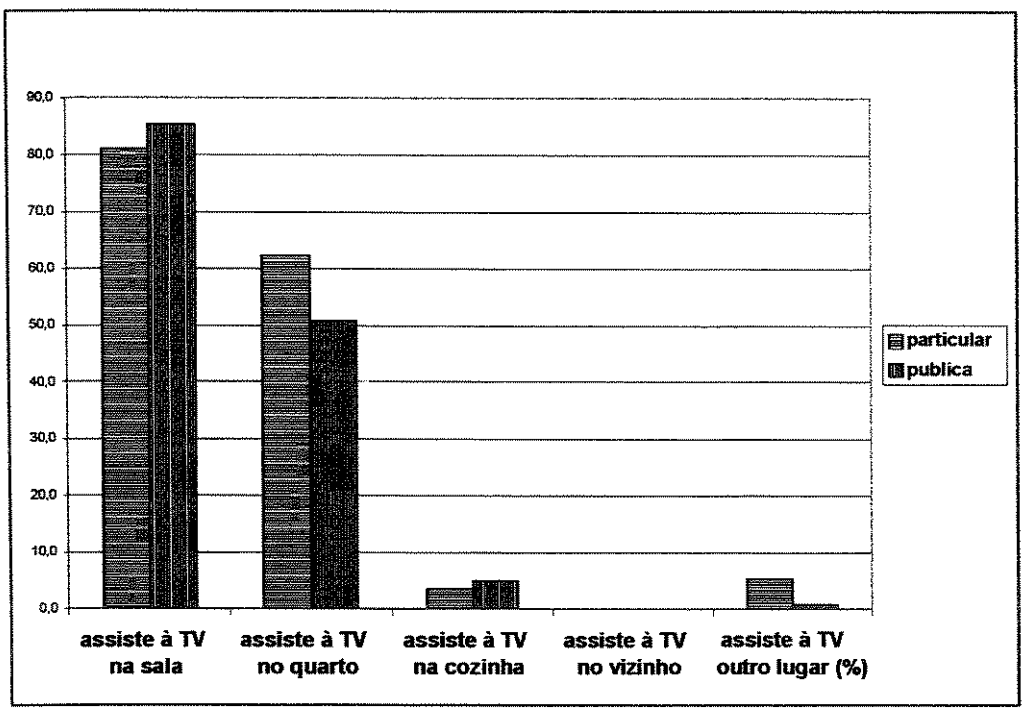
Um grande diferencial entre as duas escolas está também na renda familiar: enquanto a maioria dos alunos da escola particular está acima de 10 salários, a grande maioria da escola pública está entre 1 e 10. É importante salientar que alguns alunos não preencheram o espaço referente à renda, e um dos alunos da escola particular escreveu: *"não sei, meus pais nunca me falaram, por questão de segurança, dizem eles."* A renda familiar está em relação direta com a escolaridade, como se pode constatar pelo gráfico 4.

Gráfico 10- Número de aparelhos de televisão por domicílio dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



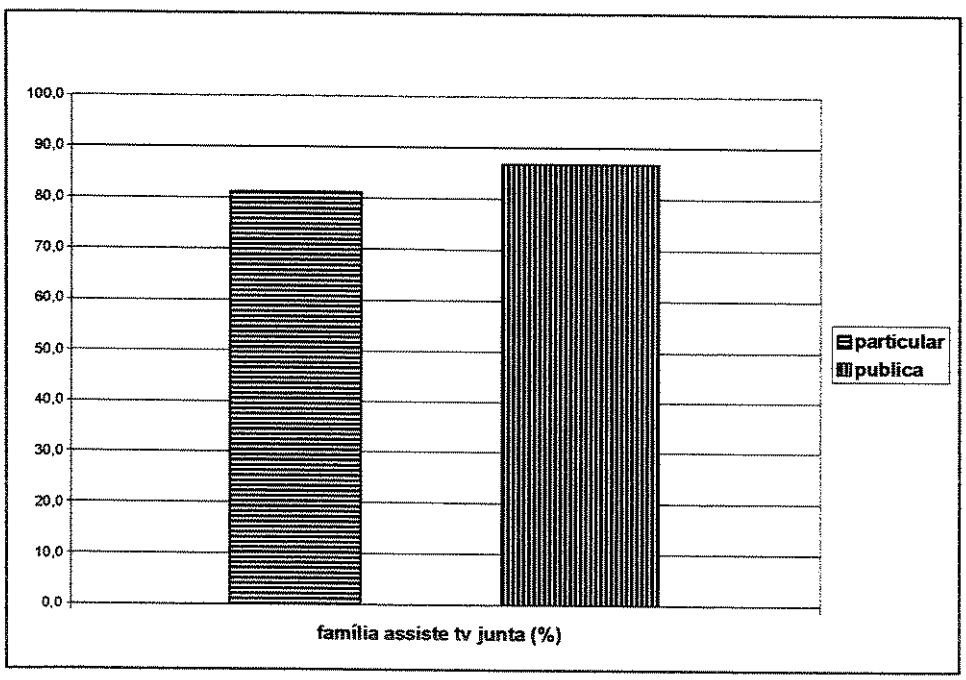
Foi surpreendente constatar que muitos lares de alunos de escola pública possuem mais de um aparelho de televisão, como apontou Arantes (1993), sinalizando para a grande importância do meio no cotidiano das camadas populares, como discutiu Leal (1986).

Gráfico 11- Local de recepção das imagens televisivas, pelos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



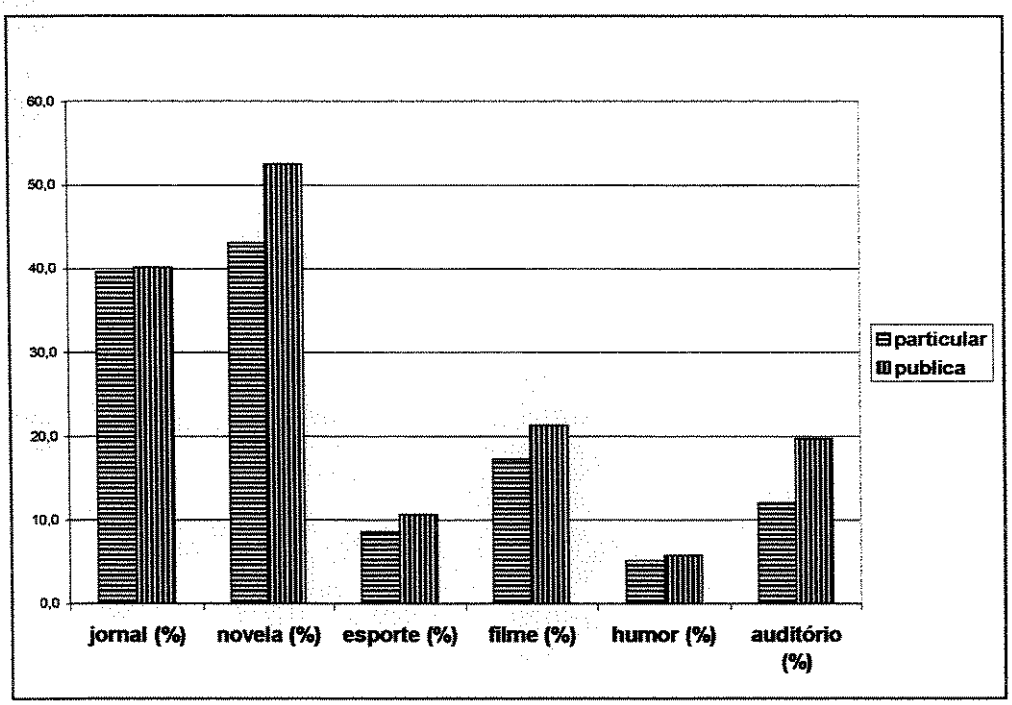
A maioria assiste à televisão na sala ou no quarto, comprovando que realmente as casas dos alunos da escola pública têm mais de um aparelho. Nesta pergunta era possível assinalar mais de uma opção.

Gráfico 12- Grupo de recepção das imagens televisivas, dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



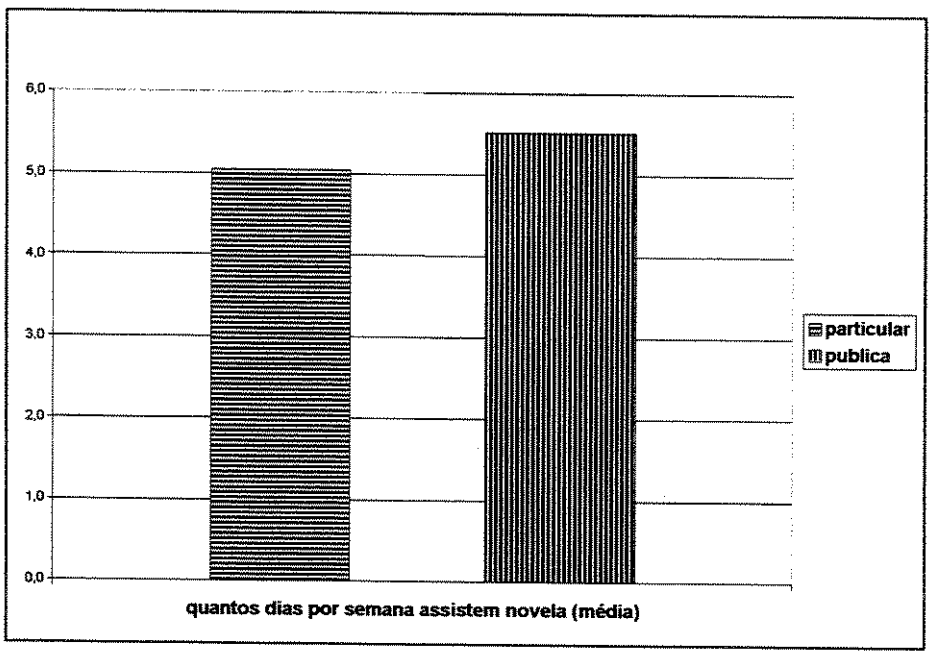
Quanto a família assistir à televisão junta, não podemos afirmar, pelos dados, que haja uma diferença entre as famílias dos alunos das diferentes escolas. O que podemos perceber é que apesar dos lares possuírem mais de um aparelho, o hábito de assistir à televisão é um programa de família.

Gráfico 13- Programas preferidos pelos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



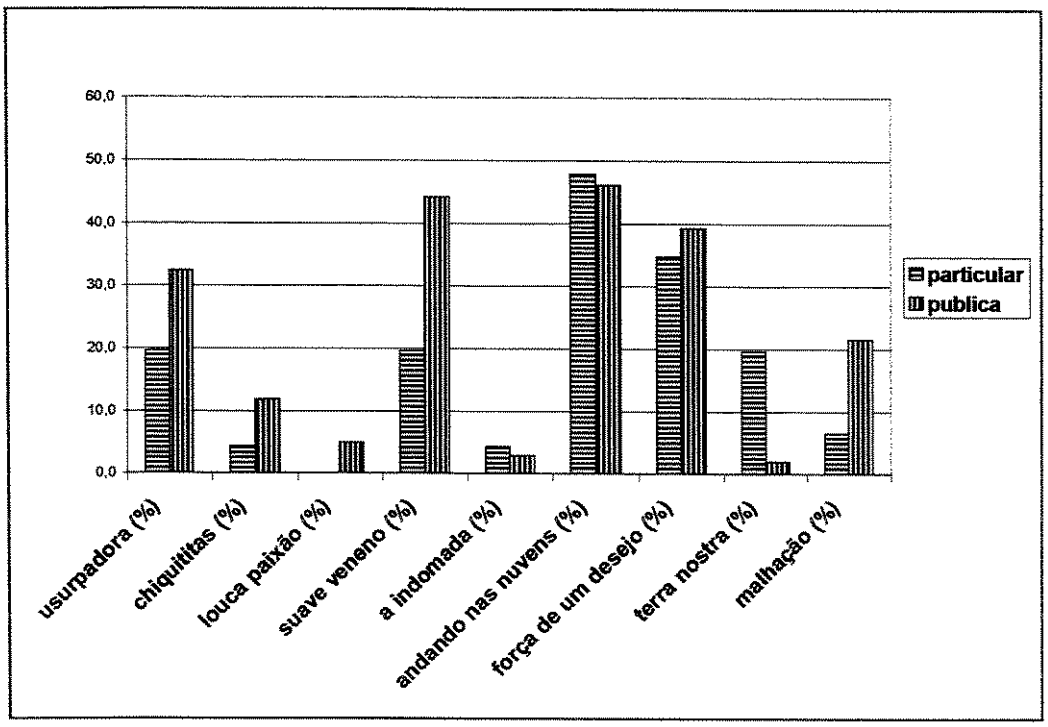
Assistindo à televisão unida, tanto famílias de alunos da escola particular quanto da pública têm preferência pelas novelas. Os dados reafirmam uma tendência divulgada pela mídia de que os programas de auditório são assistidos pelas camadas populares. É importante registrar que esta pergunta admitia várias opções.

Gráfico 14- Freqüência com que os alunos dos dois universos pesquisados assistem à novelas.(escolas pública e particular)



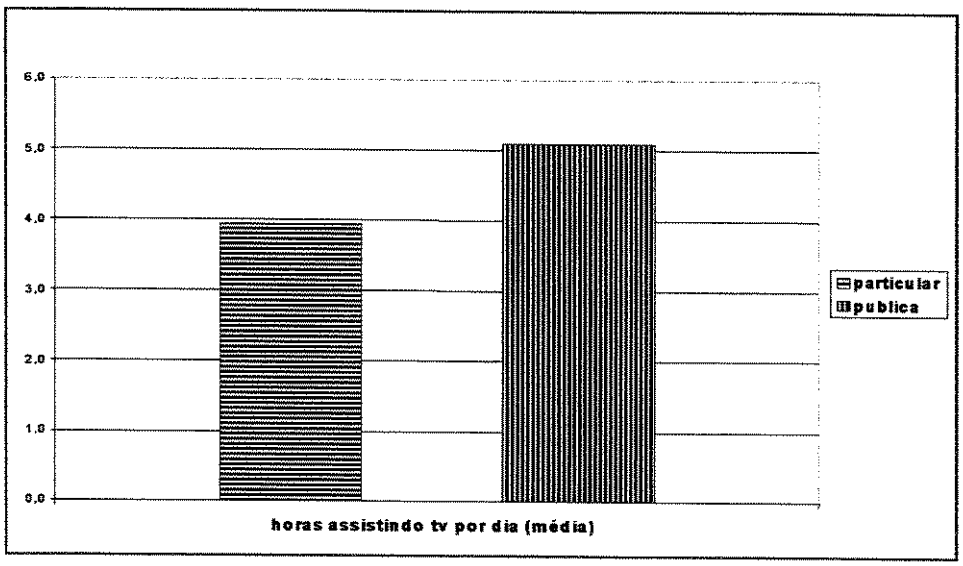
Os alunos de escola pública assistem à novelas todos os dias em que são apresentadas; não é o mesmo caso dos alunos da escola particular, que assistindo 5 vezes por semana podem indicar que aos sábados os programas são outros, na televisão ou fora dela. Mesmo porque um poder aquisitivo mais alto possibilita maiores opções de lazer.

Gráfico 15- Novelas preferidas pelos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



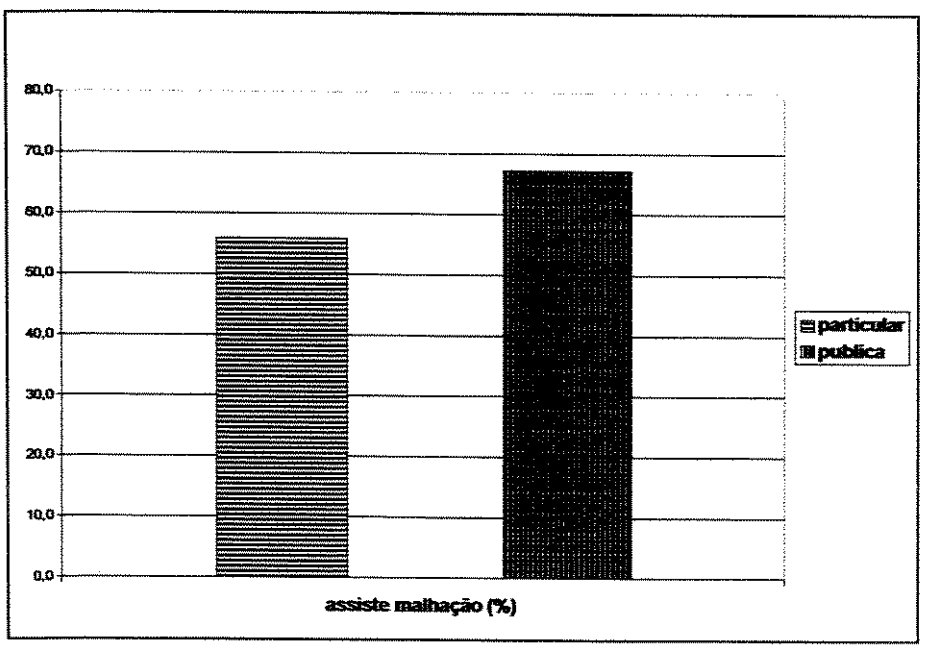
As novelas da Rede Globo têm a preferência dos dois universos, com maior freqüência na escola pública. É importante registrar que quando fizemos a pesquisa na escola pública, *Terra Nostra* estava entrando no ar, substituindo *Suave Veneno*. Embora preferida pelos dois universos, as camadas populares mudam de canal mais freqüentemente para verem *Usurpadora, Chiquititas* e *Louca Paixão*, que são produtos de outros canais.

Gráfico 16- Horas diárias de recepção das imagens televisivas, pelos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



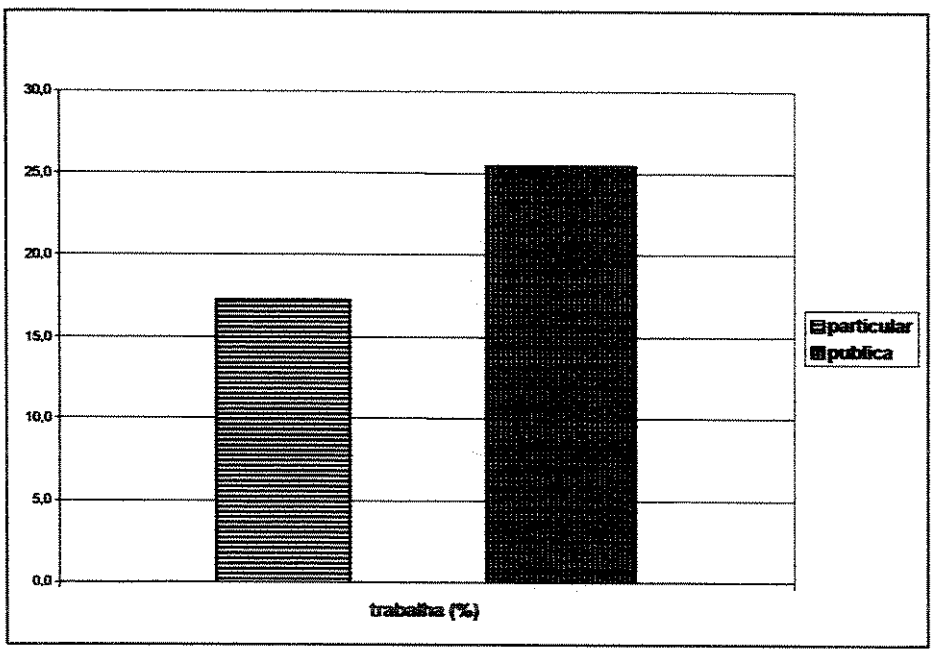
As horas em que assistem à televisão diariamente reforça o fato comentado na gráfico 14. O maior consumo está nas camadas populares, cinco horas por dia, somam-se 35 horas por semana; na escola particular, um pouco menos: são horas roubadas de atividades esportivas, diálogos significativos, leituras de qualidade, tarefas escolares e, principalmente, de experiências significativas. Poderiam até ser consideradas horas perdidas, mas isto não é verdadeiro; são horas de vivência no simbólico e de aprendizado. As mensagens estão sendo captadas e armazenadas para manifestações imediatas ou tardias, dependendo do receptor e da situação. Se compararmos o número de horas passadas na escola e o número de horas passadas em frente à televisão, principalmente quando se leva em conta que nos sábados, domingos, feriados e férias não há aulas e que nestes períodos a exposição aos programas televisivos é bem maior, concluiremos que o adolescente tem muito mais contato com os programas televisivos do que com os programas escolares.

Gráfico 17- Alunos receptores de *Malhação*, dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



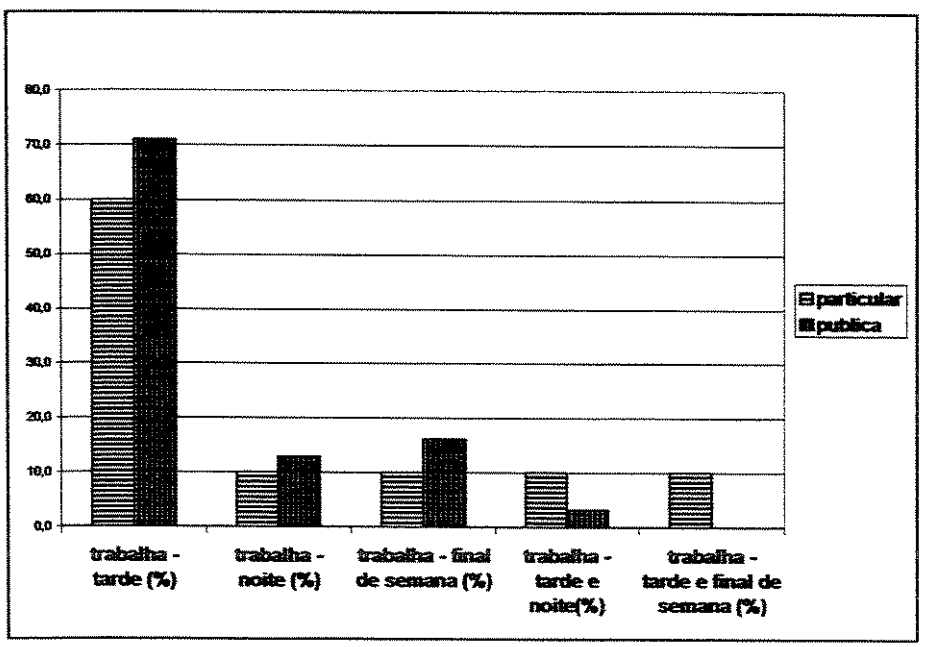
A *Malhação* tem uma audiência muito grande entre os alunos de oitava série. Entretanto, nota-se que é mais assistida pelos adolescentes da escola pública. Pelo que pudemos constatar, os alunos da escola particular têm uma vida escolar mais intensa, o que dificulta suas presenças diante da televisão no horário das 17h30min, quando *Malhação* vai ao ar. Responder sim a esta pergunta era pré-requisito para participar dos grupos focais.

Gráfico 18- Inserção dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular) no Mercado de Trabalho



A maior inserção dos alunos da escola pública no mercado de trabalho, mais precocemente do que os alunos da escola particular, confirma as estatísticas. Os jovens das camadas populares entram no mercado de trabalho muito mais cedo que os jovens das camadas médias. Deve-se ainda levar em conta que os alunos da escola pública, em média, são mais velhos do que os alunos das camadas médias. Os alunos trabalhadores não fizeram parte dos grupos focais; portanto, a inserção no mercado não se constituiu elemento significativo dentro do objetivo da pesquisa.

Gráfico 19- Horário de Trabalho dos alunos dos dois universos pesquisados (escolas pública e particular)



A maioria dos alunos trabalhadores tem o horário ocupado à tarde e portanto, não puderam participar dos grupos focais.

Depois de respondidos, os questionários foram selecionados. No momento da seleção dos participantes para os grupos, o primeiro requisito era assistir à novela *Malhação* e depois procuramos mesclar raça, religião, idade, arranjo familiar e renda familiar, no que resultou os quadros apresentados a seguir.

4.3. Caracterização dos Grupos Focais Comparativos

Tabela 1 - Escola Pública - Grupo 1 - Feminino

Nº	Idade	Raça	Escolaridade		Religião	Renda familiar	Arranjo Familiar
			Pai	Mãe			
1.	16 a.	Negra	8ª	4ª	Católica	6 a 10 salários	pai/mãe/1 irmã
2.	15 a.	Negra	8ª	4ª	Católica	6 a 10 salários	tio e irmão
3.	14 a.	Branca	-	3º colegial	Católica	6 a 10 salários	mãe/avós/tio e irmãos
4.	14 a.	Branca	3ª	6ª	Evangélica	1 a 05 salários	4 pessoas
5.	14 a.	Morena	5ª	5ª	Católica	-	pai/mãe/ela
6.	15 a.	Branca	Colegial	superior	Católica	6 a 10 salários	-
7.	14 a.	Morena	4ª	4ª	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
8.	14 a.	Branca	8ª	8ª	Católica	+ de 15 salários	pai/mãe/irmão/irmã
9.	15 a.	Morena	5ª	5ª	Evangélica	11 a 15 salários	pai/mãe/irmã

Tabela 2 - Escola Pública - Grupo 1 – Masculino

Nº	Idade	Raça	Escolaridade		Religião	Renda familiar	Arranjo Familiar
			Pai	Mãe			
1.	14 a.	Branca	4ª	4ª	Evangélica	1 a 05 salários	avó/tios/ele
2.	17 a.	Branca	4ª	5ª	Batista	1 a 05 salários	tio/tia/primos
3.	14 a.	Branca	2º colegial	8º	Católica	6 a 10 salários	pai/mãe/irmãos
4.	14 a.	Branca	2º grau	2º grau	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
5.	14 a.	Branca	Superior	2º grau	Católica	6 a 10 salários	pai/mãe/irmãos
6.	16 a.	Negra	-	4ª	T. Jeová	-	pai/mãe/irmãos
7.	14 a.	-	-	4ª	T. Jeová	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
8.	15 a.	Branca	8ª	1º grau	Católica	6 a 10 salários	pai/mãe/irmãos
9.	14 a.	Branca	1º grau	2º grau	-	+ de 15 salários	pai/mãe/irmãos
10.	15 a.	Negro	-	5ª	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos

Tabela 3 - Escola Particular - Grupo 3 – Feminino

Nº	Idade	Raça	Escolaridade		Religião	Renda familiar	Arranjo Familiar
			Pai	Mãe			
1.	14 a.	Branca	2º colegial	2º colegial	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
2.	14 a.	Branca	3º colegial	3º colegial	Católica	não sabe	pai/mãe/irmãos
3.	14 a.	Branca	Superior	superior	Católica	+ de 15 salários	pai/mãe/irmãs
4.	15 a.	Branca	4ª	Magistério	Católica	11 a 15 salários	pai/mãe/irmãos
5.	14 a.	Branca	Superior	Magistério	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
6.	14 a.	Branca	não sabe	não sabe	Católica	-	pai/mãe/irmãos
7.	14 a.	Branca	Superior	Superior	Presbiteriana	06 a 10 salários	pai/mãe/irmãos
8.	14 a.	Branca	5ª	3ª	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos

Tabela 4 - Escola Particular - Grupo 4 – Masculino

Nº	Idade	Raça	Escolaridade		Religião	Renda familiar	Arranjo Familiar
			Pai	Mãe			
1.	15 a.	Branca	Superior	superior	Presbiteriana	11 a 15 salários	pai/mãe/irmã
2.	15 a.	Branca	Superior	superior	Católica	1 a 05 salários	pai/mãe/irmãos
3.	14 a.	Branca	2º grau	8ª	Católica	11 a 15 salários	pai/mãe/irmão
4.	14 a.	Morena	2º grau	2º grau	Católica	-	pai/mãe/ele
5.	15 a.	Branca	2º grau	2º grau	Espírita	+ de 15 salários	pai/mãe/ ele
6.	14 a.	Branca	-	-	Espírita	11 a 15 salários	pai/mãe/irmãos
7.	14 a.	Branca	Superior	1º grau	Católica	-	pai/mãe/irmão

Com a seleção feita, houve um retorno às escolas, onde se assumiu compromissos mútuos, entre pesquisadora e adolescentes, de encontro com dia e hora marcados.

Os grupos da escola pública aconteceram no final de setembro de 1999 e os da escola particular, no início de outubro de 99. Os grupos foram reunidos no período da tarde. O grupo 1, no dia 24 de setembro de 1999 às 14 horas.

O grupo 2, no mesmo dia às 15h20min; grupo 3, às 15h45min do dia 6 de outubro de 1999, e o grupo 4 às 14horas do mesmo dia 6. Esta quase sobreposição de calendário retirou o viés possível das interferências temporais.

Relevante quanto à constituição dos grupos foi a diferença de comprometimento. Enquanto apenas metade dos alunos de escola pública que haviam se mostrado voluntários, compareceu ao encontro, apenas um faltou na escola particular. Todavia, não houve prejuízo nas discussões, uma vez que a experiência com os grupos exploratórios nos mostrou que este fato poderia acontecer: desta forma, convocou-se, na escola pública, um número bem maior de participantes. Justifica-se tal fato pela timidez maior dos alunos da escola pública, que apesar de saberem da impossibilidade de participarem, se comprometiam para não negarem.

Capítulo 5 – A Representação

5.1. O resultado das discussões

Os adolescentes, seus olhares e seus discursos

Para a segunda fase da pesquisa, na discussão dos grupos focais, selecionei sete cenas dentre aquelas que, nos grupos exploratórios, provocaram maior motivação para os debates, discussões e geraram discursos mais ricos e significativos para o estudo comparativo entre universos diferentes.

As cenas foram apresentadas, uma a uma, e após a apresentação esperava-se as manifestações dos adolescentes. Algumas vezes foi necessária a interferência do moderador, na maioria dos casos, as opiniões iam surgindo, mutuamente provocadas entre os participantes dos grupos. Os discursos apresentados neste texto foram extraídos das transcrições, de maneira a não ficarem muito repetitivos. Todavia, no intuito de reforçar a idéia apresentada, mantivemos discursos semelhantes, gerados na mesma discussão, como pode ser constatado pelos números apresentados para identificação.

5.1.1. Cena 1 – Violência doméstica

A primeira cena tinha o objetivo de provocar discussões sobre a violência doméstica provocada por abusos sexuais. Embora com outros personagens, é uma repetição do tema da primeira fase, com a proposta de continuar discutindo o assunto e desvelar o que está sendo divulgado pela mídia. Neste sentido, torna-se importante ressaltar que a violência não é uma constante na *Malhação*, pelo contrário, por ela perpassam muitos discursos, às vezes até "piegas", contra a violência.

A cena recortada envolve a personagem Sabrina (Samara Filippo) fugindo da casa da tia, responsável por ela, para ir viver com o metaleiro Kelé (Marcelo Novaes) e a tentativa de Bruno, seu primo, trazê-la de volta.

- ✓ "Ah! A Sabrina, ela não tinha pais, tava acostumada a ter liberdade, foi morar na casa da tia, ficou pegando no pé..." (4, g1).

- ✓ "É bem, deve ser relacionado a própria família. Se uma pessoa não recebe carinho em casa ela vai procurar outra." (2, g3).

- ✓ "Às vezes, não tem compreensão dos pais em casa, os pais não compreendem, não tem aquele diálogo dentro de casa, aí então começa a virar a cabeça né, muitas amizades conforme o tipo de pessoa que você anda também." (9, g1).

- ✓ "Acho que o pensamento... a mãe pensa de um jeito, minha mãe pensa de outro." (4, g3).

- ✓ "Às vezes não é bem tratada em casa, apanha dos pais, as vezes nem é ouvido em casa, não pode se expor, dar sua opinião..." (5, g4).

Existe quase que uma unanimidade ao apresentarem a falta de diálogo e compreensão dos pais como motivo para fugir de casa. São desencontros geracionais que ainda permanecem, apesar de tantas pesquisas afirmarem que este *gap* entre pais e filhos estão muito mais brandos.

- ✓ "Tem muitas pessoas que não se abrem com os pais e vão falar com os amigos, eles não sentem liberdade para conversar com o pai e a mãe. Uma turma influência muito mais na vida das pessoas." (2, g4).

- ✓ "Quando o pai não deixa sair, sei lá, dá vontade de sair pela rua e ficar conversando com os colegas." (3, g4).

Constata-se por estas falas adolescentes a importância do grupo de amigos apresentada por Matza (1968), Einsentadt (1976) e Abramo (1994).

- ✓ "Violência."(8, g1).

Parecendo darem o assunto por encerrado, pergunto:

Maria Inez – Que tipo de violência?

- ✓ "Sexual." (8, g1).

Perante o silêncio geral que se instala, provoco:

Maria Inez - Essa violência acontece dentro de casa ou fora de casa?

- ✓ "Em todos os lugares." (8, g1).

O que noto é que o assunto parece não interessar e, aí, sinto a necessidade de interferências:

Maria Inez – Está existindo muita violência sexual nas casas, onde seria?

✓ "Nas casas... pai temperamental." (5, g1).

Maria Inez – Então está acontecendo muito isso na nossa realidade, vocês têm visto isto freqüentemente, onde você vê? Como é?

✓ "Vê freqüente." (9, g1).

✓ "Em revista." (8, g1).

✓ "Na televisão mesmo aparece muitos casos de menina violentada sexualmente pelo próprio pai, que acaba fugindo, fazendo várias loucuras por causa disso." (9, g1).

Maria Inez – Mas isso você só vê na TV ou você já teve notícias de alguém na vida real com quem tenha acontecido?

✓ "Ó uma amiga minha, ela morava, acho que duas casas prá cima da minha, e a mãe dela tinha casado de novo...casamento, e mãe dela ia para a igreja e o padrasto dela tentava, sabe violentava...e ela ficava quieta, porque ele falava que se ela contasse a mãe dela não ia acreditar ia mandar ela embora, isso foi isso dele, aí um dia ela começou a namorar, a mãe dela aceitou o namoro, mas ao mesmo tempo como ela passava muito tempo na casa do namorado e ficava no quarto dele com ele sozinha, a mãe dela mandou ela embora de casa, né, ela foi morar na casa da tia dela que era minha vizinha, depois ficou grávida e casou com ele, só depois disso que ela foi contar, e até hoje a mãe dela não olha na cara dela, não olha pró neto dela, mas ela não acreditou nela." (8, g1).

✓ "A união da família, o pai bêbado, procura drogas." (5, g4).

- ✓ "Quando não tá bom dentro de casa, pai briga com a mãe, pai bate na mãe, existe violência sexual, verbal, física..." (2, g4).

- ✓ "Pode ter uma origem tanto na família, como por meio dos amigos, a pessoa que tem cabeça fraca." (1, g4).

- ✓ "Às vezes a menina é rica, mimada e a mãe protege muito, não a deixa sair."

- ✓ "Os motivos seriam por diferentes classe." (2, g4).

- ✓ "Falta diálogo, depende como foi criado por seus pais." (3, g4).

Nota-se tendências diversas entre os discursos masculinos e femininos: enquanto as meninas culpam mais a falta de diálogo e liberdade dentro da família, os meninos apresentam causas mais contextuais, como brigas entre os pais, bebida e drogas.

- ✓ "Ah, eu conheço um caso que foi parar na cadeia na cidade onde foi pego. Minha colega foi passear no Mato Grosso, aí o cara fugiu com ela. A mãe dela pediu que fosse atrás, ela foi parar num abrigo de menores e ele foi preso, só que daí eles acabaram casando." (9, g1).

- ✓ "Porque é minha tia e ela é adotada então ela fugiu." (4, g1).

- ✓ "Os pais não davam muita atenção para ela, fugiu foi presa, mexeu com drogas, acho que é mais para chamar atenção."(8, g3).

- ✓ "Ah, uma, parece que a mãe dela estava metendo o bedelho, tratava ela mau, batia nela, ela usava droga..." (5, g4).

Os discursos adolescentes levam a crer que as personagens Sabrina (Samara Filippo) e Carla (Thais Versoza), em suas atitudes de fuga, não são encon-

tráveis facilmente no universo pesquisado, não existe clareza nas justificativas para o abandono da família, nem mesmo unanimidade. É relevante registrar que a menina que havia levantado a hipótese de violência sexual diz que leu na revista.

A percepção que tive é de que as histórias de violência são de "ouvir dizer", ou são forjadas para satisfazer as perguntas. O que também pode ter acontecido é que os discursos que pareciam forjados seriam reconstruções de uma realidade que tentam esconder e esquecer. Como disse Foucault (1999:96) "Da mesma forma, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; mas, também afrouxamsues laços e dão margem a tolerâncias mais ou menos obscuras".

Os alunos da escola pública falam de casos que não estão presentes em seu cotidiano; os de escola particular acham que a violência pode estar acontecendo num meio que não é o deles. Enunciei a hipótese, com a qual Silva concordou, de que este tipo de violência, se confirmadas as estatísticas, estaria acontecendo com as famílias cujos filhos estão alijados da escola, portanto, com uma outra bagagem cultural. Pode ser também que as famílias que têm filhos na faixa etária que freqüenta o segundo ciclo do ensino fundamental carreguem, ainda, aquela bagagem emocional própria dos pais dos anos 60, que pregavam a paz e o amor e acreditavam no "é proibido proibir."

Pelos discursos pronunciados, os adolescentes demonstraram que os exemplos da Carla e da Sabrina podem ser seguidos se houver um contexto de vida predispondo à fuga, e que tais fugas não são causadas pela violência sexual doméstica. Sobre esta cena, conclui que o exemplo da televisão não é copiado passivamente; ele pode ser um fator desencadeante de um processo que vinha sendo gestado por problemas contextuais gerados dentro da própria família.

5.1.2. Cena 2 – Relacionamento amoroso

A segunda cena foi recortada com o objetivo de discutir a questão da simetria no relacionamento amoroso. Mostra Isa (Luiza Mariani), irmã de Rui (Hugo Gross), em uma festa, ao flagrar Flávia, a namorada do irmão, deitada com Tadeu na cama do Barrão, no maior "amasso".

- ✓ "É uma atitude não muito leal. Se ela fez isso é porque tinha alguma coisa que não estava dando certo no relacionamento dela." (6, g3).

- ✓ "É uma garota que quer se divertir." (8, g1).

- ✓ "Pessoas que fazem as coisas sem pensar e depois vai ver as conseqüências e se arrepende de tudo que fez, aí queria fazer tudo de novo, levava a vida dela assim sem responsabilidade nenhuma, fazia o que dava na cabeça para depois ver as conseqüências." (2, g1).

- ✓ "Ela não era fiel." (8, g1).

- ✓ "Se você está com uma pessoa não vai sair com outra." (3, g3).

- ✓ ""Não, Flávia não, ela não é uma galinha..." (2, g4).

- ✓ "Galinha é muito forte." (3, g2).

- ✓ "Não, galinha não." (4, g4).

- ✓ "Eu assisti até uns capítulos antes e ela estava traindo o namorado dela, porque ele não tinha tempo para ela, só que ele era rico, então ela ficava com ele porque ela viajava com ele, tinha tudo com ele, só que procurou outro, ficava

com a grana dele e sentia prazer com outro." (3, g3).

- ✓ "Eu acho que ela não seria assim uma galinha mas uma aproveitadora." (4, g4).

Duas questões importantes são colocadas diante desta cena: a primeira diz respeito aos relacionamentos amorosos, onde os direitos masculinos e femininos parecem ser reconhecidos como iguais, existindo mesmo uma certa simetria entre homem e mulher - justificam Flávia porque Rui não tinha tempo para ela.

A outra questão é a da infidelidade; ser fiel ao namorado não é mais regra inquebrantável. Neste ponto, entretanto, os discursos masculinos e femininos não são correspondentes e, embora as meninas, tanto da escola particular quanto da escola pública, tenham sido categóricas ao condenar Flávia, os meninos de ambas as escolas contemporizam, são condescendentes. A Flávia é desejada por eles e percebe-se também que as meninas com quem "ficam" na maioria das vezes fazem o estilo da Flávia e, assim, rejeitam a hipótese de também eles estarem sendo traídos e se envolvendo com "galinhas".

Silva – O que é galinha?

- ✓ "Ah, é uma menina fácil." (Todos, g4).

- ✓ "É aquela que é fila. Faz fila." (2, g4).

- ✓ "Galinha é uma que sai com um hoje, outro amanhã." (3, g2).

- ✓ "É uma menina que sai com qualquer um, é só chegar e leva. Mas nem sempre é assim, eles pensam uma coisa mas uma coisa totalmente diferente, eles fazem mal juízo da menina, sem às vezes as meninas darem motivo nenhum." (2, g1).

✓ "Eu acho hoje em dia muito normal, é melhor só sair com uma menina e não assumir compromisso sério." (5, g4).

Seriam indícios de que também nas conquistas e traições, dentro dos relacionamentos amorosos, está sendo construída uma simetria de gênero?

✓ "É acontece muito, por exemplo, eu vejo a minha namorada com outro, não tem problema, eu saio com outra." (2, g2).

Todavia, os resíduos da dominação masculina ainda se fazem presentes:

✓ "Mas na hora meu, se acontecer isso comigo, acabou." (6, g4).

✓ "Eu acho cara, que se você está saindo com uma pessoa, você tem de ser fiel, pelo menos eu ia tentar." (4, g4).

✓ "Eu acho que ela deveria ter terminado com o cara e depois ir procurar outro e não fazer o que ela fez." (7, g4).

Como vimos acima, os discursos masculinos não são convergentes. Uns aceitam as traições femininas, acham normal, outros não admitem serem traídos.

✓ "Hoje em dia as mulheres estão muito mais assanhadas do que os homens" (5, g3).

Sobre esta questão, provoco, o universo feminino:

Maria Inez – Os meninos valorizam as galinhas?

✓ "Não valorizam." (4, g1).

✓ "Só querem se divertir." (8, g1).

✓ "Eu acho que são chamadas de galinha, mas eles saem com elas." (3, g1).

Os discursos femininos apresentam uma crítica herdada de valores conservadores, que vêem a mulher ainda como inessencial, apesar delas próprias usufruírem de uma liberdade maior do que a das gerações passadas. Sem dúvida, sabem que, apesar das mudanças, o universo masculino valoriza mais a menina recatada. Para tentarem superar a incoerência entre o que vivem e querem, e o que acham correto, continuam usando a dissimulação.

✓ "Eles não namoram meninas dessas, saem para se divertir." (8, g3).

✓ "Aquela menina difícil, que ele tem que ficar o maior tempo 'chavecando' a menina para sair se a menina falar, não, não, se ele lutar bastante, ele dá valor. Aquele que faz de tudo, aquele que sofre, vê que tão aí no pé da menina daí ele dá valor, nossa...só que às vezes não é nessa que eles têm que dar valor porque essa aí só tem cara de santa, mas nunca é." (2, g1).

✓ "Há muitas que se fazem de santinha, mas são as piores." (8 e 9, g1).

Reafirma-se no próprio discurso feminino o papel dissimulador da mulher, tão difundido pelo senso comum e tão bem ilustrado por Lévi-Strauss (1985) nas lendas dos índios americanos. Esta dissimulação foi largamente utilizada nos comerciais, como constatou Alves (1995), quando as mães, ao desejarem ardentemente receber algum tipo de presente, pensam uma coisa e pedem outra, demonstrando não só a dissimulação, como também a irrelevância de seus desejos.

A outra constatação é que, embora tanta prova em contrário, o homem ainda deseja ser seduzido e continuar administrando o jogo da sedução e, de preferência, que a mulher que o seduz seja virgem. Existe, entretanto, uma suspeita, por parte dos meninos, quase certeza, de que este terreno é um campo minado. Sobre tais reflexões não se notou diferença entre os discursos dos alunos da es-

cola pública e os da escola particular.

A discussão sobre esta cena demonstra que as meninas já se tornaram muito mais ousadas e tentam usufruir direitos iguais, e os meninos reconhecem estes direitos, apesar de não se sentirem muito confortáveis nesta possível igualdade. Sem dúvida, a *Malhação* contribui para este quadro: em suas cenas as meninas dão as regras, e Flávia pode ser considerada um dos modelos desencadeantes dos direitos iguais. Com exemplos tão fortes, a simetria é aceita na ficção, e pela linha muito tênue de limite com a realidade, a fantasia vira cotidiano. Esta cena revela o gotejamento discutido por Strasburger (1999), a taxonomia acontece de forma velada, subliminar, provocada pela banalização causada pela repetição constante.

5.1.3. Cena 3 – Homossexualismo

O objetivo da cena três foi discutir a homossexualidade e perceber se existe o preconceito arraigado entre os adolescentes. A cena mostra Magali ouvindo muito concentrada uma delicada caixinha quando Sílvia, a professora de ginástica, chega e se declara para ela.

✓ "Uma situação muito chata." (3, g3).

✓ "Ah! Não pega bem." (3, g3).

O grupo 1 demorou muito a responder. Senti um certo mal estar entre elas e, por isso, interfiri:

Maria Inez – Por que o silêncio? Na vida real vocês nunca viram uma relação como esta?

- ✓ "Não." (4 e 8, g1).

- ✓ "Acho que não é normal." (6, g1).

- ✓ "Cada um tem a sua preferência, faz de conta, se eu gosto de uma mulher acho que foi uma coisa que eu escolhi, eu acho que na minha opinião é normal." (2, g1).

- ✓ "Normal, normal não é, é preferência, o porque não sei." (8, g1).

Maria Inez – Vocês andariam com uma menina considerada homossexual?

- ✓ "Andaria." (8, g1).

- ✓ "Eu acho que isso não tem nada a ver, só porque ela, se ela é ou deixa de ser, só porque ela é você não vai ser, ninguém, vai dizer isso." (2, g1).

- ✓ "Eu andei com uma sem saber." (6, g1).

- ✓ "A partir do momento que ela respeita o seu lado, assim ela é e sabe que eu não sou e me respeita, ela quer comigo só amizade, eu acho isso normal." (2, g1).

- ✓ "Daria apoio moral." (3, g3).

- ✓ "Deixava no canto dela." (8, g3).

- ✓ "Tentava reverter." (3, g3).

- ✓ "Teria amizade, não próxima." (5, g3).

- ✓ "Você não pode chegar a reprimir uma pessoa." (3, g3).

✓ "Se você saísse todos achariam que você também era." (4, g3).

✓ "Ah! É difícil uma vez uma menina saiu com uma e ficou com fama de sapatão." (8, g3).

✓ "É mais difícil ter lésbicas do que ter gay." (3, g3).

✓ "Uma vez eu fui viajar e vi duas mulheres de mãos dadas, é muito estranho." (6, g3).

Nota-se, que em relação ao homossexualidade, as meninas de escola pública são um pouco menos preconceituosas que as adolescentes da escola particular. As reações masculinas parecem ir na mesma direção, sendo que no grupo 4, meninos de escola particular, a primeira reação de todos foi de risos.

✓ "Ah! Aí já é doença, não é possível cara, o cara que sai com cara. Sei lá Deus criou o homem e a mulher, não criou o homossexual. Criou o homem e mulher para um gostar do outro, para procriar, agora sei lá meu." (1, g4).

✓ "Ah! Isso aí é coisa de louco, porque como ele falou, Deus fez a mulher e o homem para um gostar do outro e não para sei lá, só pode ser coisa do outro mundo." (7, g4).

✓ "Demônio meu, coisa do capeta." (4, g4).

✓ "Veado. Veado." (g4).

Silva – Você tem algum amigo homossexual?

✓ "Acho que não." (7, g4).

✓ "Sei lá." (7, g4).

- ✓ "Paro a amizade." (1, g4).

- ✓ "Até o ponto dele admirar tudo bem, mas se começar querer transar com outro homem, aí pega mal. O meu negócio não é aquele. Sou espada." (5, g2).

- ✓ "Nada contra, as pessoas fazem da vida o que quiserem." (7, g2).

- ✓ "Se os amigos virem vocês lá perto dos viados, vão falar que você também é." (3, g2).

- ✓ "Os veados ficam mais com as meninas. Andam no meio das meninas, virou traveca." (4, g2).

- ✓ "As meninas, elas são mais discretas." (9, g2).

- ✓ "Tem umas que agem como homem mesmo, chega falando e aí 'muleque, qualé', chega querendo bater." (g2).

- ✓ "É uma coisa inaceitável, mulher com mulher." (g2).

- ✓ "Eu acho que desde pequeno, começou a gostar de bonequinha, tem que dar um caminhãozinho, um trator, senão pode esquecer." (g2).

Percebe-se, pela fala acima, que existe uma certa consciência em relacionar homossexualidade e cultura. Tanto eu como Silva, sentimos que os grupos da escola pública, tanto o masculino quanto o feminino, têm um discurso politicamente correto em relação à homossexualidade, talvez prova de que neste universo específico o preconceito não é tão arraigado. Já na escola particular, existe uma rejeição completa, não contemporizam, negam até o fato de conhecerem alguém que seja homossexual. O lesbianismo, parece mais assustador para os meninos, tanto para os da escola pública quanto da particular, e sobre isso, com suas imagens, a *Malhação* está reforçando os preconceitos. Para clarear os discursos

apresentados, pergunto:

Maria Inez – Por que Sílvia não continuou na novela?

- ✓ "Bom ela saiu para não continuar sofrendo." (3, g1).

- ✓ "Eu acho que não, eu acho assim, pode ter interferência do escritor sim, porque ele viu que sem o papel dela, a Magali ia pegar... isso não ia ter mais graça dela alí... não ia querer nada com ela, quer dizer ficaria uma coisa sem graça." (2, g1).

Pela fala acima fica dimensionada a confusão visível que a espectadora da escola pública faz entre ficção e realidade, borrando as fronteiras que Douglas (1966) descreve como zonas de poluição e de perigo, causando o elaboração de medos e preconceitos.

Continuando as justificativas para a saída da personagem lésbica, dizem:

- ✓ "Na novela Torre de Babel [71] baixou a audiência." (5, g3).

- ✓ "A mídia." (8, g3).

- ✓ "Tem pessoas que não aceitam muito." (4, g3).

- ✓ "O autor fez para mostrar os preconceitos."(2, g3).

- ✓ "Saiu crítica no jornal." (8, g3).

- ✓ "Diretor mudou o texto." (5, g3).

[71] *Torre de Babel*, novela das 20h30min na Rede Globo, apresentava um casal de lésbicas, bonitas, ricas e de sucesso. O público reagiu negativamente e a audiência começou a cair, houve um incêndio e nele morreram as lésbicas, o drogado, assim como sumiu o pai que tinha um caso amoroso com a nora.

No que diz respeito à entrada e saída de personagens homossexuais nas novelas, entre as espectadoras da escola particular, nota-se uma dismistificação maior em relação aos determinantes e objetivos do meio. Neste sentido, as causas apresentadas para a saída da professora Sílvia não são justificadas pelo romance em si, mas por questões culturais: o preconceito das pessoas e a manutenção da audiência.

Pelas discussões, ficou nítida a reprodução do preconceito, apesar da realidade estar mostrando cada vez mais a presença de homossexuais em todos os espaços.

Ocultando o homossexualismo, sem dúvida, a mídia está reforçando o preconceito. Dentro da classificação de Williams (1992), pode-se considerar o homossexualismo como um elemento ainda permanente em nossa cultura, e embora existam tantos movimentos emergentes, neste ponto, o adolescente permanece ainda muito conservador, mesmo porque para seu espelho - a mídia, o homossexual é invisível e por isso causa medo.

5.1.4. Cena 4 – Virgindade

A cena foi proposta para a discussão da virgindade[72], como um valor que a novela *Malhação* preserva, através da sua personagem central.

Cacau, a virgem, pratica o jogo da sedução, mas nunca cede. Isto aconteceu em relação a Barrão, Escova e Mocotó. Num determinado dia, Cacau chega para Mocotó e diz que encontrou um modo de acabar com a "fissura" entre os dois: casar. As palavras de Cacau são significativas: "Não quero fazer sexo só por fazer. Quero fazer amor com meu marido."

[72] Apenas 32% dos jovens dão valor à virgindade feminina na hora do casamento.Em 1985, 95% dos rapazes desejavam casar-se com virgens. Dossie Universo Jovem MTV e Saldiva & Associados, In: *Veja*, 26 jan. 2000.

- ✓ "Cacau está certa." (3, g3).

- ✓ "Mocotó ficava pressionando ela toda hora." (8, g3).

- ✓ "Tem uns chega na menina que tá namorando falando assim: e aí vai transar comigo ou não vai, e aí elas falam que tá muito cedo, tem muitos que chegam a largar da menina." (2, g1).

- ✓ "Pedem prova de amor." (8, g1).

- ✓ "Por que casar grávida?" (8, g3).

- ✓ "Namoro sem sexo não é namoro." (1, g4).

- ✓ "Tem que ter a hora certa não é um querer e o outro não querer" (3, g4).

- ✓ "Ah, meu, sei lá, hoje em dia o namoro praticamente sem sexo, não é um namoro, né hoje em dia tá muito normal." (5, g4).

- ✓ "Tem muitas amigas minhas que namoram há três anos e transam, falam isso abertamente. Namoram há três anos, então ela tem uma certa confiança, ela sabe que ele gosta dela, que é fiel a ela e ela fiel a ele. E elas acham assim, se eu gosto dele, ele gosta de mim, eu quero, ele também quer aí eles vão. Se eu namorasse, na minha cabeça, se eu falasse eu não quero, pra mim também tem aquela coisa de casar virgem, acho importante aquela coisa do tradicional, é um sonho que muitas meninas têm, mas tem muitas que não pensam assim, se eu." (2, g1).

- ✓ "Eu acho importante casar virgem." (8, g1).

- ✓ "A virgindade é importante porque é um respeito com você mesma." (3, g3).

✓ "Não é porque eu quero que ela também vai querer." (3, g2).

✓ "Se você gostar dela tem que agüentar." (1, g2).

É importante registrar que o discurso na terceira pessoa corresponde propriamente a outro. São atitudes e pensamentos próprios, manifestos de forma anônima, sem comprometimento. São discursos incoerentes e conflituosos, que defendem a virgindade ao mesmo tempo que justificam a "transa". Se por um lado as meninas dizem que os meninos pressionam para "transar", por outro, eles afirmam respeitar a vontade delas. Dizem respeitar o outro, mas não separam namoro e sexo[73]. Ao colocarem o sexo como uma imanência do namoro, os adolescentes, principalmente os da escola pública, estão potencialmente confirmando a perda da virgindade das meninas com quem namoram.

Silva – Vocês não têm essa fantasia de casar com mulher virgem?

✓ "Se for, é bom." (2, g2).

✓ "Poderia até pensar mas, não tem solução." (5, g2).

✓ "Hoje em dia é difícil casar com uma mulher que é virgem." (5, g2).

✓ "É raro." (4, g2).

Diferente dos discursos dos adolescentes da escola particular:

✓ "A mulher não quer dar para a pessoa errada." (5, g4).

✓ "Muitas nem transam, a hora que você avança ela já cai fora." (5, g4).

[73] Metade dos adolescentes vê a relação sexual como parte do namoro e 70% acham que a primeira transa deve ser com o namorado. Seis meses de namoro é considerado o tempo correto para a iniciação. Secretaria de Saúde S/P OMS. Revista *Veja*, 26 jan. 2000.

- ✓ "Você vai ficar com a pessoa, nem sabe se vai dar certo, depois larga." (8, g3).
- ✓ "E mesmo casada a mulher conhece muito pouco o parceiro." (4, g3).

Silva – É preciso esperar o casamento?

- ✓ "Não." (Todos, g2).
- ✓ "Quando você namora já há um bom tempo, aí você quer e ela também, aí tudo bem, já rola." (5, g4).

Maria Inez – Com que idade vocês acham que devem iniciar a relação sexual?

- ✓ "Com 11 anos" (3, g1).
- ✓ "No programa do Ratinho apareceu uma com 8 anos." (1, g2).
- ✓ "Depois do casamento." (3, g3).
- ✓ "Se o namoro tá firme tem que decidir." (3, g1).
- ✓ "Eu acho que idade certa não tem, tem quando você estiver preparada." (2, g1).
- ✓ "Saber as conseqüências, gravidez." (8, g3).
- ✓ "Eu acho que você tem certeza do que está fazendo, né." (6, g3).
- ✓ "É você ter consciência de que você vai fazer aquilo e depois não se arrepender." (4, g1).

✓ "Eu acho que tem que ser responsável e se prevenir, porque hoje em dia transar é aquilo lá, pode ser bom, mas tem perigos como a AIDS, gravidez, muitas coisas." (2, g3).

Nota-se que os meninos de escola pública falam com muita naturalidade dos relacionamentos, das "transas", como se fossem experiências vividas[74]. Os da escola particular ainda não têm namorada, com exceção de um. Para os alunos da escola particular, nota-se que "transar" é um verbo que ainda demora para ser conjugado na primeira pessoa. São diferenças que não se justificam apenas pela categoria de camadas sociais, capital econômico ou cultural, mas pela idade dos adolescentes. Os alunos da escola particular, como demonstra o gráfico 1, são mais novos que os da escola pública e esta questão pode ser esclarecida com a resposta:

✓ "Tem que ter um carro." (4, g4).

Na tentativa de apresentarem a falta de um carro como justificativa de virgindade, atribuem a fatores externos seus motivos, numa explicitação nítida de que a condição de virgem não é confortável para ele.

Na idéia de poder dirigir um carro, vejo também a questão discutida por Giddens (1992), que separa o amor paixão do amor romântico. Os meninos, em sua iniciação sexual, não precisam mais de prostitutas; para eles isso é coisa do passado, a paixão e o romantismo se fundem na namorada ou na "garota da hora", em bancos traseiros dos carros, nos quartos de suas residências ou nos sempre acessíveis motéis[75].

Apesar dos valores patriarcais estarem adormecidos e a virgindade não

[74] A primeira relação costuma acontecer aos 15 anos para as meninas e aos 17 para os meninos. Um ano mais cedo que os jovens dos anos 80. Secretaria de Saúde SP/OMS e SBRASH.

[75] 33% dos meninos transam pela primeira vez em seus próprios quartos. Os refúgios das gerações passadas, como automóveis e móteis, correspondem por apenas 16%. SBRASH. Revista *Veja* 26 jan. 2000.

ser tão valorizada como o foi antes dos anos 60, a personagem que a representa é apresentada com uma aura angelical – linda, loura, delicada, com roupas comportadas e em tons suaves. A virgindade, na *Malhação*, é mais um instrumento de conquista da mulher que, ao anunciá-la, seja falsa ou verdadeira, seduz. Para as meninas, a preocupação não se traduz simplesmente com o rompimento do hímem, numa prova de que não é mais pura, mas com o assustador resultado deste rompimento – a gravidez.

Sem dúvida, a virgindade é um elemento residual, que ora se manifesta, ora é esquecido, povoando mais propriamente o imaginário que propriamente a realidade. Em compensação, a virilidade masculina permanece com a necessidade de ser comprovada o mais cedo possível; para isto a *Malhação* tece tramas para que os meninos tenha sua iniciação sexual o mais rápido possível.

É relevante destacar o discurso manifesto por quase todos os adolescentes que participaram dos grupos focais, sejam meninos ou meninas: a hora certa, a pessoa certa, a vontade, e responsabilidade do que está fazendo com o uso de preservativos. Este é o discurso que a *Malhação* vem repetindo há cinco anos. Sem dúvida, os adolescentes estão aprendendo com ela.

5.1.5. Cena 5 – Aborto

A cena foi proposta para discutir o aborto e perceber o envolvimento adolescente neste assunto polêmico.

Rubinho é um jovem pai que freqüenta a *Malhação*, e enquanto faz os exercícios, deixa seu filhinho Lucas aos cuidados da Carla, a responsável pela pequena creche dentro da academia. No momento em que Rubinho está indo pegar o Lucas, Fabinho o aborda e diz que o admira. Rubinho retruca, fazendo todo um discurso sobre as dificuldades de um casamento entre adolescentes.

Maria Inez – Rubinho e a namorada agiram certo ao se casarem? O que deve ser feito nestes casos?

- ✓ "Sentar e conversar para resolver." (5, g5).

- ✓ "Eles que fizeram isso, agora eles que assumam a responsabilidade que fizeram, não precisa casar, pode assumir o filho ter um relacionamento bom." (2, g4).

- ✓ "Tem muitas menininhas que ficam grávidas cedo e por medo de avisar o pai e mãe, do pai pegar e a mãe e mandar embora de casa, tem muitas que pensam em aborto, sabe tenta fazer de tudo para perder a criança, eu acho assim, se fez tem de assumir, porque a criança não pediu para vir ao mundo, isso aí é o que, conseqüência da "burrada" que ela e ele fizeram de não se prevenir, quer dizer que ela pensa em fazer aborto e tem muitas que enfrentam a família, enfrentam tudo, até o namorado, porque as vezes nem o namorado quer." (2, g1).

- ✓ "Quando você engravida a menina é porque você não tem responsabilidade."

- ✓ "Se for uma festa, brincadeira assim, o cara só pensa em zuar, aí acontece e nem se conhecem direito. E aí nem se gostam, só que aí tem pressão da família." (4, g4).

- ✓ "Vai perder a adolescência casando." (5, g2).

- ✓ "Se casar pode enjoar, trair, acabar o casamento." (3, g2).

- ✓ "Acaba o casamento porque é muito nova, não tem ritmo..." (5, g1).

- ✓ "Assumir o filho, sem o casamento." (5, g2).

- ✓ "Ele é obrigado a sustentar o filho dele." (1, g2).

- ✓ "Tem muitos que acabam fugindo." (3, g2).
- ✓ "Não, minha amiga casou e já separou, agora tem duas crianças para cuidar." (2, g1).
- ✓ "Ah! Não digo casar, mas o pai assumir a criança." (3, g3).
- ✓ "Se os dois gostam um do outro até podem pensar no casamento." (5, g3).
- ✓ "Tem caso que a menina ficou grávida, casou, e até hoje vive junto." (4, g3).
- ✓ "A maioria não é assim." (8, g3).
- ✓ "Minha cunhada vai ganhar nenê a semana que vem e ela tentou tirar." (6, g3).
- ✓ "Ela tomou chá e comprimido, mas ela fez isso também, porque a irmã dela tinha furado com agulha de crochê. Ah! A mãe dela nem sonhou." (6, g3).

Os discursos acima demonstram as contestações provocadas durante as falas, quando opiniões alheias são contestadas ou referendadas, demonstrando a riqueza e a validade dos grupos focais, enquanto instrumento de pesquisa dentro das Ciências Sociais.

- ✓ "Eu sou contra o aborto porque o cara que tem a responsabilidade de fazer tem que assumir." (4, g4).
- ✓ "É porque a idade dela não é para ter filho e sim se divertir ir à baile, em festa Aí ela vê as amigas saindo, indo para baile, sem filho, ela não quer nem saber, deixa com os pais e vai." (4, g3).
- ✓ "Uma vez passou no Jornal Nacional, uma menina com 12 anos que teve um filho e o namorado dela assumiu a criança, aí eles brincaram com ela que só

estava faltando um berço, porque o quarto já era de criança. Aí ela começou a chorar, porque ela não queria aquela criança, ela queria aproveitar." (8, g3).

Esta cena provocou inúmeros discursos e interferências entre eles; todos queriam falar ao mesmo tempo, demonstrando problemas reais, vividos no dia a dia, em conflitos, inseguranças e dúvidas.

- ✓ "Eu tomei o maior susto com a minha namorada. Ela disse que não estava descendo para ela, fomos ao hospital e deu negativo." (5, g2).

Silva – Se ela estivesse grávida, você iria casar com ela?

- ✓ "Acho que não. O filho ia nascer lógico. Ah! Não podia casar agora né." (5, g2).
- ✓ "Se tiver de carro passa na farmácia."
- ✓ "Eu sou contra o aborto."(3, g4).
- ✓ "Minha mãe casou, por causa da gravidez, hoje estão separados." (3, g1).

Foram demonstrações de que o aborto é veementemente rejeitado pelos meninos de ambas as escolas; todavia não existe a afirmação categórica de que assumiriam o filho caso engravidassem uma menina. Já para as meninas, o aborto é um fato normal, todas têm exemplos conhecidos. Não acham certo, mas toleram e convivem com ele, existindo a constatação de que uma gravidez e uma criança são de responsabilidade da mulher, trazem conseqüências difíceis de aguentar e superar, são sofrimentos solitários, pois na grande maioria dos casos os homens as deixam sozinhas com esta carga. Pelos discursos, reforça-se a idéia de que os adolescentes têm informações e sabem como prevenir a conseqüência de seus atos sexuais; apenas assumem que quando o desejo vem não há como evitar.

Fica visível que a menina, muito mais que o menino, assume a maternidade

ou o aborto como problema seu.

Esta questão está sendo mostrada e discutida pela *Malhação*, no atual formato: o colégio Múltipla Escolha propôs um debate com a participação de alunos, professores, pais, inclusive um padre, reforçando a visão da igreja. Sem dúvida, é uma tentativa de expor um fato freqüentemente ocorrido e constantemente negado; e iluminando as diferentes perspectivas, a *Malhação* talvez seja, para o adolescente que está passando por tais problemas, o único espaço para uma discussão que é rejeitada pelos pais e omitida pela escola.

5.1.6. Cena 6 – Casamento formal e procriação

A cena do casamento de Cacau e Mocotó tinha o propósito de perceber se o casamento formal e duradouro ainda é valorizado como concretização de um relacionamento.

- ✓ "Posso falar uma coisa, eu acho que essa *Malhação* não tem uma estrutura familiar." (3, g3).

- ✓ "Faz com que os amigos sejam mais interessantes que a família." (2, g3).

- ✓ "Mas aparece o pai da Marina, aparece do nada, mas eles estão ali." (4, g3).

- ✓ "Que nem o Mocotó, só liga para o pai quando está precisando de dinheiro. Eu acho isso errado." (3, g3).

Os discursos acima revelam o olhar atento do adolescente para os valores significativos, no caso, a família.

- ✓ "É errado o que a *Malhação* mostra, todo mundo mora dentro dela. O Mocotó

casou e foi morar também na *Malhação*, não existe isso." (4, g3).

- ✓ "Tem que ser assim, casei, agora vou ver uma casa para morar com minha mulher." (2, g3).

Com relação aos valores familiares, as imagens refletidas não são as mesmas para as alunas de escola particular e pública. Enquanto as alunas de escola particular criticam a *Malhação*, uma aluna da escola pública diz:

- ✓ "Mas se tivesse uma academia assim aquí eu iria." (3, g1).

O discurso acima, demonstra aquilo que Morin (1997) considera como característica da cultura de massa : fornecer "ao egoísmo pequeno-burguês os modelos do prestígio, do padrão, do autocontentamento, como fornece a mediocridade quotidiana sua compensação Imaginária" (Morin, 1997:176); e que Leal (1986), ao discutir o significado da novela, caracteriza como o desejo de participar de um universo que não é o seu, mas que o considera como da classe dominante

- ✓ "Acho que todo mundo quer casar." (2, g1).

- ✓ "Não tenho vontade de casar na igreja." (8, g1).

- ✓ "Eu quero casar na igreja." (9, g1).

- ✓ "Eu quero casar na igreja, não depender de ninguém, dos pais ou da família do marido. Quero casar com alguém que me ame, me respeite acima de tudo, não me maltrate, alguém que eu possa saber que eu não vou me arrepender. Quero ter 2 filhos." (4, g3).

- ✓ "Dinheiro não traz felicidade, ajuda mas não traz. Dinheiro não é tudo." (2, g1).

- ✓ "Casar só por dinheiro é errado, não adianta eu querer casar com o homem só

porque é rico se eu não o amo." (8, g3).

- ✓ "Então aí, se ele gostar de mim, ele vai dar um jeito, vai trabalhar." (2, g1).
- ✓ "O amor não resolve tudo. Não coloca comida na mesa." (8, g1).
- ✓ "Depois que acabar a faculdade, 25 anos." (2, g3).
- ✓ "Depois que tiver situação financeira, mais ou menos 25 anos." (4, g3).
- ✓ "Ah! Eu também quero casar, ter filhos, fazer do jeito que eu tenho direito. Para casar tem que gostar muito, ter condições financeiras de você casar e ir para sua casa, porque tem muitos que vão morar com a sogra e o sogro, já tem aquele ditado 'quem casa quer casa'. Tem que casar e ter certeza, que eu vou casar e vou para a minha casa, viver a minha vida." (2, g1).
- ✓ "Não tem tempo certo, acho que quando achar a pessoa certa, quando tiver condições." (8, g1).
- ✓ "Eu quero casar, filhos no máximo dois para não estourar o orçamento."
- ✓ "Depois que eu tiver uma formação, trabalho, condições financeiras." (5, g2).
- ✓ "Com certeza quando tiver condições de sustentar a mulher, os filhos" (3, g2).
- ✓ "A idade não tem nada a ver e sim a pessoa certa." (5, g2).

Silva – Qual a mulher ideal para casar?

- ✓ "Bonita, gostosa, fiel, sensual, inteligente." (8, g2).
- ✓ "Carinhosa, bonita e gostosa, fazer direito, cozinhar bem." (9, g2).

- ✓ "Ele quer uma empregada." (5, g2).

- ✓ "Tem que ter qualidade, saber lavar passar, cozinhar, não pode ser fofoqueira, tem que ser humilde, não pode ser muito saideira." (7, g2).

Especificamente, o discurso acima, deste adolescente chegando ao século XXI, é totalmente tradicional e parece copiar a descrição que Rousseau, que no século XVIII fez de Sofia, a mulher ideal para Emílio.

- ✓ "Assim, tudo depende, do meu gosto, não precisa ser bonita, mas eu gostando dela, ela gostando de mim. Não precisa ser exemplo de pessoa maravilhosa..." (7, g4).

- ✓ "Cerimônia com certeza, igreja e cartório. Eu gostando." (5, g4).

- ✓ "Quantos filhos Deus mandar e quando estiver pronto." (2, g4).

- ✓ "Ah! Depende, né, não sei, depois que eu curtir minha liberdade, porque depois que casa perde a liberdade, passa a ter responsabilidade, que for legal, bonita." (6, g4).

- ✓ "Cerimônia, o que for moderno a gente faz." (1, g4).

Entre os meninos, não existe uma unanimidade para a mulher ideal, parece um misto de "amélia", manequim e fêmea. A condição financeira, tanto para meninos como para meninas, é uma constante como pré-requisito para o casamento; fica muito evidente em seus discursos que só o amor não resolve.

Em relação à prole, os discursos confirmam-se nos grupos e são bastante atualizados, comprovando as estatísticas de que o número de filhos por casal está cada vez menor.

✓ "Eu no máximo 2 filhos." (9, g1).

✓ "Quatro filhos." (3, g1).

✓ "Uns dois filhos." (7, g3).

✓ "Não quero filhos." (6, g3).

✓ "Dois ou três filhos, ter condição financeira para sustentar, porque não adianta eu querer ter 3 filhos e não ter condições de cuidar dele." (3, g3).

✓ "Três filhos." (2, g3).

Quanto ao casamento e à constituição de famílias, a *Malhação* não demonstrou ser referencial significativo como demonstra a fala adolescente:

✓ "... eu acho que essa *Malhação* não tem uma estrutura familiar."

Mesmo sem os referenciais da novela, a constituição de família e o casamento formal continuam fazendo parte do imaginário de meninos e meninas, apenas deixaram de ter o caráter de legitimação de posse e de eternidade. Transformou-se mais em um momento festivo e alegre, é apenas a celebração de um ato que perdeu a força da ansiedade de um desejo a ser satisfeito na esperada *honey moon.* Demonstra-se aqui que a família e o casamento são elementos permanentes e fortes em nossa cultura e, embora o espelho não os reflitam, e a realidade se mostre transformada, continuam fazendo parte do cotidiano e do imaginário das pessoas.

O discurso evidencia o fato de que para os adolescentes, o amor não resolve tudo, como pensavam antigamente as meninas românticas; agora os valores para o par ideal são fidelidade, respeito e condições financeiras. Com relação aos filhos, o imaginário não comporta a família extensa do passado, e se depender da

vontade das mulheres, a taxa de fecundidade será sempre baixa e, neste assunto, os meninos tendem a respeitar a vontade de suas companheiras. A grande prole numerosa das famílias patriarcais não existe mais, o que se pretende é apenas perpetuar a união, e um filho, para a maioria, já é suficiente.

Nos discursos adolescentes sobre o casamento parece estar implícito um relacionamento partilhado, numa proposta de simetria do casal, onde a homem dominador já não encontra espaço e onde o respeito mútuo é um elemento emergente. É uma simetria que busca a compreensão na cena seguinte.

5.1.7. Cena 7 - Direitos iguais?

Permanece ainda a dominação do homem entre as quatro paredes do lar? Até a questão soa muito antiga.

A cena 7 tem o objetivo de discutir esse assunto. O casamento traz uma série de dificuldades, principalmente financeiras; Cacau começa a trabalhar, vendendo roupas masculinas. Mocotó é contra e fica em dúvida em como enfrentar a situação. Nas reflexões que faz diz em alto e bom tom: "*A Cacau é minha mulher e quem manda aqui sou eu*", mas não tem coragem de dizer isso a ela, até que Cacau, depois de ter sofrido assédio sexual durante o trabalho, muda de atividade passando a pintar e vender camisetas, no que também não é bem sucedida. O que se vê, é Mocotó sempre fazendo comida enquanto Cacau, vestida com um robe de seda, sentada na cama, passa creme nas pernas. Depois de feita a comida, Mocotó faz massagens nos pés de Cacau e chama-lhe de "meu amorzinho". A cena discutida mostra Mocotó fazendo macarronada quando Cacau chega da es-

cola:

Cacau: – "Posso perguntar uma coisa? Você se incomoda que eu trabalhe?"

Mocotó: – "O que você acha? Eu tô aqui olhando prá gente, poder crescer junto, podendo pensar em filhos, sei lá, as coisas parecem caretas, mas eu não consigo parar de pensar, por isso eu estou assim".

Cacau: – "Eu também Mocotó, vou prá aula e fico pensando em você, tento vender minhas roupas e continuo pensando em você e aí volto prá casa e de repente, não sei acho que estou cansada".

A estética da cena e do contexto é a materialização de um universo feminino imaginário, concretização de sonhos e o contraponto de problemas vividos pela mulher que resolve ser independente, estudar e trabalhar.

- ✓ "Eu trabalharia, que nem a Cacau, ela não tinha dinheiro para pagar a faculdade, então ela começou a vender camiseta." (2, g3).

- ✓ "Casar sem estrutura nem é para casar. Tem que pensar em guardar dinheiro para atingir o objetivo." (3, g3).

- ✓ "A gente vê muitos casos de que vivem anos felizes... perde emprego... bebe... paga para nascer, viver, morrer." (2, g3).

- ✓ "Eu não." (3, g1).

- ✓ "Se for preciso sim, se não não." (9, g1).

- ✓ "Eu vou trabalhar até o momento que eu casar, depois se for preciso eu continuo." (2, g1).

- ✓ "Eu vou trabalhar para não depender do marido." (6, g1).

- ✓ "Mesmo que o marido tenha condições eu vou trabalhar para mim." (4, g1).

- ✓ "Se ele for rico e eu chegar e falar que vou trabalhar, ele disser 'não você não precisa eu tenho condições de te sustentar', eu falo tudo bem, mas tudo que eu quiser você tem me dar sem reclamar." (2, g1).

- ✓ "Pelo que você está falando você quer casar com um homem rico?" (8, g1).

- ✓ "Não vou casar para passar necessidade." (2, g1).

- ✓ "Mas vai que você não ama esse cara?" (8, g1).

- ✓ O rapaz que eu gosto é bem de vida, mas antes de eu saber que ele era bem de vida eu já gostava dele. Ele me falou bem depois, porque ele falou que tem muitas meninas que se aproximam dele com interesse no que ele tem." (9, g1).

- ✓ "Pelo carro." (9, g1).

- ✓ "Maria Gasolina." (2, g3).

- ✓ "Tem amigas nossas que dão muito em cima dos meninos por causa do carro." (1, g1).

- ✓ "Conheço uma que casou por causa do dinheiro." (3, g3).

Sobre a mulher profissional, nota-se que houve uma mudança de uma fase da pesquisa para outra. Na primeira fase, a realização pessoal que incluia profissão, viagens, independência financeira, presente em grande parte dos discursos femininos, parece ter sido preterida por uma situação confortável junto a um marido provedor. As dificuldades financeiras do casamento fracassado de Cacau e

Mocotó teriam contribuído para esta mudança de opinião?

Constata-se pelo estudo comparativo, que a vida profissional não é unanimidade dentro do projeto de vida das adolescentes, quer da escola pública, quer particular.

Silva – Você deixaria sua mulher trabalhar?

- ✓ "Com certeza, lógico." (3, g4).
- ✓ "A mulher tem que ser independente, ter profissão." (5, g4).
- ✓ "Ter sua liberdade." (4, g4).
- ✓ "Todas querem trabalhar." (7, g4).
- ✓ "Eu acho que a mulher tem que ficar em casa, cuidar dos filhos pequenos." (2, g2).
- ✓ "Se tiver muito homem no lugar que ela trabalha pode ser perigoso, que nem a Cacau que estava vendendo roupa para homem." (3, g2).
- ✓ "Se eu tiver confiança nela, deixaria." (4, g2).
- ✓ "Se precisar ela trabalha." (8, g4).
- ✓ "Se ele tiver ganhando bem e ela quiser trabalhar aí vou achar que ela está com outro." (9, g2).
- ✓ "Se a mulher quiser trair, ela trai em qualquer lugar, depende da cabeça." (5, g2).

- ✓ "É difícil ter mulher que queira trabalhar." (5, g2).

- ✓ "Eu acho que na família é obrigação do marido, mas se ela quiser tudo bem." (1, g2).

- ✓ "A mulher tem que arrumar a casa, fazer comida para a hora que o marido chega cansado." (1, g2).

- ✓ "A mulher tem grande espaço hoje." (4, g1).

O discurso masculino de estudante de escola pública não é unânime com relação à mulher profissional; o que se nota é que a independência feminina não é confortável para o homem, que ainda conserva em seu imaginário a responsabilidade pela manutenção da família, que ao perder este papel pode perder também a dignidade, como concluiu Sarti (1996), e talvez por isso liguem o trabalho fora do lar com segundas intenções e traições da mulher. Nota-se, portanto um encaixe entre os discursos dos adolescentes da escola pública: o homem não quer que a mulher trabalhe, duvida das que o fazem e ela, sabedora disso, prefere não trabalhar.

Os adolescentes da escola particular são mais democráticos, mesmo porque na classe média o trabalho feminino fora do lar é de outra natureza, existindo todo um aparato auxiliar de prestação de serviços que, embora retire a esposa – mãe de seus afazeres domésticos, tais afazeres não deixam de ser executados e a vida no lar continua.

Não nos pareceu que os discursos adolescentes fossem conclusivos em relação à simetria do casal. Nas camadas médias, os meninos permitem que as mulheres trabalhem e levem uma vida independente, mas por outro lado as meninas preferem ainda depender do marido. Nas camadas populares os meninos, enquanto futuros maridos, esperam continuar sustentando a casa e as meninas

pretendem não trabalhar fora quando forem esposas. Entretanto, nas camadas populares existe uma visível pretensão masculina de dominação sobre a mulher, que não é encontrada nas camadas médias, comprovando um machismo ainda residual.

Sobre a influência da *Malhação* ou não no comportamento adolescente, esta cena foi bastante concludente. E aqui se torna imprescindível comparar esta fase da pesquisa com a primeira. Enquanto, lá na primeira fase, diante das cenas de paixão de Mocotó por Cacau, as meninas manifestavam seus desejos em continuar trabalhando depois de casadas, nesta segunda fase, diante das brigas do par romântico, depois de um dia de trabalho da personagem da novela, as meninas tornam-se reticentes. O trabalho feminino não é visto mais como uma conquista ou algo prazeroso; na maioria dos casos, é justificado apenas pela necessidade. Aqui se nota um possível "gotejamento", depósitos cognitivos que vão se acumulando no decorrer dos capítulos, das novelas, da programação e que acabam se cristalizando e se transformando em novos valores.

Em outras questões, os adolescentes manifestam-se em discursos evidentes :

- ✓ "A *Malhação* ensina a gostar de si mesmo, se cuidar, malhar, ficar 'sarado.'" (g4).
- ✓ "Alerta e também atrapalha. Vida diferente do que a gente leva." (5, g4).
- ✓ "Interfere de algumas maneiras. A convivência com os amigos." (3, g4).
- ✓ "Depende da cabeça." (6, g3).
- ✓ "As atitudes, ai podia fazer isso será que dá certo? Depende da pessoa." (4, g4).

- ✓ "Ter cabeça para saber se deve fazer ou não." (4, g1).

- ✓ "Alí é o diretor, sua vida é totalmente diferente." (3, g3).

- ✓ "Lá é encenação, a nossa vida não é encenação." (8, g3).

- ✓ "Na tv todos vivem felizes, nossas vidas são cheias de altos e baixos." (2, g3).

- ✓ "Por exemplo, a *Malhação* eu acho que ela passa coisas da vida real, ela conscientiza." (2, g1).

- ✓ "Em vários sentidos, a *Malhação* mostra certas coisas que acontecem na vida dela, está mostrando alí a realidade, que é um menino que namora uma menina e fazem várias coisas. Tenho um amigo que porque usa droga é discriminado, eu acho que não tem nada a ver, ele não é perfeito mas eu também não sou, ficar sem falar com ele eu acho que não tem nada a ver. E também tem programas que mostram muita fantasia que em *Chiquititas* da novela, mostra um lado lindo maravilhoso que até eu queria morar naquele orfanato, agora vai ver um orfanato na vida real é uma coisa que nenhuma criança gostaria de estar alí, quer dizer é uma fantasia." (2, g1).

"Tem influência sobre sexo, preconceito, hobby, dinheiro (a Priscilla só pensa em dinheiro), chavecar, mulher, jogar papo em mulher." (5, g2).

Conclusões

Partindo da reflexão sobre o papel da mídia televisiva, especialmente da telenovela *Malhação*, nas representações adolescentes dos papéis a serem desempenhados pelo homem e pela mulher, algumas respostas revelaram-se conclusivas, dentro das propostas deste trabalho.

Quando optei pelo texto imagético, foi por ter encontrado na novela *Malhação*, dentro das imagens televisivas, o espaço privilegiado para o olhar dirigido ao corpo, não só como a materialidade específica das inquietações adolescentes, como também *leit motiv da própria* novela. Nesse sentido, a pesquisa revela que tanto na ficção, quanto na cotidianeidade do adolescente, o corpo é apresentado de forma menos contida, desinibida e mais permeável ao contato físico e às práticas amorosas, demonstrando que o sexo faz parte de um corpo que deve ser usufruído e não negado.

O corpo, de maneira alguma, se esconde e as roupas que o cobrem ou desnudam são características emblemáticas de tipos femininos, integrados ao repertório de sedução. O jogo da conquista, ritualizado pelos reconhecidos símbolos exteriores do cobrir-se ou despir-se, é parte do patrimônio feminino real e dos personagens ficcionais exibidos em *Malhação*, permitindo que as meninas entreguem-se não só à sedução, mas à própria conquista, investindo e se declarando

para o seu objeto de desejo. Sem dúvida, os discursos adolescentes reconhecem que a novela *Malhação* é fonte de modelos e de inspiração para "chavecar", namorar, "ganhar" o outro, desvelando-se, assim, uma vitrine para os jogos amorosos, onde as meninas reinam absolutas e os meninos ressentem-se com a perda do privilégio da hegemonia que lhes era própria.

A mulher, no universo pesquisado, é um sujeito que se revela claramente no verbo "futurar", inserido no discurso de uma das adolescentes: "a mulher hoje está futurando no tempo".

Com "futurar", está sendo revelada não só a emancipação feminina, como sua participação no processo civilizador, onde as vontades manifestas dão-lhe a direção para a própria vida. Esta mulher liberada, emancipada, autônoma, dona de suas vontades, é a mulher presente em *Malhação*. É a mulher que faz as regras do jogo e domina seu espaço.

Sem dúvida, constatou-se transformações quando o homem entra no jogo feminino e aceita a manipulação. É uma situação que o coloca em dúvida ao viver sua masculinidade, onde a perda de referenciais, que não são os mesmos de seus pais e avós, causa-lhe um grande desconforto. Na tentativa de resguardar seus espaços de domínio, e compensar suas perdas, sem o poder do simbólico, a novela mostra exemplos de chantagens emocionais. Raramente são mostrados casos de repressão e força física.

No momento em que são contrapostos os valores patriarcais, à realidade, pode-se considerar a *Malhação* como instrumento de violência simbólica, por estar apresentando elementos residuais, reforçando permanências já em processo de extinção e apresentando elementos emergentes, como tentativas de inserir insólitas mudanças com a exposição do inesperado novo.

A virgindade, insistentemente defendida na novela, já não aparece na realidade como elemento imprescindível para a garantia da idoneidade feminina. Todavia, a virgem, dentro da *Malhação*, continua sendo a figura sedutora e o significativo objeto de desejo, transformada em mais uma arma de sedução da menina para o menino e da mídia para o espectador. Neste sentido, a virgindade enquanto valor pode ser caracterizada como residual, pois habitando quase que exclusivamente o imaginário, continua recebendo, por parte da novela, todo tipo de investimento para que permaneça na realidade.

A dominação masculina apresentada corresponde à realidade, mas a novela tenta enfraquecê-la, numa estratégia utilizada para seduzir um público, em sua maioria formado por mulheres. O que não deixa de ser um referencial muito significativo dentro das tendências comportamentais específicas de homens e mulheres. Ao criticar e rejeitar personagens machistas, o texto imagético está fazendo com que os adolescentes, na perspectiva de que somente modelos positivos são copiados, rejeitem personagens negativos. São mensagens subliminares, que vão povoando o imaginário do universo masculino, e neste sentido, a *Malhação* estaria contribuindo para a extinção da figura do macho dominador.

O preconceito ao homossexualismo ainda permanece, embora discursos emergentes contra ele tenham surgido. Nota-se mesmo uma forte cumplicidade entre o adolescente e a mídia. O adolescente sente-se desconfortável e até agredido com o assunto, e a televisão evita-o para satisfazer seu consumidor. Para que a sedução não se desfaça, os personagens homossexuais que incomodam são recolhidos e até mesmo exterminados, e ao escondê-los e negá-los retira-se a possibilidade de conhecê-los e aceitá-los. Apesar da visível presença de homossexuais nos espaços mais diversos da realidade, celebrou-se um pacto entre o espectador e o texto imagético, na tentativa de negar sua existência. Neste sentido, pode-se considerar a *Malhação* como um reforçador do preconceito ao homossexualismo.

O namoro, na ficção e na realidade, não é mais entendido como o momento de compromisso romântico e apaixonado, onde o conhecimento mútuo preparava e construía a promessa de casamento. Visto através da novela *Malhação* e dos discursos adolescentes, o namoro é uma aproximação física mais íntima, com compromisso de fidelidade e certezas de "transas", sustentado no sentimento de que "seja eterno enquanto dure". Quanto a isso, o texto-imagético é um espelho reforçador desse novo modelo, uma vez que suas imagens estão repletas de trocas de parceiros, em namoros passageiros e inconseqüentes

As relações sexuais antes do casamento são aceitas e até mesmo praticadas sem pudores, na novela e na vida real, mostrando-se significativamente como um elemento emergente. Entretanto, a atividade sexual mostrou-se maior entre os alunos da escola pública e isto se deve muito à idade dos adolescentes e não, apenas, ao contexto socioeconômico dos envolvidos. Sobre estas relações, a novela *Malhação* tem sido insistente na divulgação dos mais diferentes métodos contraceptivos, fato constatado nas falas adolescentes, onde admitem terem recebido informações sobre prevenção, anticoncepção, paternidade, maternidade e gravidez. Se depender da mensagem televisiva, a baixa taxa de fecundidade é um elemento com tendências a permanecer. As técnicas e métodos anticoncepcionais, que estão dando resultados entre a população adulta, são conhecidos pelos adolescentes, que na medida do possível estão tentando colocá-los em prática. Confessam, entretanto certa dificuldade, afirmando que no momento do contato mais íntimo, é difícil pensar em prevenção porque o corpo é muito mais forte e mais rápido do que o intelecto. Os discursos mostraram que a anticoncepção faz parte do patrimônio das informações e de suas opções de vida. Pelas vontades manifestas, de uma prole restrita, não existe a promessa de um retorno à família extensa do passado.

Dentro das técnicas e métodos para o controle da natalidade, o aborto é apontado tanto na realidade quanto na ficção. Conscientemente rejeitado e condenado, é justificado e praticado, tanto na *Malhação* quanto no cotidiano dos ado-

lescentes, constituindo-se em uma prática que permanece, oculta e negada, desde eras ancestrais.

Quanto ao casamento formal, as conclusões levam a crer que não são imanentes ao projeto de vida das adolescentes pesquisadas, fugindo às regras da boa conduta da época do patriarcalismo. E se antes o casamento era o objetivo maior para um ser inessencial, agora o ser feminino não é objeto, é sujeito de seus projetos, que busca outras conquistas como profissão, estudo, viagens e lazer. O casamento tem sido apontado como solução para acalmar consciências, não só no texto imagético como na vida real, legalizando desejos reprimidos, e também como saída para as famílias de "bem" repararem o erro de seus filhos. É evidente, entretanto, que a frase "até que a morte os separe" está esquecida tanto pelos adolescentes pesquisados como pelos personagens da *Malhação*. Sem a característica de eternidade, o casamento formal permanece modificado, é residual, e em muitos casos celebrado apenas pela pompa e circunstância.

Em certa medida, o publico espectador, o receptor estudante, demonstrou, que tem o discernimento suficiente para saber que existe uma relação dinâmica entre ele e a televisão, ou seja, o público interfere naquilo que está sendo apresentado. No momento que falam da manipulação da TV, os discursos defensores de tais idéias parecem um tanto ensaiados, retirados de uma bagagem cultural acumulada através da escola ou da família dos adolescentes, o que leva a acreditar que existe uma consciência do poder da televisão, mas não há segurança suficiente para identificar se este processo está acontecendo ou não em suas vidas.

O adolescente, em sua maioria, percebe que o texto mediático não é a realidade, mas a representação dela. Tem também a consciência, ou pelo menos manifesta-se enquanto tal, de que ao ligar a televisão para ver a *Malhação* está fugindo do cotidiano, está sendo seduzido por uma fantasia que o coloca num mundo idealizado, vivendo, através dos personagens, experiências como se fos-

sem dele próprio, em tentativas de viver através dos heróis suas próprias pulsões, empobrecendo suas experiências de vida. Sem dúvida, o consentimento dos espectadores, seduzidos pelo poder mágico da televisão, faz dela, por sua competência técnica, um instrumento de difusão dos elementos culturais, não só autóctones e contextualizados, como também dos arbitrários culturais descolados da realidade.

Ao concluir sobre as leituras adolescentes da novela *Malhação*, entende-se que o referido texto mediático é um texto de modelação, como um sistema de signos interpretáveis e, como tal, é uma mensagem compreendida e apreendida por uma experiência particular que lhe dá significado. Portanto, que as mensagens televisivas são o resultado do auto-reconhecimento, da cumplicidade e das negociações de sentido, sendo irrealista pensar que tais mensagens são recebidas por todos da mesma maneira. Sem dúvida, há um comprometimento do em torno cultural do espectador. O capital cultural, que é próprio de cada um, orienta o olhar e interfere na forma como as imagens são absorvidas e reelaboradas pelos adolescentes e, como eles mesmos afirmam, esse capital é adquirido na família, na escola é, principalmente, com o grupo de amigos, que mostrou-se de grande relevância em todas as discussões.

Quando os adolescentes admitem que a novela *Malhação* dita a moda e citam personagens que são imitadas no uso de "botinhas", "presilhinhas" e "sainhas", apresentam justificativas não só estéticas, como práticas. São cópias resultantes da insegurança própria da faixa etária, que imita para estar "fashion" e não correr o risco do ridículo. Evidenciando-se, assim, uma modelação, copiando a moda - manifestação externa de uma identidade, sonham e imaginam estar copiando também o próprio estilo de vida dos personagens, em seus comportamentos e atitudes.

Os discursos adolescentes são inquestionáveis quando afirmam que a novela, a televisão lhes dá todo um referencial para namoros, conquistas, e princi-

palmente, para a maneira de se vestirem. Neste campo, a influência da televisão pode ser entendida como um "alagamento", como uma enxurrada. São ondas que emergem repentinamente, sem a característica de permanência, modificando elementos, atitudes e comportamentos que não foram cristalizados. São atitudes emergentes e passageiras, que inundam os espaços sociais enquanto duram as presenças dos heróis e heroinas das novelas e programas de sucesso.

O grande poder da mídia televisiva, entretanto, revela-se com a repetição ostensiva, como uma tortura chinesa : é o "gotejamento", é o depósito invisível, mas contínuo, de cognições que vão se acumulando através das imagens representadas, repassadas e repetidas. O que era inadimissível passa a ser aceito, o que era insólito, passa a ser provável. As cognições anteriores vão sendo corroídas, e o que era inaceitável torna-se banal, possibilitando a instalação de novos modos de viver a realidade.

Ao concluir sobre as leituras adolescentes da novela *Malhação*, entende-se que o referido texto mediático é um texto de modelação, como um sistema de signos interpretáveis e, como tal, é uma mensagem compreendida e apreendida por uma experiência particular que lhe dá significado. Neste sentido, o contexto cultural, que dá significado e interpreta, não pode ser visto como o poder responsável pelos comportamentos e acontecimentos sociais, mas como um sistema entrelaçado dos referidos signos. Neste processo estão inseridas as mudanças mais significativas, embora mais demoradas. Neste sentido, pode-se prever, através das imagens repetidas pela telenovela *Malhação*, dentro do universo pesquisado, um novo poder para a mulher que é hoje adolescente e uma relação muito mais simétrica entre os casais, na constituição de suas futuras famílias.

Como pensamento final, concluo que a televisão, especialmente a tenovela *Malhação*, constitui-se fonte de modelos para os papéis do homem e da mulher, dentro das perspectivas de arranjos familiares futuros. Esta conclusão, entretanto, não pretende ser apocalíptica mas, reflexiva sobre a responsabilidade dos papéis

desempenhados pelos agentes socializadores primários, como a família e a escola, que cada vez menos estão se mostrando como modelos confiáveis de comportamento para crianças e adolescentes

Bibliografia

ABRAMO, Helena. *Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano.* São Paulo: Scritta, 1994.

ABREU, A. A. Quando Eles Eram Jovens Revolucionários. In: VIANNA, H. *Galeras Cariocas*. Rio de Janeiro: UFMJ,1996. p.181-205

ADORNO, Teodore et al. *Teoria da cultura de massa.* 4ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do Estado.* Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

ALVES, M. I. M. *O Vestibular e a escolha profissional.* Campinas, 1989. [Tese Mestrado – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP].

_____. A construção do conceito de família através da imagem da televisão. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambú, out. 1995.

ARANTES, A. A. *Colcha de Retalhos.* São Paulo: UNICAMP, 1994.

_____. Horas Furtadas: dois ensaios sobre consumo e entretenimento. Cadernos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP, abril de1993.

ARAUJO, Inácio et al. *Rede Imaginária.* São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

AZAMBUJA, R. S. A Decodificação do discurso adulto da televisão pelo público infantil. In: Souza, M. W. *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense. 1995.

BALANDIER, G. *As Dinâmicas Sociais. Sentido e Poder.* São Paulo: Difel, 1976

BARBERO, J. M. *De los medios a las mediaciones* . Mexico: MassMedia, 1987.

_____. América *Latina e os anos recentes:* o estudo da recepção em Comunicação Social. In: SOUZA, M. W. de (*org.). Sujeito, O Lado Oculto Do Receptor.* São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 39-68

_____. *Cidade Virtual: Novos Cenários da Comunicação.* Comunicação & Educação. Ano IV, nº 11, jan./Abr.1998, p. 53-67.

BASSANEZI, C. Revistas Femininas e o ideal de Felicidade Conjugal (1945-1964). Cadernos Pagú, 1, 1993, p.111-146.

BAUDRILLARD, J. *Sociedade de consumo.* Lisboa: Edições 70.

_____. *Da sedução.* Campinas: Papirus,1991.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo.* Trad. por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 7ª ed., Vol.1, 1991, e Vol. 2, 1990.

BENHABIB, S. & CORNELL, D. *Feminismo como crítica da modernidade.* Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1987.

BISBAL, M. A relação educação-comunicação: idéias para recolocar um reflexão. *Comunicação & Sociedade*, nº 26, São Paulo: Umesp, 1996, p.121-135.

BORELLI, S. H. S. Gêneros ficcionais: materialidade, cotidiano, imaginário. In: Souza, M. W. *Sujeito: o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BORDENAVE, J. E. D. *Além dos meios e mensagens*. 8ª ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. La domination masculine. Actes de la recherche en sciences sociales, 84:1990. Paris. Collège de France.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. *Razões práticas*. Campinas: Papirus, 1997.

_____. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *A Casa ou o mundo às avessas*. In: Corrêa,Mariza (org.). *Três Ensaios Sobre a Argélia & um Comentário*. Textos Didáticos, nº. 16, IFCH, UNICAMP, mar. 1995.

_____. & Passeron, J. C. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, C. & DUARTE, M. F. *Movimentos culturais e juventude*. São Paulo: Moderna, 1996.

BUCCI, E. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.

BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CADERNOS Pagú. *Núcleo de Estudos do Gênero.* UNICAMP/IFCH, Campinas (SP).

CALDAS, Graça. *Um Rádio para os trabalhadores.* Comunicação& Sociedade.N.28.1997.p.217-239

CANCLINI, N. *Culturas híbridas.* Buenos Aires. Sudamericana. 1990

CARVALHO, M. C. *A Família contemporânea em debate.* São Paulo: Cortez, 1995.

CECHETTO, Fátima. *As Galeras Funk Cariocas: entre o lúdico e o violento.* In: VIANNA, H. *Galeras Cariocas.* Rio de Janeiro:UFMJ,1996. p.95-118.

CLAUDIA Família. Adolescência. São Paulo: Abril, set. 1996.

COHÉN-SÉAT, G. & FOUGEYROLLAS, P. *La Influencia del cine y la television.* México: Fondo de Cultura Economica, s/d.

COLLIER, J. F. & Yanagisako, S. J. *Gender and kinship.* California: Stanford University Press, 1987.

COMUNICAÇÃO & Sociedade, nº 26 e 28. São Paulo: Umesp, 1996.

CORRÊA, M. Três ensaios sobre a Argélia & um comentário. *Textos Didáticos*, nº 16, IFCH. UNICAMP, mar. 1995.

_____. *Repensando a família patriarcal brasileira.* In: Arantes, A. A. et al. *Colcha de Retalhos.* Campinas: Editora da Unicamp, 1994. p. 43-59.

COSTA, M. T. P. da. *O programa Gil Gomes – A Justiça em Ondas Médias.* Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo.* São Paulo: Perspectiva, 1966.

DURHAN, E. R. *Cultura e ideologia.* In: Dados – Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 27, nº 1, 1984.

_____. *A Reconstituição da realidade. São Paulo*: Ática, 1978.

DURKHEIM, E. *Educação e sociologia.* São Paulo: Ática, 1978.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *Apocalípticos e integrados.* 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1990.

EMERY, E. et al. *A Introdução à comunicação de massa.* São Paulo: Atlas, 1974.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado.* Rio Janeiro: Bertrand, 1995.

EISENSTADT, S. N. *De geração a geração.* São Paulo: Perspectiva, 1976

ERIKSON, Eric. *Identidade, juventude e crise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1987

_____. *Infância e sociedade* . Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

ESTUDOS Feministas. IFCS/UFRJ.

FADUL, Anamaria. *Novas tecnologias de comunicação.* São Paulo: Summus Editorial, 1986.

FAUSTO NETO, Antonio & PINTO, Milton José (org.). *O indivíduo e as mídias.* Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

FERNANDES, Ismael. *Memória da Telenovela Brasileira.* São Paulo: Brasiliense, 1997.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. *Televisão subliminar.* Porto Alegre: Artes Médicas,1998.

FREUD, Sigmund. *O mal estar da civilização.* Lisboa: Imago, 1969.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala.* 22ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1983.

FESTINGER, Leon. *Teoria da dissonância cognitiva.* Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FOUCAULT, Michel. *A Mulher/Os Rapazes. Da História da Sexualidade.* São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *História da Sexualidade.* Vol.1, 13ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *História da Sexualidade.* Vol.2, 8ªed., Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1984.

GADET, F. & Hok, T. (org.). *Por uma análise do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GALLATIN, Judith. *Adolescência e individualidade*. São Paulo: Harper & Row, 1978.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Los usos de la diversidad.* Barcelona: Paidos, 1996.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade.* São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

GOBBO, Célia et al. *Preservando nossa história.* Americana (SP): Ripasa, 1999.

GOETHE, J. W. von. *Werther.* São Paulo: Abril Cultural, 1971.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias no Brasil contemporâneo e o mito da desestruturação. *Cadernos Pagú*, nº 1, p. 67-110, 1993.

_____. Famílias brasileiras; mudanças e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, nov. 1994.

GOLGRUB, Franklin. *Mito e fantasia.* São Paulo: Ática, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Representação do eu na vida cotidiana.* 7ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996.

GRISWORD, Wendy. *Cultures and societies in a changing world.* California: Pine Forge Press, 1994.

GROPPO, L. A. *O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil.* Campinas, 1996. [Tese Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Campinas].

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GREGORI, Maria Filomena. *The Misfortunes of Victimism*. Estudos Feministas. Special Issue/1st. sem.1999.p.116-124.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e Impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HEILBORN, M. L. *Corpos na cidade: sedução e sexualidade*. In: VELHO, G. (org.), *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*, Cap. 7, Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p. 98-108.

_____. A Primeira Vez Nunca se Esquece. *Estudos Feministas*, Vol. 6, nº 2, p. 394-405, 1998.

HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 4ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Sociologia de la vida cotidiana.* Barcelona: Ediciones Península, 1994.

HERZ, Daniel. *A História secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

HILL, W. F. *Aprendizagem*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

HOLLAND, Ray. *Eu e o contexto social.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979

IANNI, Otávio. O jovem radical. In: *Sociologia da Juventude I.* Rio de Janeiro. Zahar, 1968.

JACKS, Nilda. Tempo, espaço e recepção. In: FAUSTO NETTO, A. & PINTO, M. J. *O Indivíduo e as mídias.* Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

KEHL, Maria Rita. Imaginário e pensamento. In: SOUZA, M. W. (org.), *Sujeito, o lado oculto do receptor.* São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 169-179.

_____. Adultescência: a teenalização da cultura ocidental. *Folha de S. Paulo*, 20 set. 1998, Caderno Mais!, p.7.

KLAGSBRUNN, M. M. *A telenovela ao vivo.* In: Souza, M. W. (org.), Sujeito, *O Lado Oculto Do Receptor.* São Paulo: Brasiliense. 1995.

KOENING, Samuel. *Elementos de Sociologia.* 7ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

KOFES, Sueli. Entre nós mulheres, elas as patroas e elas as empregadas. In: ARANTES, A. A. (org.), *Colcha de Retalhos.* São Paulo: UNICAMP, 1994, p. 185-193.

LAGNEAU, Gérard. *A Sociologia da publicidade.* São Paulo: Cultrix/Edusp, 1991.

LAQUEUR, Thomas. *Making sex.* Cambridge, Massachusetts and London: England Harvard University Press, 1990.

LASCH, Chistopher. *A rebelião das elites*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

_____. *Refúgio num mundo sem coração*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

_____. *O mínimo eu*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LEAL, Ondina Fachel. *A leitura social da novela das oito*. Petrópolis: Vozes, 1986

_____. Cultura Reprodutiva e Sexualidade. *Estudos Feministas*, vol. 6, nº 2, 1998, p. 376-392.

LEVI, G. & SCHMITT (org.). *História dos Jovens*. Vols. 1 e 2, São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEVITT, Theodore. *A moralidade (?) da publicidade*. São Paulo: Biblioteca Harvard de Administração de Empresa. vol. 4, nº 9.

LOPEZ-PUMAREJO, Tomas. *Aproximacion a la telenovela*. Madrid: Catedra,1987.

MACLUHAN, Marshall, E. Bruce R. Powers. *The Global Village*. New York: Oxford University Press, 1989.

MARIANA, Maria. *Confissões de adolescente*. 17ª ed., Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992.

MATTELARD, Armand. *Comunicação mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATTELARD, Michele. *La cultura de la opresión feminina*. Mexico: Era, 1976.

_____. *Mujeres e industrias culturales*. Barcelona: Cuadernos Anagrama, 1981.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise do discurso*. São Paulo: Pontes/Edunicamp, 1990.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Sexo e repressão na sociedade selvagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude moderna. In: *Sociologia da Juventude*, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARX, K. & ENGELS, F. *A Sagrada Família*. 2ª ed., Portugal: Editorial Presença, s/d.

MASLOW, Abrahan H. *Maslow no Gerenciamento*. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 2000.

MATOS, O. C. F. Paris 1968 – *As barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MATUCK, Artur. *O potencial dialógico da televisão*. São Paulo, ECA-USP: Anablume, 1995.

MEAD, Margaret. A jovem de samoa e seu grupo de idade. In: *Sociologia da Juventude*. Vol. 2, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MICELI, Sérgio. *A noite da madrinha*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

MILLS, Wright. *A nova classe média.* Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MIRANDA-RIBEIRO, Paula. *Telenovelas and the sexuality transition among teenagers in Brasil.* The University of Texas at Austin, 1997.

_____. *Grupos focais e grupos de discussão.* Belo Horizonte: Cedeplar, 1999.

MORAES, M. L. Q. de. *Infância e cidadania.* Caderno de Pesquisa, nº 91, Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas, nov. 1994.

_____. & SILVA, M. da. *Vida de mulher.* Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: Neurose.* 9ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1997.

_____. *Cultura de massas no século XX: necrose.* 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1986.

NISBET, Robert. *La Sociologia como forma de arte.* Madrid: Espasa-Calpe, 1979.

NOVAES, Adauto (org.). *Rede imaginária: televisão e democracia.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

OLIVEIRA, M.Coleta. A Família Brasileira no Limiar do Ano 2000.Estudos Feministas.Vol.4. N.1. p.55-63.1996

OLIVEN, A. C. *A sociologia da educação nos Estados Unidos e na Inglaterra: uma análise comparativa.* Cadernos CEDES, nº 27, Campinas: Papirus, 1992.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, R., BORELLI, S. H. S. & RAMOS, J. M. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARSONS, Talcott. *Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas*. São Paulo: Pioneira Editora, 1969.

PASSERINI, Luisa. A Juventude, Metáfora Da Mudança Social. In: LEVI, G. & SCHMITT, J. C. (org.). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 319-382.

PERROT, Michelle. O nó e o ninho. *Veja*, São Paulo: Abril Cultural, Caderno Especial "Reflexões para o futuro", 1993.

PHILO, Greg. *Seeing & Believing. The influence of television*. London: Routledge, 1995.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

_____. *Estudos sociológicos*. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

_____. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Ju, 1973.

_____. *Para onde vai a educação*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

PISCITELLI, Adriana. *Gênero em perspectiva*. Cadernos Pagú.N.11.1998.p.141-155

_____ *Imagens com Lugar na História.* Estudos Feministas.Vol.3.N.1.1995. p.271-274

_____ *Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico.* Cadernos Pagú.N.1.1993. p.149-171

POPENOE, David. *Disturbing the nest family: change and decline in modern societies.* New York: Aldine De Gruyter, 1989.

POLIZZI, Valéria P. *Depois daquela viagem.* 15ª ed., São Paulo: Ática, 1999.

POSTMAN, Neil. *Desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PUMAREJO, T. L. *Aproximacion a la telenovela*. Madrid: Catedra, 1987.

REIMÃO, Sandra (coord.). *Em instantes: notas sobre a programação da televisão brasileira*. São Paulo: Cabral Editora, 1997.

RODRIGUES, J. C. *Durkheim*. São Paulo: Ática, 1984.

RIBEIRO, Ivete & RIBEIRO, Ana Clara. *Família e desafios na sociedade brasileira.* São Paulo: Edições Loyola, 1994.

RIBEIRO, Paula M. *Telenovelas and the Sexuality Transition among Teenagers in Brasil.* Texas, 1997. [Tese de Doutorado – The University of Texas at Austin].

RICOEUR, Paul. *História e verdade*. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RUBIM, A. A. C. , BENTZ, I. M. G. & PINTO, M. J. (orgs.). *Produção e recepção dos sentidos midiáticos*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROCCO, M. T. F. *Linguagem autoritária*. São Paulo: Brasiliense, s/d.

SALINGER, J. D. *O apanhador no campo de centeio*. 13ª ed., Rio de janeiro: Editora do Autor, s/d.

SANTOS, Rafael. *A Publicidade e a Representação da Juventude – Um Estudo sobre os Mecanismos da Produção Publicitária.* Campinas, 1992. [Dissertação de Mestrado – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas].

SARLO, Beatriz. *Escenas de la vida posmoderna.* Buenos Aires: Ariel, 1994.

SARTI, Cynthia A. *A família como espelho*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

SELLTIZ et al. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: E. P. U., 1975.

SILVA, C. E. L. da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.

SKOLNICK, Arlene. *Embattled paradise: the american family in an age of uncertainty.* New York: Harper Collins Publishers, 1991.

SODRÉ, Muniz. *A Máquina de Narciso*. 3ª ed., São Paulo: Cortez, 1994.

STEWARD, David W. & Shamdasani, Prem N. Focus Group. *Theory and practice.* USA: Sage Publications, 1990.

STRASBURGER, Victor C. *Os adolescentes e a mídia – impacto psicológico.* Porto Alegre: Artmed, 1999.

SCHWARTZ, Tony. *Midia: o segundo Deus.* 2ª ed., São Paulo: Summus, 1985.

TEMPO Social. Revista de Sociologia da USP. São Paulo.

TESTER, Keith. *Media, culture and morality.* London and New York: Routledge, 1994.

TONDATO, M. P. & CARRARA, R. Anos 90. TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de TV por assinatura. In: REIMÃO, S. (Coord.). *Em instantes; notas sobre a programação da televisão brasileira.* Cap. 4, São Paulo: Cabral, 1997, p. 65-94.

UNESCO. *Um mundo e suas vozes.* Relatório da Comissão Internacional para o Estudo dos Problemas da Comunicação. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

VELHO, Gilberto (org.). Antropologia urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

VIANNA, Hermano (org.). *Galeras cariocas.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

VIANNA, Oliveira. *Instituições políticas brasileiras.* São Paulo: José Olympio, 1949.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais.* Vols. I e II. São Paulo: Cortez, 1995.

WERTHEIN, Jorge (org.). *Meios de comunicação: realidade e mito.* São Paulo: Editora Nacional, 1979.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura.* São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. *Television: technology and cultural form.* New York: Schoken Books, 1975.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação.* Campinas: Papirus, 1998.

ZAGURY, Tânia. *O adolescente por ele mesmo* Rio de Janeiro: Record, 1996.

ZALUAR, Alba. Gangues, Galeras e Quadrilhas. In: VIANNA, H. (org.). Galeras Cariocas. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, p. 17-57.

BRAZIL. Beyond Citizen Kane. Simon Hartox. Large Door Limited. Channel Four, 1992.

Anexos

Anexo 1

Questionário Espontâneo

A Família Hoje

1-Idade_____ 2- Sexo

3- Número de filhos 4- Sexo dos filhos M ( ) F ( )

5- Nível de Instrução 1° Grau ( ) 2° Grau ( ) Superior ( )

6- Profissão _____

7- Número de Pessoas Residentes no domicílio: ( )

8- Grau de parentesco das pessoas que residem no mesmo domicílio
Pai ( ) Mãe ( ) Filhos de ambos ( ) Avô ( ) Avó ( )
Cônjuge do pai ( ) Cônjuge da mãe ( ) Filhos de um dos cônjuges ( )
Empregada Doméstica ( ) Filhos da empregada doméstica ( )
Outros ( ) quais?_____

9- Situação matrimonial atual _____

10- Número de uniões estáveis ( )

11- Tempo de duração da atual união: _____

12- Situação econômica da família : participação do marido ___%
participação da mulher ___%
participação dos filhos ___%
outros _____%

13- Em sua opinião, a família hoje passa valores para os filhos ? Sim ( ) Não ( )

Poderia Exemplificar? _____

14- Que outras instituições estão hoje passando valores para o jovem?

Televisão ( ) Escola ( ) Outras( )

15- Qual você considera que tem mais influência sobre os seus filhos e/ou jovens em geral?

_____ Por que ?

16- Com qual das famílias apresentadas você mais se identifica?

Guardiães de Valores ( ) Pais Aflitos ( )

Moralistas ( ) Resistentes ( )

Liberais ( ) Patriarcas ( )

17- Qual delas mais se aproxima da sua ? _____

Por que ? _____

18- O que seria importante para a família hoje ?

Comentários:

Anexo 2 : Questionário

1- Idade_____ 2- sexo_____ 3- raça_____

4-Escolaridade. Até que série seu pai estudou?_____até que série sua mãe estudou?____

5-Qual é sua religião ?_____qual a religião de seus pais?_____

6- Com que freqüência você vai à Igreja? 1 vez por semana ( ) 1 vez por mês( )

outros( ) quantas vezes?_____

7- É filho único? Sim ( ) não( ) Se não, quantos irmãos você tem?_____

8- Você mora com seus pais? Sim( ) não ( )

9- Se não mora com os pais, quais as pessoas que moram na mesma casa que você?_____

_____

10- Qual a renda mensal de sua família? De 1 a 5 salários ( ) de 6 a 10 salários( )

De 11 a 15 salários ( ) mais de 15salários( )

11-Tem aparelho de televisão em sua casa? sim ( ) não ( ) Quantos ( )

12- Onde você assiste televisão? Sala( ) quarto( ) cozinha( ) vizinha( )Outros( )

13- Sua família assiste televisão junta? Sim( ) não ( )

14- Quais os programas preferidos de sua família?_____

15- Quais as pessoas de sua casa que assistem novela?_____

16- Assistem novela todo dia ? sim( ) não( ) outros( )quantas vezes por semana?____

17- Quais as novelas preferidas?__ _____

18- Quantas horas por dia você assiste televisão ?_____

19- Você assiste *Malhação*? Sim( ) não( )

20- Você trabalha ? sim( ) não( ) Se trabalha, qual seu horário de trabalho?

Tarde( ) Noite( ) Finais de Semana( )